Fundador: Francisco Pinto Balsemão

Expresso

28 de junho de 2024
2696 • • Semanário

Diretor: João Vieira Pereira
Diretores-Adjuntos: David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete e Paula Santos
Diretor de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

24h

Central nuclear de Almaraz vai fechar

A central nuclear de Almaraz, na província espanhola de Cáceres, a 110 quilómetros de Portugal, vai ser desmantelada até 2028. Segundo dados da Plataforma de Contratação Pública, o projeto de desmantelamento poderá custar €28 milhões e tem um prazo de execução de cinco anos.

Leonor de Espanha visita Portugal

Leonor, filha e herdeira do rei Felipe VI de Espanha, virá a Portugal a 12 de julho, naquela que será a sua primeira viagem oficial, aos 18 anos. A princesa de Astúrias virá com o ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país e será recebida por Marcelo Rebelo de Sousa. A viagem centrar-se-á em temas de ambiente e conservação dos oceanos.

Metsola e Von der Leyen em Cascais

O Partido Popular Europeu vai estar em força em Portugal na próxima semana. De 2 a 5 de julho decorrem em Cascais os *study days* da maior família política europeia. No encontro, onde vão estar Ursula von der Leyen, Roberta Metsola, Durão Barroso, Marcelo Rebelo de Sousa e Carlos Moedas, participam também os eurodeputados.

Casa da Música

A ministra da Cultura nomeou o ex-deputado do PSD Luís Campos Ferreira para presidente do Conselho de Fundadores da Casa da Música.

Integram a edição semanal, além deste corpo principal: ECONOMIA, REVISTA E e ainda GUIA DO ESTUDANTE

Cavaco defende eleições para desbloquear impasse político

"Aumento do bem-estar das famílias" depende de maioria parlamentar

Num artigo exclusivo para o Expresso, o ex-Presidente da República identifica as políticas necessárias "para que o bem-estar das famílias portuguesas dê um importante salto em frente" na próxima década e cruza-as com os cinco cenários políticos que acredita serem mais plausíveis num futuro próximo. E conclui que a probabilidade de sucesso só será "muito alta" no caso de Portugal vir a ter um "Governo com apoio maioritário na Assembleia da República na sequência da realização de eleições legislativas, antecipadas ou não". Sem nunca ser explícito sobre o cenário atual, Cavaco Silva — apoiante e conselheiro de Luís Montenegro — deixa claro que a atual situação política (um Governo com apoio minoritário e com "dificuldade de entendimento" com os partidos da oposição) torna inviável a aplicação de políticas públicas orientadas para o crescimento da produção interna, da produtividade e da competitividade externa. E sugere que a única alternativa a eleições que gerem uma maioria parlamentar é um novo quadro político, com menor peso "dos partidos extremistas", que permita um clima de "entendimento tipo pacto de regime entre os partidos que apoiam o Governo e partidos da oposição para aprovarem as políticas" que julga necessárias. Ainda assim, atribui a este segundo cenário uma probabilidade de sucesso menor. P14

Marcelo e Aguiar-Branco pressionam pacto para a Justiça

Belém atribui a Luís Montenegro a responsabilidade de chamar Pedro Nuno para conversações

PS e Governo querem fazer mudanças nas regras do processo penal. Marcelo quer o tema resolvido antes da substituição da PGR e o presidente da Assembleia da República já iniciou conversas com os partidos. Enquanto isso, sobe a pressão sobre Lucília Gago, que terá de ir ao Parlamento. P10

Galamba já pediu cinco vezes para ser ouvido

Arguidos que não foram detidos estão há mais de sete meses sem serem ouvidos. MP ainda não tem prova pronta P5

Salário médio nas grandes empresas é inferior a €1500

As 20 maiores respondem por 3,8% do emprego nacional. Só 25% pagam acima de €1500 brutos E24

Portugal: as indefinições de um candidato à vitória no Europeu P6

FOTO MIGUEL RIOPA/AFP VIA GETTY IMAGES

"Construtor de consensos", António Costa tem tarefas de peso, como o próximo quadro financeiro, o alargamento da UE ou o modelo de defesa europeu P8

OS (DIFÍCEIS) TRABALHOS DE COSTA NA EUROPA

Governo admite legalizar imigrantes sem processo

Estrangeiros em situação irregular, mas a trabalhar e com descontos, poderão ter regime excecional. Ministro da Presidência "tem a intenção de encontrar uma solução" para estas pessoas "em contexto de negociação parlamentar". O Governo recua na ideia de impedir a legalização de quem não a tinha pedido na AIMA. P18

IQBAL, A VÍTIMA DO ÓDIO ALIMENTADO PELO CHEGA R26

Quem é Keir Starmer, o próximo líder britânico? R18

Ganhe quem ganhar, será um pesadelo governar a França P28eE9

João Vieira Pereira

Montenegro, quem diria?

À medida que o tempo passa, Luís Montenegro vai fortalecendo a sua imagem de primeiro-ministro. Primeiro estranha-se, depois entranha-se — aplica-se de forma perfeita ao primeiro-ministro, que nos círculos mais altos da política é rotulado como uma surpresa ou até com um infando "saiu melhor do que a encomenda".

Há pouco mais de um ano só alguns acreditavam na sua capacidade de chegar ao mais alto cargo executivo da nação. As críticas choviam de todo o lado. As menos audíveis, mas certamente as mais preocupantes, vinham do seu partido, onde muitos suspiravam secretamente por uma derrota que possibilitasse uma alteração de liderança. Passos Coelho e os seus indefetíveis acólitos preparavam o dia seguinte às legislativas como o dia D, o da reconquista do poder perdido em 2015.

A magra vitória nas legislativas não deitou por terra estas aspirações. Um Governo apoiado por uma maioria parlamentar ténue deixava perceber que o prazo de validade de Montenegro poderia ser curto. Não só pela fragilidade de ter de equilibrar PS e Chega no mesmo tabuleiro, mas acima de tudo porque a quase vitória de Pedro Nuno Santos deixava o novo líder socialista consideravelmente otimista face ao futuro. Acresce que o resultado expressivo de André Ventura ajudava a fortalecer a ideia de que o regresso de Passos Coelho seria sempre vitorioso, por ser aquele que mais votos poderia roubar ao errante populista e sonhar com uma nova maioria absoluta à direita.

Mas ninguém parecia contar com a surpresa Montenegro. A tarefa mais fácil que teve foi a de calar os críticos internos. Os que conseguiu, ou podia, trouxe para dentro do Governo ou do seu círculo próximo, fazendo com que se tornassem os seus maiores aliados, seguindo a máxima "mantenha os seus amigos perto e os seus inimigos mais perto ainda". Hoje não há uma voz dentro do PSD que se atreva a dizer mal de Montenegro, que vaticine o seu fim ou que prepare sequer um qualquer possível golpe palaciano.

Resistiu às eleições europeias com um golpe de marketing chamado Bugalho, que lhe correu melhor do que poderia esperar. Já ninguém se lembra da derrota, tão-pouco da vitória de Marta Temido. Mérito seu, que na noite eleitoral apresenta um passo de mágica ao lançar o seu apoio inequívoco a António Costa para presidir ao Conselho Europeu. Se Costa falhasse, a responsabilidade seria apenas sua; se conseguisse, Montenegro colheria os louros de o ter apoiado desde o primeiro momento.

Nestes quase 100 dias, o seu maior triunfo foi a imagem de fazedor que incutiu ao seu Governo. Descida de impostos, decisão do aeroporto, plano de emergência para a Saúde, medidas para a imigração, pacote anticorrupção, reforma da Administração Pública. Não está em causa a qualidade das mesmas, discussão importante mas secundária para o objetivo final. Em pouco tempo, Montenegro passou a rimar com capacidade de decisão. Mesmo que seja difícil ou mesmo impossível avançar com muitas dessas propostas, ninguém lhe tira o mérito de as querer fazer. E essa será sempre a vantagem que procura, o capital de queixa perfeito que usará para se manter como primeiro-ministro ou para disputar novas eleições.

Nestes quase 100 dias, o maior triunfo foi a imagem de fazedor que incutiu ao seu Governo, a vantagem que procura, o capital de queixa perfeito que usará para se manter como primeiro-ministro ou para disputar novas eleições

Mas há mais. Conseguiu, para já, condenar Pedro Nuno Santos a um esquecimento progressivo (ao ponto de Alexandra Leitão já admitir que gostaria de ser primeira-ministra) e André Ventura a uma titubeação permanente. Deixar o Governo cair no próximo Orçamento tornou-se um exercício de enorme risco para a oposição. Não havendo nenhum sismo político exógeno, o próximo grande desafio político de Montenegro serão as eleições presidenciais (as autárquicas serão sempre um risco enorme para o PS, que dificilmente poderá ter um resultado tão expressivo como o de 2021). Com António Costa fora da corrida, Pedro Nuno poderá ter de, a contragosto, apoiar Mário Centeno, a única figura que se perfila à esquerda. Mas é à direita que se percebe a magnitude do que Montenegro conseguiu. Deixou a Passos Coelho apenas a hipótese de concorrer ao único cargo que ele não queria, o de Presidente da República. Tudo em pouco mais de três meses. Quem diria?

jvpereira@expresso.impresa.pt

Duelo — A atuação da procuradora-geral da República tem sido cada vez mais questionada e os casos na Justiça multiplicam-se

Paulo de Sá e Cunha

Advogado

Paulo Lona

Procurador, presidente do Sindicato dos Magistrados do MP

Lucília Gago deve ir ao Parlamento explicar os escândalos da Justiça?

SIM No Estado de direito democrático não há poderes absolutos nem entidades insuscetíveis de escrutínio. O princípio da separação e interdependência dos poderes assim o impõe. Este princípio aplica-se também ao Ministério Público (MP) e à sua atividade. Caberá à procuradora-geral da República, sua máxima responsável, o dever de prestar os esclarecimentos que, legitimamente, lhe sejam solicitados pelos órgãos de soberania, podendo fazê-lo publicamente, com respeito pelo segredo de Justiça e por outros segredos legais que devam ser preservados.

Estranha-se, por isso, que cause celeuma a possibilidade, cada vez mais real, de a procuradora-geral da República vir a ser chamada à Assembleia da República (AR), para ser ouvida a respeito das recentes polémicas suscitadas pela atuação do MP. A audição parlamentar de procuradores-gerais da república nem sequer é novidade. Desde 2000, todos os titulares do cargo foram chamados a prestar esclarecimentos, em circunstâncias semelhantes e até menos graves do que aquelas que hoje estão em causa. Assim sucedeu com Souto de Moura (2005 e 2006), Pinto Monteiro (2010 e 2011) e Joana Marques Vidal (2018, após ter cessado funções).

Estranha-se que cause celeuma a possibilidade de a procuradora-geral vir a ser chamada à AR

É inequívoca a pertinência da audição de Lucília Gago. Pode questionar-se a sua oportunidade, uma vez que está a terminar o mandato. E pode, ainda, antecipar-se que estas iniciativas servirão mais para alimentar o circo político-mediático do que para diagnosticar problemas e delinear soluções. Ainda assim, impõe-se a audição da procuradora-geral da República.

É bom ter presente o estado a que se chegou. A atuação do MP conduziu — ainda que em conjugação com outros fatores — a um terramoto político, seguido de réplica, o primeiro ao nível da República, a réplica na Madeira. Assiste-se à insuitada divulgação pública de uma escuta, cuja relevância para a investigação em causa não se alcança. Recorde-se, a propósito, que Sócrates, Passos Coelho e, agora, Costa, enquanto primeiros-ministros, foram todos eles apanhados em escutas que acabaram por vir a público. De permeio, e apesar da sempre propalada escassez de recursos, depara-se com impressionantes mobilizações de meios, envolvendo a intervenção de dezenas de agentes da Justiça, ainda que, por vezes, apenas para investigar faturas de almoços...

A isto soma-se aquela que é a maior perversão do funcionamento do sistema: a dos inquéritos perenes. São inquéritos abertos há anos (em alguns casos, mais de uma década) e que perduram, desnorteados do seu objeto inicial (cite-se o caso EDP e a velhinha Operação Monte Branco). São estas investigações que permitem, subvertendo os princípios do processo penal, manter escutas e realizar buscas ao longo de anos e em diversas direções, numa verdadeira "pesca de arrasto" investigatória (contando com a complacência de juízes de instrução, sempre generosos em autorizações).

Em suma, razões de monta que justificam — dir-se-ia, reclamam — a prestação de esclarecimentos por parte de quem lidera uma magistratura hierarquizada, mas tradicionalmente avessa à subordinação.

NÃO É importante que a Procuradoria-Geral da República comunique mais e melhor com a sociedade e com os cidadãos, em especial quando alguns no espaço mediático querem fazer passar a mensagem de que o Ministério Público (MP) atua com intenções políticas e fazem comparações completamente despropositadas entre a PIDE e o MP (uma magistratura titular da ação penal e que defende o interesse público não se compara com uma polícia política; embora, pelos vistos, alguns queiram substituir uma magistratura titular da ação penal por um regime em que a polícia é ela própria responsável por uma investigação não controlada por uma magistratura e em que são feitas escutas telefónicas não autorizadas nem controladas por um juiz).

Essa comunicação da Procuradoria-Geral da República é essencial e a sua ausência abre espaço à especulação política e teorias da conspiração sobre a atuação do MP na área penal. Contudo, essa comunicação não se deve confundir com levar ao Parlamento uma procuradora-geral da República para falar sobre processos concretos, em investigação e sujeitos a segredo de Justiça, violando a separação de poderes num Estado de direito.

A procuradora-geral da República não deve ir ao Parlamento falar de processos concretos sujeitos a segredo de Justiça

Citando Almeida Santos, "efetuada a nomeação, e sobretudo a partir da garantia e relativa inamovibilidade que lhe confere a fixação de um mandato, nem aqueles órgãos de soberania, nem qualquer outra esfera do poder político pode interferir na sua ação concreta".

A procuradora-geral da República não deve ir ao Parlamento falar de processos concretos sujeitos a segredo de justiça. Aliás, é de notar que nunca o Parlamento se preocupou em ouvir um procurador-geral da República sobre dois relatórios anuais essenciais, elaborados pelo MP, o relatório da atividade do Ministério Público e o relatório relativo à prossecução dos objetivos de política criminal fixados.

Gostaria de ver o Parlamento preocupado com a situação de falta de investimento na Justiça e questionar a procuradora-geral da República não sobre processos concretos, mas sim sobre os recursos humanos, materiais e tecnológicos que tem ou não tem para conferir a celeridade que todos gostaríamos às investigações criminais. Era bom que o Parlamento se pronunciasse sobre a falta de mais de 400 oficiais de Justiça nos serviços do Ministério Público (1200 no total das secretarias judiciais e do MP), que levou a que em finais de março estivessem 27.200 processos de inquérito por registar e autuar, 117.400 despachos em inquéritos por cumprir, mais de 137 mil papéis por juntar aos processos, mais de 625 mil outros atos por praticar e notificações de acusações de violência doméstica por cumprir há mais de seis meses.

A Semana

Por Martim Silva
mgsilva@expresso.impresa.pt

PORTUGAL NO EURO 24
A seleção portuguesa (ou como a vemos) é uma montanha-russa. Somos os maiores, depois somos umas bestas, depois os maiores outra vez e finalmente voltamos a ser do piorio.

EURO 2024
Terminou a primeira fase da competição de um torneio que ainda não entusiasmou. Dos favoritos, só mesmo a Espanha é que está afinada e os restantes parecem todos, de uma forma ou outra, estarem um pouco aquém. Mas agora começa outro campeonato (Portugal joga segunda-feira com a Eslovénia).

ASSANGE
Após um calvário de mais de uma década, o mais famoso *whistleblower* da história está finalmente livre, depois de ter aceitado considerar-se culpado aos olhos das autoridades norte-americanas (que lhe aplicaram uma pena equivalente ao tempo que já tinha estado detido).

REINO UNIDO
A vida não corre bem aos Conservadores liderados por Sunak, que se preparam para uma derrota nas legislativas e além disso se veem envolvidos num escândalo de apostas sobre a data das eleições.

SEMANA DE 4 DIAS
Um estudo-piloto sobre a implementação da semana de quatro dias deu sinais positivos — entre as 41 empresas que testaram o modelo, só quatro regressaram à semana normal de cinco dias —, mas os empresários continuam céticos sobre a sua aplicação.

ROCK IN RIO
O festival musical celebrou os 20 anos e pela primeira vez os quatro dias de concertos passaram da Bela Vista para a zona oriental de Lisboa (onde o Papa foi acolhido). Além das habituais multidões, o certame foi marcado por muitas queixas este ano.

MADEIRA
Miguel Albuquerque continua sem conseguir levar a bom porto as negociações para a viabilização do seu governo na Madeira. Nos últimos dias, um entendimento com o Chega parece ser o mais viável.

GYÖKERES
O avançado sueco que tapa o rosto com as mãos cada vez que marca um golo, e foram muitos na última época, revelou o significado do gesto: vem de uma frase — "ninguém quis saber até eu pôr a máscara" — do vilão Bane, personagem do "Batman".

CIGANOS
Assinalou-se o Dia Nacional do Cigano e o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, aproveitou para realçar que "os ciganos são portugueses" e que ainda "prevalecem situações de discriminação" que devem ser combatidas. Um alerta útil nos tempos que vivemos.

DÉFICE
O Estado terminou o primeiro trimestre com um défice de 0,2% do Produto Interno Bruto. No mesmo período há um ano tinha-se registado um excedente de 1,1%.

EXPRESSO NA RÚSSIA
A Rússia decidiu banir do seu país um conjunto de 81 órgãos de comunicação social europeus, entre os quais o Expresso, a RTP, o "Público" e o Observador.

COSTA EUROPEU
Depois das hesitações, os líderes dos 27 chegaram a acordo (conseguido entre socialistas, liberais e PPE) para que Von der Leyen seja reconduzida na presidência da Comissão. E para que ao lado, como líder do Conselho, esteja o português.

Miguel Sousa Tavares

Normalizando o abuso

Os meses em que trabalhei na Comissão de Extinção da PIDE, logo a seguir ao 25 de Abril, se bem que não tenham servido para nada em termos práticos, serviram-me a mim de lição para a vida, em termos pessoais. Prestes a terminar a licenciatura em Direito, ocupei-me com entusiasmo da investigação de alguns dossiês que, julgava eu na minha ingenuidade, iriam servir para levar a PIDE e os seus agentes a julgamento pelos crimes cometidos contra os poucos que haviam resistido ao sufoco da ditadura do Estado Novo. Não serviu para isso, pois que a PIDE tinha os seus cúmplices e o esquecimento dos seus crimes tinha as suas vantagens. Mas, enquanto levava a cabo as investigações, aconteceu-me por vezes tropeçar em transcrições de escutas telefónicas que a PIDE montara a diversas personalidades da resistência. Quando isso sucedeu, experimentei um imediato instinto de nojo, quase físico, que me impediu até de ler aquilo na íntegra e me fez jurar a mim próprio que jamais contaria a alguém que, por acaso e por azar, tinha tido acesso a conversas de telefone de fulano e beltrana. Porque creio que nem os próprios escutados se dão conta na plenitude do que é o conteúdo de uma escuta telefónica onde uma pessoa fala com outra de forma absolutamente despreocupada e julgando-se segura: está ali tudo sobre a vida dessa pessoa, não apenas o que possa interessar a uma investigação criminal, legítima ou ilegítima, mas tudo o mais — a sua vida conjugal, extraconjugal, familiar, amorosa, íntima, profissional, económica, a sua situação de saúde, as suas dívidas ou compromissos, os seus pensamentos reservados sobre os outros, enfim, todos os impartilháveis segredos que cada um de nós tem. Até hoje, custa-me entender que quem faz profissão de escutar as conversas alheias não tenha o mesmo sentimento de nojo que eu senti.

A Constituição e o Código de Processo Penal por que nos passámos a reger após 1974 — dois documentos que são uma espécie de marca de água de um Estado de direito — reflectiram desde logo a vontade de nunca mais, fosse qual fosse o pretexto, permitir que a lei se sobrepusesse aos direitos e garantias essenciais dos cidadãos de uma democracia. Mas é impressionante verificar como as sucessivas revisões do CPP foram avançando sempre, e perante o conformismo geral, no sentido de diminuir essas garantias e direitos. Os pretextos foram sempre os mesmos: o excesso de trabalho dos investigadores e a complexidade crescente da criminalidade — não obstante nunca, como hoje, a investigação criminal ter disposto de tão amplas capacidades: desde a cooperação internacional institucionalizada, passando pelo acesso ilimitado ao segredo bancário dos suspeitos e às suas transacções financeiras, continuando nos meios de vigilância electrónica, nas escutas à distância, no cruzamento de dados por via informática, na localização instantânea ou remota de alvos e em tudo o mais que nem sequer sabemos. Todavia, passo a passo, na lei ou na prática, a investigação foi conquistando paulatinamente terreno às garantias dos investigados: prorrogação sistemática dos prazos a favor do Ministério Público (MP), em contraste com os da defesa, que são peremptórios; banalização das buscas domiciliárias, bastas vezes feitas sob a forma de impressionantes operações mediático-militares destinadas a humilhar publicamente os suspeitos; apreensão rotineira dos telemóveis e computadores pessoais dos buscados, hoje em dia instrumento indispensável de gestão da vida profissional e pessoal de cada um; banalização do recurso à detenção prévia para interrogatório, por vezes durante dias, até que o juiz tenha uma aberta, mas desde logo espalhando a convicção de que, se fulano foi preso, deve estar metido numa alhada; violação selectiva e sistemática do segredo de justiça para a imprensa, de modo a ir-se fazendo, desde logo na praça pública, a condenação que se prevê difícil de conseguir no tribunal; leviana facilidade no pedido de prisão preventiva de suspeitos, com a dupla função de acentuar a ideia da sua culpabilidade junto da opinião pública e de tentar, por esse meio, forçar confissões, dispensando mais trabalho; acusações crescentemente baseadas na chamada "prova indirecta", que não é prova nenhuma mas simples conjecturas e suposições pessoais, fazendo tábua rasa do princípio do ónus da prova da acusação, e, claro, a montante e de forma sistemática e absolutamente vulgarizada como coisa inócua, as escutas instaladas no telefone de qualquer um que um procurador do MP entenda ser suspeito de um crime.

Sobre isto, e para melhor se medir a distância entre o que a lei estabelece como excepcional e o que a prática entre nós consagrou como banal, vale a pena atentar no que diz o artigo 187º do CPP sobre a "admissibilidade" das escutas. Estabelece o seu nº 1 que elas "só podem ser autorizadas (por um juiz de instrução, mediante despacho fundamentado) se houver razão para crer que a diligência é indispensável para a descoberta da verdade ou que a prova seria, de outra forma, impossível ou muito difícil de obter". Considerando que o MP tomou por hábito iniciar qualquer investigação através de escutas, é impossível acreditar que só recorre a elas como último meio de obter prova do que pretende. Estamos, sim, perante o chamado "método de arrasto", que consiste em ligar a escuta ao telefone e ficar sentado à espera do que possa vir à rede. Em flagrante violação da lei e do direito à privacidade dos devassados, mas em benefício da preguiça dos investigadores — ou qualquer coisa de potencialmente pior ainda. No *case study* de João Galamba, que deve ser estudado em todos os cursos de Direito Constitucional e Direito Processual Penal, a ideia com que fiquei é de que o MP começou a escutá-lo sem sequer saber de que crime podia suspeitar e continuou durante quatro ignominiosos anos à espera que a rede trouxesse peixe. Mas como a lei também exige que a autorização do juiz de instrução à escuta seja renovada a cada três meses, e sempre fundamentadamente, eu pasmo perante um juiz que a renovou 16 vezes sem que até hoje o suspeito tenha sequer sido interrogado... Mas também pasmo quando vejo gente (por enquanto intocada, e só por isso, talvez...) que justifica a manutenção das escutas a António Costa no processo Influencer mesmo depois de um juiz do Supremo as ter declarado irrelevantes para o processo e sem qualquer relevância criminal, pelo facto, posterior, de através delas se ter ficado a saber que o ex-PM afinal terá despedido a CEO da TAP por razões políticas e não jurídico-laborais. Ora, a mim parece-me que o lugar de CEO da nossa única e pública companhia aérea, onde se tinham injectado €3,2 mil milhões dos contribuintes, é um lugar político quer para a nomeação quer para a demissão, sendo tal invocável como justa causa de despedimento. Mas o que acho notável é que, avaliando pelo resultado e pela decisão, certa ou errada, de António Costa, se ache que tal justifique a manutenção nos autos de uma escuta em que um PM discute com um seu ministro uma decisão corrente de governo. Que mais acharão legítimo escutar, guardar e divulgar? As conversas dos outros líderes políticos? Dos dirigentes empresariais e sindicais, das chefias militares, dos jornalistas, do cardeal? E para que fins?

ILUSTRAÇÃO HUGO PINTO

Perante a apatia ou o conformismo geral, caminhamos passo a passo para uma sociedade policial, disfarçada de justiceira

Há dias fui apresentado televisivamente à nova ministra da Justiça, Rita Júdice. Qualquer ténue esperança que eu ainda pudesse ter de que a ministra se atrevesse a enfrentar o poder insindicável de cada procurador do DCIAP e da PGR e, talvez até, a ensaiar, à boleia do "Manifesto dos 50" (de que sou um dos subscritores), a reforma que reclama a sociedade civil, que não se verga à chantagem dos justiceiros e do Chega, caiu redonda em dez minutos. Não só a ministra se mostrou absolutamente curvada perante o MP e a sua triste procuradora-geral, como ainda anunciou, à conta do pacote anticorrupção, mais dois instrumentos legais (ou ilegais) que, mais uma vez, diminuem os direitos e garantias de quem tem de se defender e servem a preguiça de quem tem de acusar. Um é a delação premiada, que Sergio Moro celebrizou no Brasil, e que, de tão usada no processo Lava Jato para tentar em vão chegar a Lula da Silva, levou toda a gente na Odebrecht a deletar-se uns aos outros de baixo para cima, acabando no próprio CEO, Marcelo Odebrecht, querendo deletar alguém sem saber quem. Para além das questões de natureza ética e de justiça que coloca a delação premiada, há uma sem resposta: quem pode garantir que o delator premiado não está a mentir apenas para se safar? A outra medida anunciada e a aplicar nos processos de corrupção é a do confisco dos bens do suspeito mesmo sem condenação nem julgamento. Exemplificou a ministra, toda contente: um processo que prescreve e em que o suspeito já não pode ser julgado — confiscam-se-lhe os bens. Brilhante: em lugar de legislar para evitar a prescrição, em lugar de obrigar o MP a cumprir prazos, dá-se uma sentença condenatória mesmo sem julgamento. E se por acaso um procurador, que funciona em total e sagrada autonomia, embirrando com um vizinho rico, resolve abrir-lhe um processo invocando suspeitas de corrupção e depois o faz arrastar até prescrever e nada pode ser questionado? Isto está a ficar perigoso, isto está a ficar mesmo perigoso.

Quem nos acode? Quem nos acode se os políticos têm medo dos procuradores e estes se acham a reserva moral da nação, a quem tudo deve ser permitido e nada pode ser questionado? Isto está a ficar perigoso, isto está a ficar mesmo perigoso.

Miguel Sousa Tavares escreve de acordo com a antiga ortografia

ALTOS

António Costa
Ex-primeiro-ministro

O acordo alcançado entre as maiores famílias políticas europeias confirmou a escolha do nome de António Costa para a presidência do Conselho Europeu. É um sinal do prestígio e do peso político do ex-primeiro-ministro. A decisão formal só fica fechada na cimeira europeia que decorre em Bruxelas. A experiência de Costa na construção de entendimentos e na gestão política, os equilíbrios políticos que resultam das eleições europeias, assim como o apoio do Governo português terão sido determinantes para a candidatura.

Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos
Primeiro-ministro e secretário-geral do PS

A disponibilidade manifestada pelo líder do PS e pelo PM para avançarem com a reforma da Justiça é um sinal importante de convergência. Depois das críticas que surgiram da sociedade civil e da própria classe política sobre os prazos da Justiça e a falta de esclarecimentos, os líderes entendem que há matéria para conversarem. Um exercício de aproximação que deve ser o mais abrangente e consensual possível, sem perder de vista a necessidade de assegurar que a separação de poderes não saia beliscada.

Adélia Prado
Escritora

A poetisa brasileira venceu a edição do Prémio Camões deste ano. O júri justifica a escolha de Adélia Prado pelo contributo e projeção que representa para a literatura em português. Premiada diversas vezes, a escritora apresenta uma obra que se estende por várias décadas e que se distinguiu sobretudo na poesia.

E BAIXOS

João Cotrim de Figueiredo
Eurodeputado

Quatro horas depois de ter anunciado a candidatura à liderança da bancada dos liberais europeus, deu um passo atrás e desistiu da candidatura. O eurodeputado anunciou a mudança de planos, sem explicar as razões. Admite-se que a falta de apoios possa ter sido determinante, o que justificaria não ter avançado, à partida. Da investida resultou, ainda assim, para o eurodeputado, uma vice-presidência.

Lucília Gago
Procuradora-geral da República

Depois das críticas de que tem sido alvo, a procuradora foi visada pela ministra da Justiça, que assumiu que o sucessor de Lucília Gago terá de ter um perfil diferente, que acrescente credibilização ao cargo e ponha "ordem na casa". O balanço negativo feito pelo Governo junta-se aos requerimentos entregues na AR para que a PGR preste declarações, uma vez que não se disponibilizou voluntariamente. A meses do fim do mandato, dificilmente poderia ter uma pior saída de cena.

PAULA SANTOS
paulasantos@expresso.impresa.pt

EM DESTAQUE

Trabalho "Livro Verde" propõe nova agência para a saúde laboral

Grupo de peritos do "Livro Verde para a Segurança e Saúde no Trabalho" apresentou ao Governo documento com 83 propostas

O grupo de peritos responsável pela elaboração do "Livro Verde para a Segurança e Saúde no Trabalho" defende a criação de uma nona estrutura dedicada à promoção da saúde e segurança dos trabalhadores em Portugal. A constituição da Agência Portuguesa para a Segurança, Saúde e Condições do Trabalho, a partir dos recursos existentes na Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) e inserida no programa nacional de saúde ocupacional da Direção-Geral da Saúde (DGS), é uma das 83 propostas que constam do "Livro Verde" que a ministra do Trabalho, Rosário Palma Ramalho, apresentou esta semana aos parceiros sociais com assento na Comissão Permanente de Concertação Social.

No documento, a que o Expresso teve acesso, o grupo de especialistas sustenta a necessidade de criação da nova agência para a promoção da saúde e segurança no trabalho (SST) com o objetivo de "evitar que a gestão pública da prevenção esteja espartilhada e colocada em segundo plano, como acontece atualmente, com perda de sinergias que vão além da dispersão das políticas quer de segurança e higiene do trabalho, quer de saúde do trabalho, dentro de organismos cuja missão maior é de natureza diferente".

A proposta, à semelhança do que acontece na maioria dos países da Europa, é que esta agência agregue a prevenção dos riscos profissionais, "dotando-a dos meios necessários para atuação eficiente no domínio da promoção da SST", elencam os peritos. A avançar, a nova estrutura seria criada "a partir dos recursos humanos, financeiros e materiais existentes na ACT e enquadrada no Programa Nacional de Saúde Ocupacional da DGS". E, sendo certo que para cumprir a sua ambição terão de lhe ser garantidas condições de atuação, os peritos sugerem que seja atribuído à nova agência "o montante orçamentado, há largos anos, para políticas públicas de promoção da SST, por afetação de verba correspondente da Taxa Social Única (TSU)".

Grupo de peritos quer empresas a monitorizar a saúde mental dos trabalhadores e criar programas de apoio

No campo das políticas públicas, recomendam ainda um reforço da formação nas matérias da SST desde o ensino básico e secundário, de modo a "aumentar o grau de perceção sobre o risco". Mas também através da criação de planos específicos para o ensino profissional e superior, introduzindo conteúdos de SST nas licenciaturas e mestrados.

Empresas obrigadas a monitorizar saúde mental

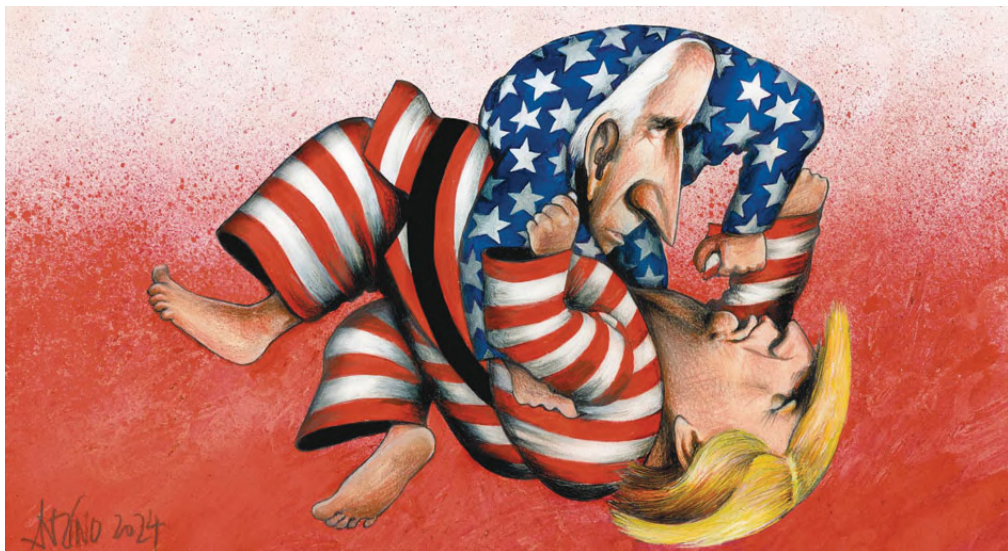
No leque de 83 recomendações que integram o "Livro Verde", há orientações claras no campo da saúde mental. Com o *burnout* associado ao trabalho cada vez mais na ordem do dia, o grupo de especialistas sublinha a relevância do tema. Relembrando que a participação de psicólogos do trabalho a exercer atividade, interna ou externamente, nos serviços de SST nas organizações nacionais é significativamente inferior à média europeia (11,9% em Portugal, contra 19,5% na UE), a equipa defende nas suas recomendações a "criação de programas de apoio psicológico e monitorização da saúde mental nas empresas".

Além desta orientação, é também reforçada a necessidade de promoção de "práticas de trabalho equilibradas que eliminem ou reduzam o impacto do isolamento social e a falta de limites entre a vida pessoal e profissional", sobretudo em situações de teletrabalho, e recomendada a criação de equipas multidisciplinares das várias especialidades da SST nas empresas. Para os peritos importa definir "metas assertivas para o desenvolvimento da formação de médicos do trabalho, enfermeiros do trabalho, técnicos superiores de segurança do trabalho, técnicos de segurança do trabalho, coordenadores de segurança em projeto e coordenadores de segurança em obra, ergonomistas, psicólogos do trabalho e outros especialistas envolvidos na SST".

O documento recomenda ainda a implementação de programas de prevenção dos fatores de risco psicossociais e de programas de promoção do bem-estar psicológico, físico e social, principalmente ao nível do stresse, *burnout*, assédio, violência e na conciliação entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. E em matéria de assédio o grupo propõe mesmo que sejam desenvolvidos nas empresas "planos de ação que incluam a criação de políticas e procedimentos internos específicos para situações de assédio, violência laboral e comportamentos discriminatórios e desadequados".

O "Livro Verde para a Segurança e Saúde no Trabalho", herança ainda do Governo de António Costa, que em julho do ano passado constituiu uma equipa de peritos para o elaborar, está agora nas mãos dos parceiros sociais, que o analisarão num grupo de trabalho específico criado para o efeito. Recorde-se que o Governo de Luís Montenegro inscreveu no seu programa o objetivo de definir uma estratégia plurianual para a SST. Rosário Palma Ramalho, ministra do Trabalho, aguarda agora os contributos de patrões e sindicatos para avaliar quais destas propostas poderão integrar esse plano e chegar ao terreno.

CÁTIA MATEUS
cmateus@expresso.impresa.pt

O Cartoon de António II — Jogos alternativos 2024 — Judo dos EUA

Ambiente Abacates regressam à mesa

Projeto reformulado reduz área de plantação em Alcácer em 9% e propõe menos dois furos para captação de água

Em vez dos 722,24 hectares (ha) de plantação de pera-abacate inicialmente previstos, o projeto do grupo Aquaterra para o concelho de Alcácer do Sal propõe agora 658,44 ha (-9%); passa de 34 para 32 os furos de captação de água previstos; e propõe medidas adicionais para promover a conservação de espécies e habitats protegidos por lei. Vai assim ao encontro das exigências impostas pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA) e pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), que chumbou o primeiro projeto e quase levou à emissão de uma Declaração de Impacte Ambiental (DIA) "desfavorável", em janeiro. O chumbo acabou contornado, quando o promotor, em articulação com a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, recorreu a uma expedição legal que lhe permitiu mais seis meses para reformular o projeto, evitando voltar à estaca zero.

O Projeto Agroflorestal das Herdades de Murta e Monte Novo, agora reformulado, está em consulta pública até 9 de julho (ver portal Participa) e deverá ter uma decisão final de Declaração de Impacte Ambiental (DIA) até 19 de agosto.

A decisão de autorizar a reformulação foi considerada "pouco sensata" por ambientalistas e agricultores locais. O agricultor Luís Dias frisa que,"apesar de tentarem ir ao encontro das exigências das autoridades ambientais, a escala gigantesca do projeto mantém-se e não há mudança substancial compatível com os recursos hídricos e com as zonas especiais de conservação (ZEC), nem um estudo dos impactes cumulativos".

Em janeiro, o ICNF considerou o projeto "incompatível com as funções de conservação dos valores naturais" nas áreas de Reserva Natural do Estuário do Sado e nas ZEC da Comporta/Galé e do Estuário. Também a APA alertou para os riscos da quantidade de água que está prevista captar, numa área onde novos furos estavam interditados, devido ao "estado crítico" em que se encontra o aquífero do Tejo Sado/Margem Esquerda. "O consumo proposto de água excede em 10 vezes o necessário para a população de Alcácer do Sal, que já enfrenta escassez deste recurso", alertaram no relatório de ponderação pública que recebeu 335 pareceres discordantes em 341 apresentados. Segundo a APA, "o volume máximo anual autorizado para captação na zona é de 4,8 hm³/ano". O projeto inicial previa captar 4,33 hm³/ano e o atual aponta para 3,95 hm³/ano (menos 0,38 hm³) e prevê "a realização de um estudo de acompanhamento do aquífero".

Recorde-se que o mesmo promotor obteve luz verde, em 2023, para um projeto de perto de 600 ha de produção de tangerinas numa propriedade vizinha, que também foi reformulado após um primeiro chumbo e autorizado com condicionantes, como a elaboração de um Plano de Ação e Valorização, que o promotor não cumpriu.

CARLA TOMÁS
ctomas@expresso.impresa.pt

Irão
Eleições decidem o futuro da revolução

Os iranianos escolhem o próximo Presidente. O regime aceitou um candidato reformista para atrair eleitores às urnas

O Irão elege esta sexta-feira o 14º Presidente desde a Revolução Islâmica de 1979. Estas eleições foram precipitadas pela morte do Presidente em funções, o conservador Ebrahim Raisi, num desastre de aviação, a 19 de maio passado. A campanha eleitoral arrancou com seis candidatos — cinco conservadores e um reformista —, mas, nas 48 horas que antecederam o ato eleitoral, e até à hora de fecho desta edição, dois deles desistiram e havia apelos para que outros dois se juntassem.

Para o regime dos *ayatollahs*, as eleições serão um barómetro à sua popularidade. Nas últimas presidenciais, pela primeira vez desde a revolução, a taxa de afluência baixou dos 50%, numa expressão de descontentamento, frustração e vontade de mudança. "Não participarei nas eleições ilegais organizadas pelo Governo opressivo e ilegítimo da República Islâmica", anunciou, esta semana, Narges Mohammadi, a vencedora do Nobel da Paz de 2023, desde a prisão de Evin, em Teerão.

Para atrair votos, o regime permitiu a participação de um candidato reformista: Masoud Pezeshkian, de 69 anos, médico cardiologista de formação e antigo ministro da Saúde. Os reformistas não negam a República Islâmica, mas querem mudanças. Já ativistas como Narges Mohammadi lutam pelo fim da República Islâmica.

Reformistas unem esforços

Nas vésperas das eleições, dois candidatos conservadores retiraram-se da corrida. Um deles foi Alireza Zakani, até agora presidente da Câmara de Teerão, que justificou a decisão com a necessidade de o país "continuar na trajetória do martirizado Raisi". Zakani apelou à fusão das candidaturas mais credenciadas — do presidente do Parlamento, Mohammad Baqer Qalibaf, e do antigo negociador chefe do programa nuclear, Saeed Jalili — instando-os a "não deixar sem resposta as reivindicações legítimas das forças revolucionárias e impedir a formação do terceiro governo de Rohani".

Hassan Rohani foi o último Presidente reformista do Irão, entre 2013 e 2021. Foi sob a sua liderança que o candidato reformista Pezeshkian chefiou a pasta da Saúde. Em 44 anos de vida, a República Islâmica teve apenas dois Presidentes reformistas. O outro foi Mohammad Khatami (1997-2005) que nestas eleições apoia Pezeshkian.

Temendo um boicote ao ato eleitoral, esta semana, o líder supremo do Irão, *ayatollah* Ali Khamenei, dramatizou o apelo ao voto. "A República Islâmica tem inimigos. Uma das coisas que podem derrotar esses inimigos são as eleições. Se se registar uma elevada participação do povo nestas eleições, será uma fonte de honra para a República Islâmica."

MARGARIDA MOTA
mmota@expresso.impresa.pt

João Galamba, ex-ministro e atual arguido da Operação Influencer
FOTO JOSÉ CARLOS CARVALHO

Operação Influencer Os três arguidos que não foram detidos estão há quase oito meses para ser ouvidos pelo Ministério Público, que ainda não terá terminado de analisar a prova recolhida nas buscas

Galamba pediu cinco vezes para ser ouvido

RUI GUSTAVO

João Galamba, ex-ministro e ex-deputado e talvez o mais notável dos arguidos da Operação Influencer que não foram detidos pela PSP nas buscas de 7 de novembro, já pediu cinco vezes para ser ouvido pelos procuradores do Ministério Público que investigam o caso. Sempre sem sucesso.

De acordo com uma fonte judicial, todos os pedidos do atual *executive adviser* (consultor) da Enline, suspeito de recebimento indevido de vantagem naquele processo, foram recusados ou ignorados pelos magistrados do DCIAP. Galamba foi alvo de uma busca domiciliária, viu-se obrigado a demitir-se do Governo por "razões familiares" e não fez parte da lista de deputados eleitos pelo PS, nas eleições legislativas que resultaram da crise política desencadeada pela operação do Ministério Público. Esteve quatro anos sob escuta e é suspeito de ser o "verdadeiro mentor" do esquema que alegadamente daria vantagens indevidas ao *data center* da Start Campus em Sines.

E não está só. Os outros dois arguidos que não foram detidos na operação de novembro de 2023 também não foram chamados pelas autoridades para interrogatório. Nuno Lacasta, que era presidente da Agência Portuguesa do Ambiente, solicitou ser ouvido formalmente, mas não teve resposta. Pediu para sair do cargo ainda antes de ser considerado suspeito, embora a demissão só se tenha concretizado em janeiro de 2024, já depois das buscas.

João Tiago Silveira, advogado e ex-secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros e antigo secretário de Estado da Justiça no Governo de José Sócrates, também é arguido no processo, mas não fez qualquer pedido formal para prestar declarações.

Estes três suspeitos do caso são arguidos há quase oito meses, no entanto, nunca foram ouvidos pelos procuradores Hugo Neto, João Paulo Centeno e Ricardo Lamas. Porquê?

Uma outra fonte judicial explica que este tipo de situação é "frequente" e significa que "o Ministério Público não finalizou a análise da prova recolhida nas buscas para poder confrontar os arguidos com os factos que considera suspeitos". Uma terceira fonte frisa que "cabe ao MP definir o *timing* da investigação" e que "os arguidos não são ouvidos por requerimento, quando querem", porque "não faz sentido revelar aos suspeitos as provas do processo quando o caso ainda não está sedimentado".

Com Costa, foi diferente

Na operação de detenção e busca, a PSP (na altura era a única força policial no caso, agora a Polícia Judiciária também trabalha nas investigações) apreendeu documentos, *e-mails* e discos rígidos dos computadores dos suspeitos. A Vítor Escária, ex-chefe de gabinete de António Costa, foram apreendidos dois discos externos com capacidade para um número elevado de terabytes de memória. Os dispositivos estavam em casa e no gabinete do antigo homem de confiança do chefe do Governo. São considerados vitais para a investigação porque podem conter provas importantes para o caso.

Uma fonte policial explica que "a extração de dados e posterior análise deste tipo de material é difícil e demorado", mas é essencial para o Ministério Público conseguir indícios que provem o esquema de corrupção e favorecimento que os procuradores acreditam ter existido no seio do anterior Governo liderado por António Costa.

No caso do ex-primeiro-ministro, que está a caminho da liderança do Conselho Europeu, o MP aceitou recebê-lo e inquiri-lo porque como não é arguido no processo goza, por lei, desse direito. Depois de ter sido ouvido em maio pela procuradora Rita Madeira, que ficou com o processo-crime autónomo que contém o seu caso individual a partir do momento que abandonou o Governo, Costa não foi constituído arguido, o que significará que nesta fase não há indícios suficientemente fortes de que tenha cometido qualquer crime. Por isso, avançou para um novo cargo.

Quando apresentou os cinco arguidos detidos ao juiz de instrução, o MP baseou-se, essencialmente, em escutas feitas a Rui Oliveira Neves, Afonso Salema, Diogo Lacerda de Machado, Vítor Escária, Nuno Mascarenhas e João Galamba. Essas conversas eram, para o MP, suficientes para mandar para prisão preventiva Lacerda e Escária — dois homens próximos de Costa. Mas tanto o juiz de instrução como a Relação de Lisboa consideraram que as provas eram curtas ou inexistentes. Por isso, o material recolhido nas buscas é essencial para o MP conseguir indícios suficientes para concluir a investigação e fazer uma eventual acusação.

rgustavo@expresso.impresa.pt

ANTÓNIO COSTA FOI OUVIDO A PEDIDO PELO MINISTÉRIO PÚBLICO PORQUE, NÃO SENDO ARGUIDO, TEM ESSE DIREITO ASSEGURADO

NO FIM ERA O VERBO

PRÉMIO A SENTENÇA
"Todos concordamos que é preciso que algo mude no MP no sentido da credibilização. Alguém tem de pôr ordem na casa"
Rita Alarcão Júdice
Ministra da Justiça ao Observador

PRÉMIO UM PASSO EM FRENTE
"Não excluímos a necessidade de fazer a reforma da justiça, mas que a reforma não se transforme num megaprocesso que não dá em nada"
Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

PRÉMIO DOIS PASSOS EM FRENTE
"Havendo na sociedade portuguesa e na AR disponibilidade para podermos ter na justiça penal alguma ponderação de alterações, o Governo, naturalmente, está disponível"
Luís Montenegro
Primeiro-ministro

PRÉMIO PROJETOS PARA FUTURO
"Gostaria muito que houvesse uma primeira-ministra mulher em Portugal [...] acho que sou uma das algumas dentro do partido que tem essas condições"
Alexandra Leitão
Líder parlamentar do PS

PRÉMIO AVANÇOS E RECUOS
"Há uma maneira de fazer política que implica muito mais do que ter razão"
João Cotrim de Figueiredo
Eurodeputado da IL sobre a candidatura à liderança da bancada, retirada horas depois de ser anunciada

PRÉMIO O REPTO
"Depois de tudo o que disse de mim e do meu partido, a sua vontade era estar aqui ao meu lado"
Luís Montenegro
Primeiro-ministro no debate quinzenal para André Ventura

PRÉMIO RIPOSTAR
"Outro PM coraria de vergonha com o seu apoio a António Costa"
André Ventura
Presidente do Chega para Luís Montenegro

PRÉMIO A ILUSÃO
"Estamos a conversar com o Chega e acho que vamos chegar lá"
Miguel Albuquerque
Presidente do Governo Regional sobre o impasse no programa do Governo

PRÉMIO A REALIDADE
"Miguel Albuquerque deve afastar-se desta governação, é a nossa bandeira, não vamos abdicar dela"
Miguel Castrim
Deputado do Chega na Madeira

PRÉMIO BALDE DE ÁGUA FRIA
"A Geórgia teve mais crença e mais força e foi merecida a vitória"
Roberto Martínez
Selecionador de futebol de Portugal

PAULA SANTOS
paulasantos@expresso.impresa.pt

Seleção Portugal está nos oitavos de final, mas a derrota contra a Geórgia trouxe de novo dúvidas. Lá fora, ainda é apontado a uma possível vitória

Intermitências de um candidato

Lídia Paralta Gomes
enviada à Alemanha

Um dia antes do Portugal-Geórgia, Mohammad Reza Norouzi cirandava pelos arredores da Arena AufSchalke com a mulher e os dois filhos, na esperança que Cristiano Ronaldo ali aparecesse para treinar. Mostra-nos a página que gere com paixão no Instagram, que diz ser a mais antiga de apoio ao capitão da seleção nacional nesta rede social, mas desilude-se quando lhe dizemos que não haverá treino no estádio do Schalke 04 naquele dia e mais ainda quando percebe que Marienfeld, onde Portugal montou quartel-general para o Euro, dista uns bons 100 quilómetros de Gelsenkirchen. Ainda conferencia com a mulher se vale a pena pagar algumas centenas de euros de táxi para chegar a Marienfeld, despedimo-nos antes do concílio familiar chegar a alguma conclusão, mas a esposa não parecia muito para aí virada.

A historieta deste iraniano e dos filhos, que conheceram Ronaldo em Teerão quando o Al Nassr lá jogou na época passada, conta-nos um orgulhoso Mohammad, é só uma entre milhares de adeptos não portugueses que todos os dias se passeiam por cidades alemãs com camisolas do avançado, que gritam "siuuu" inopinadamente no meio da rua, e serve para provar algo: apesar do exílio saudita, Cristiano Ronaldo continua a ser o jogador mais mediático deste Campeonato da Europa.

Mas é possível que a atenção e culto ainda dados a Ronaldo sejam a única constante na presença de Portugal na prova. Nem as suas exibições escapam a esta espécie de montanha-russa num campo de futebol, depois de se juntar à debacle portuguesa no jogo com a Geórgia, encontro que fechou a fase de grupos com uma inesperada derrota (2-0) frente à equipa com pior *ranking* deste Euro. Portugal já tinha o 1º lugar assegurado, é certo, e jogará com a Eslovénia nos oitavos de final na próxima segunda-feira, em Frankfurt.

Portugal começou o Europeu suscitando dúvidas, que não aclarou no jogo com a Chéquia, apesar do triunfo. A sólida vitória por 3-0 frente à Turquia, em ambiente adverso — e de regresso ao 4x3x3 —, aumentou a confiança, viu-se ali finalmente um candidato, mas a derrota com os georgianos voltou a fazer renascer alguns fantasmas no seio de equipa que se tem perdido no ponto de cruz das trocas de bolas, sem conseguir fazer grande mossa contra blocos baixos. E que, com a rotação no último jogo, parece ter ganhado muito pouco no que diz respeito a opções para lá do onze base.

Expectativa não esmorece

Depois das exibições assim-assim nos três jogos de preparação, desde Leipzig que Portugal surge como uma incógnita, ainda que lá fora o vejam com outros olhos, bem menos fatalistas que os portugueses. Depois do jogo com a Chéquia, onde a seleção só nos descontos assegurou a vitória, entre os jornalistas turcos havia a certeza que Portugal continuava a ser favorito. "Não nos podemos esquecer que é uma equipa muito experiente, habituada a jogar sempre na fase a eliminar destes torneios", lembrava Seyhan Duzen, da beIN Sports local. E enquanto por Portugal se discutem experiências falhadas e os efeitos da derrota de quarta-feira, para quem esteve na Arena AufSchalke o jogo com a Geórgia pouco altera o estatuto da equipa de Roberto Martínez, que continua a ser vista como candidata, ou pelo menos num grupo alargado de favoritos.

Vinte e quatro horas antes do apito inicial, a repórter georgiana Mariam Meskhi, entre a emoção de ver a sua seleção pela primeira vez num Euro, falava-nos da "profundidade" da lista de convocados de Portugal e das "enormes hipóteses" que tinha "de vencer" a prova. E depois do apito final, parece-lhe o mesmo? Meskhi faz um ar de quem nem sequer está a entender a questão: "Acho que continuam a ser favoritos. Jogaram com uma segunda equipa e, honestamente, acho que o Cristiano Ronaldo vos atrapalhou." Nem o facto de Portugal estar do lado difícil do caminho até à final parece demover quem tem expectativas altas sobre a seleção nacional.

Mais alinhado com a montanha-russa que nos apoquenta parece estar Arthur Renard, jornalista dos Países Baixos. Antes do início do Portugal-Geórgia, via a seleção nacional no grupo dos principais favoritos. A derrota com os georgianos surpreendeu-o, mas sublinha também o facto da equipa não ter jogado com os titulares absolutos, como Bernardo Silva, Bruno Fernandes ou João Cancelo. "Agora diria que está no grupo dos favoritos com dúvidas", atira, lembrando que equipas como França ou Inglaterra também desiludiram na fase de grupos: "França seguiu com dois golos marcados: um autogolo e um penálti. Até a Alemanha não fez um último jogo muito bom. Acho que Espanha foi mesmo a única seleção que impressionou."

Rotação nada trouxe

A tal profundidade da equipa portuguesa parece assustar quem a vê do outro lado. "Vocês têm duas ou três equipas", dizia-nos um jornalista georgiano, na

PORTUGAL ESTÁ AGORA NO GRUPO DOS "FAVORITOS COM DÚVIDAS", DEPOIS DE UMA FASE DE GRUPOS FEITA DE ALTOS E BAIXOS

O ar decidido à saída do mítico túnel da Arena AufSchalke não teve continuidade em campo frente à Geórgia FOTO MICHAEL REGAN/UEFA VIA GETTY IMAGES

altura ainda longe de acreditar que seria possível a sua seleção bater qualquer uma dessas equipas — e muita gente daquele jovem país se viu de lágrimas nos olhos, lágrimas de felicidade, como se o impossível tivesse acontecido em Gelsenkirchen. Essa profundidade tantas vezes referida foi inútil frente à Geórgia, mas notaram-se, mais do que a qualidade ou falta dela, incompatibilidades entre várias peças, redundâncias, futebolistas fora do lugar. Enquanto jogo que serviu para "preparar os oitavos de final", como Martínez frisou no final, retirou-se muito pouco — a não ser o que não fazer.

Ainda assim, Alberto Rubio, especialista em futebol internacional do diário espanhol "Marca", viu bons pontos no desempenho de Portugal na fase de grupos. "Gostei do planeamento feito para o jogo com a Chéquia, porque gosto de ver Portugal jogar sem um pivô", aponta, sublinhando, no entanto, que a seleção só parece ter acordado depois de sofrer o primeiro golo. E tal como outros colegas, desvaloriza a derrota de Portugal frente à Geórgia. "No segundo jogo, com a Turquia, estiveram muito bem e este jogo sinceramente eu dou o desconto. É o tipo de coisa que acontece quando fazes muitas alterações", frisou também, concordando que a seleção espanhola terá sido a única entre as mais cotadas a fazer uma fase de grupos "mais redonda".

Portugal segue agora para Frankfurt, capital da finança, dos arranha-céus, sede do Banco Central Europeu, onde de tempos a tempos se decidem subidas ou descidas de juros, se vamos pagar mais ou menos de casa aos bancos, se vamos gastar ou poupar mais. Por falar em poupanças, as operadas por Roberto Martínez não correram bem em Gelsenkirchen, por isso, chegado o mata-mata, é preciso subir o *rating* de jogo e não há lugar a intermitências.

lpgomes@expresso.impresa.pt

Tubarões e mais tubarões rumo a Berlim

No caminho para a final, Portugal ficou no lado mais forte do quadro. Se passar a Eslovénia, a dificuldade será máxima

Há laivos de Euro 2016 na grelha de 2024. Tal como em França, há um lado mais forte do que outro: na parte em que está Portugal contam-se 10 títulos continentais (três da Alemanha, três da Espanha, dois da França, um de Portugal e outro da Dinamarca), ao passo que do lado oposto há somente três (dois de Itália e um dos Países Baixos). Vamos passo a passo.

OITAVOS DE FINAL
Eslovénia

Segunda-feira, Frankfurt receberá o primeiro encontro de Portugal a eliminar. Do outro lado estará um pequeno país de 2,1 milhões de habitantes que se habituou a grandes proezas desportivas. Mas não no futebol, onde se estreia nesta fase. Será um choque de estilos. Portugal foi a segunda equipa com maior posse de bola média nos grupos (67,5%) e com mais remates por encontro (16,7 em média). A Eslovénia foi o conjunto com menor posse de bola média (33,1%) e o que trocou menos passes até tentar colocar uma bola longa (7,5).

QUARTOS DE FINAL
França ou Bélgica

Os belgas foram o carrasco nacional no último Europeu, quando ainda eram orientados por Martínez. Mas é natural que a mirada se centre nos vice-campeões do mundo. A França parece ter encarado os grupos como um prólogo. Só marcou duas vezes — um penálti e um autogolo —, foi a quarta equipa com menor percentagem de ações defensivas em zona subida e a quinta que mais passes permitiu até realizar um corte, interceção ou recuperação. Duelo a 5 de julho em Hamburgo.

MEIAS-FINAIS
Alemanha, Dinamarca, Geórgia ou Espanha

A 9 de julho, em Munique, as grandes favoritas para serem o possível adversário são a Alemanha ou a Espanha. Os anfitriões dominam quase todos os registos da competição (golos, remates, posse de bola, passes feitos por posse), mas deixaram dúvidas contra a Suíça; os espanhóis foram a única seleção a vencer todos os encontros da fase de grupos e contam com os jovens Nico Williams, de 21 anos, e Lamine Yamal, de 16, em grande destaque.

FINAL
Eis os do outro lado

Se superar este lago de tubarões e estiver em Berlim a 14 de junho, Portugal jogará contra a Itália, a Suíça, a Eslováquia, a Inglaterra (uma destas estará nas meias-finais), a Áustria, a Turquia, a Roménia ou os Países Baixos (uma destas estará nas meias-finais).

PEDRO BARATA
pmbarata@expresso.impresa.pt

Análise
Blessing Lumueno

A Eslovénia e a sua transição ofensiva

É com alguma surpresa que a equipa eslovena consegue chegar aos oitavos de final do Euro 2024. Classifica-se com três pontos, fruto de três empates, como Portugal em 2016, dois golos marcados e dois golos sofridos, num grupo onde era, à partida, favorita para ficar em último lugar.

A Eslovénia opera principalmente numa estrutura defensiva de 1-4-4-2. Eles não pressionam os centrais adversários na área, mas tentam fechar o centro do campo com as linhas muito compactas e sem espaços entre os jogadores do mesmo sector para convidar os adversários a jogarem por fora do seu bloco defensivo. Com os médios ala muito próximos dos médios centro, do ponto de vista físico as missões táticas defensivas dos laterais eslovenos são particularmente exigentes.

Isto é, quando os adversários fazem uma construção a três, é um dos médios ala (normalmente Jan Mlakar, pela esquerda) a pressionar o central exterior direito do adversário, o que obriga o lateral esquerdo Erik Janza a avançar muitos metros para pressionar o lateral adversário. É uma tarefa que Janza cumpre bem, com uma boa noção dos tempos de saída para pressionar e uma boa interpretação entre o momento de tentar o desarme ou de contenção. Nessa altura, a estrutura defensiva eslovena transforma-se para uma espécie de 1-3-4-3, com o lateral direito Zan Karnicnik a juntar-se aos dois defesas centrais — Vanja Drkusic e Jaka Bijol.

Esta alteração mantém o bloco compacto, reduz distâncias entre os jogadores e facilita as ações de pressão, contudo, se a pressão for ultrapassada, abre espaços nos corredores laterais — nas costas de Mlakar e de Petar Stojanovic, pela direita. Quando a bola entra nesse espaço, são os defesas centrais obrigados a sair em contenção, ficando apenas dois jogadores para defender a grande área e os dois médios centro em recuperação defensiva, que nem sempre ajustam de forma certeira, tendo em conta as necessidades da equipa. Algumas vezes concentram-se os dois perto da bola, deixando um espaço enorme à frente dos defesas, noutras não entendem que devem entrar na área para defender o cruzamento, tendo em conta a ausência de um dos defesas mais recuados que saiu do espaço central para tentar bloquear a progressão da bola.

Jan Oblak é a estrela na baliza e manteve viva a crença da seleção. Na frente há Benjamin Sesko

Por vezes, quando o adversário já está próximo da área defendida por Jan Oblak (antigo guarda-redes do Benfica) e joga muito para trás, cria-se espaço dentro do bloco defensivo, porque os defesas não são capazes de acompanhar o movimento pressionante e de subida no terreno da linha média e da linha avançada. Os dois defesas centrais, aliás, apesar da estatura imponente e da força com que vencem os duelos no ar, carecem de reação para pressionar à frente e de velocidade para controlar de forma eficaz o espaço nas suas costas.

Do ponto de vista ofensivo, a Eslovénia entrega-se de forma extraordinária aos momentos de transição após cada recuperação de bola. Os jogadores cruciais nestes momentos são Andraz Sporar (avançado que militou no Sporting) e Benjamin Sesko (ponta de lança que atua no RB Leipzig). São estes os jogadores alvo dos contra-ataques ou ataques rápidos dos eslovenos, que fazem movimentos do corredor central para o corredor lateral para aproveitarem os espaços nesses canais. E chegarem à finalização.

Após uma recuperação da bola, o pensamento imediato da Eslovénia é encontrar um destes dois jogadores em movimento para o corredor lateral. Se o lance tiver sequência, com um dos avançados no corredor lateral, é Adam Gnezda Cerin (médio centro do Panathinaikos) que se junta ao ataque às zonas de finalização para garantir presença na área e, com isso, aumentar a probabilidade de remate.

A Eslovénia não trabalha muito o jogo e opta por utilizar pouco o corredor central para atacar. Fazem muitos cruzamentos e essa previsibilidade explica o baixo número de situações de golo criadas no Euro. Tem a transição ofensiva bem oleada e uma grande estrela na baliza — Jan Oblak —, que vai mantendo viva a crença eslovena.

Muita bola, muitos passes, pouco engenho

Portugal só ficou aquém da Alemanha na posse de bola. Mas, como se viu frente à Geórgia, de nada serve se for inócua

Até à derradeira partida da fase de grupos, Portugal era a segunda seleção com mais passes feitos e maior eficácia a fazê-los. Finda a derrota e, sobretudo, a magríssima exibição contra a Geórgia, a equipa nacional continua a só ser superada, nestes capítulos, pela Alemanha. Os 1783 passes que correspondem a 90% de acerto, atirados assim para o ar, nada dizem. Mais, por esta altura, são enganadores face ao que se viu em campo, onde mora a prova de algodão para dar recheio a números.

Não há estatísticas que evidenciam a insipiência, especialmente contra os georgianos, vista também diante da Chéquia, que marcou as trocas de bola de Portugal no meio-campo contrário: faltaram movimentos de ataque ao espaço, diagonais curtas para perturbar o posicionamento dos adversários na linha defensiva e jogadores a desmarcarem-se rumo à baliza, por exemplo, enquanto outros se aproximavam para receber um passe no pé (que, muitas vezes, pareceu ser a intenção de todos, o que tornou previsíveis as posses de bola da seleção).

Contra a Turquia, a exibição portuguesa mais positiva fruto, em parte, dos espaços que o adversário dava por querer pressionar e forçar situações de contra-ataque. Portugal foi apenas a 6ª equipa (dados da DribLab) que mais passes para a frente fez, embora, de novo, isso não explique tudo: é normal que a uma seleção que assuma a iniciativa, tenha mais bola e esteja em posse na metade do campo adversária, com 10 ou 11 jogadores por diante, seja mais complicado furar um bloco desses com passes verticais e progressivos. Contra checos e georgianos, essa dificuldade foi gritante — e, previsivelmente, os eslovenos vão forçá-la nos 'oitavos'.

Defensivamente, a s seleção sofreu em jogadas de campo aberto, quando o adversário logrou contra-atacar rápido após superar a primeira pressão portuguesa. Mas tal não aconteceu muitas vezes: Portugal teve o segundo valor mais baixo de passes permitidos aos adversários até lhes roubar a bola. Outra vez, só atrás da Alemanha.

DIOGO POMBO
dpombo@expresso.impresa.pt

NÚMEROS

14,3
são, em média, as vezes que Portugal recuperou a bola no meio-campo adversário. O 6º melhor registo da fase de grupos

37,7
são os toques que a seleção nacional deu dentro da área do adversário, média que só fica atrás da França

9,34
é a média de passes que a seleção permitiu ao adversário até lhe roubar a bola. O segundo melhor valor do torneio

3,56
é o número de golos esperados (xGEJ) de Portugal com base em jogadas de bola corrida. É o 4º valor mais elevado do Europeu, atrás de Croácia (3º), Bélgica (2º) e Alemanha (1º)

Nova dupla Equipa de Ursula von der Leyen espera melhor relação com Costa do que teve com Charles Michel

Montenegro surpreendeu PPE com defesa de Costa

Susana Frexes
Correspondente em Bruxelas

António Costa e Ursula von der Leyen falaram todas as semanas durante a presidência portuguesa da UE. E foi nessa altura, na primeira metade de 2021, que a equipa da alemã ficou surpreendida com o detalhe com que o então primeiro-ministro português dominava todos os dossiers legislativos em curso, sabendo sempre quem é que faltava convencer para se alcançar um acordo. Foi uma relação de trabalho que funcionou e, ao que o Expresso apurou, a expectativa dentro da Comissão é que volte a funcionar a partir de dezembro, quando Costa se tornar presidente do Conselho Europeu. À hora de fecho desta edição, os líderes ainda não tinham decidido, mas havia poucas dúvidas de que o desfecho não seja a eleição de Costa. Já Von der Leyen ainda tem de passar no Parlamento Europeu.

Os últimos cinco anos ficaram marcados pela tensão entre os presidentes das duas instituições. Von der Leyen e Charles Michel estiveram várias vezes em rota de colisão. Agora, além quer uma melhor relação com Costa. Já o português tem o desafio de fazer melhor do que o belga, que é muitas vezes criticado nos bastidores. António Costa é descrito por várias fontes como um construtor de consensos, mas os que tem pela frente não são fáceis de forjar.

Um dos grandes desafios será ajudar a fechar até ao final do mandato — junho de 2027 — o próximo Quadro Financeiro Plurianual (QFP), com a distribuição de fundos e verbas para 2028-35. O sucesso da empreitada pode ajudar a decidir se lhe renovam o mandato por mais dois anos e meio. O orçamento comunitário é visto como um dos dossiers financeiros mais difíceis de fechar. Costa conhece bem o processo. Era primeiro-ministro da última vez que um QFP foi negociado. Mas há outros dinheiros que lhe podem trazer dores de cabeça, como o modelo de financiamento de um maior investimento em defesa.

Outra das missões do próximo presidente do Conselho Europeu passa por compatibilizar o avanço do alargamento com as reformas internas que a própria União terá de fazer nos próximos anos. Ao mesmo tempo, o Pacto das Migrações terá de começar a ser implementado e o assunto vai voltar de forma recorrente à mesa dos líderes e, aí, Costa terá de dar provas de imparcialidade.

A ajuda de Montenegro

Houve uma conjugação de fatores que tornaram possível a escolha de Costa. O escândalo provocado pela queda do Governo tirou-o do jogo numa primeira fase, mas a falta de uma acusação acabou por deixá-lo livre para assumir um cargo para o qual tinha sido já convidado em 2019. Os socialistas europeus já o queriam para presidente do Conselho Europeu antes de novembro e as condições acabaram por alinhar-se.

As migrações e o alargamento — e o que pensa sobre os dois temas — quase fizeram cair Costa da mesa de negociação. No Partido Popular Europeu (PPE), vários líderes puseram em causa o compromisso do português com a adesão de novos países. Mas as maiores críticas foram sobre migrações. O PPE defende uma maior restrição das entradas de migrantes e refugiados na UE e António Costa é visto como alguém que tem uma visão bem menos restritiva. As dúvidas da família política do PSD obrigaram Luís Montenegro a sair em defesa do antecessor, sobretudo na reunião do PPE de 17 de junho, em Bruxelas, e depois no jantar de líderes que decorreu no mesmo dia para discutirem os cargos de topo.

Costa aguentou-se em jogo, não só porque os socialistas não o deixaram cair, desde logo os negociadores Olaf Scholz e Pedro Sánchez, mas também porque Luís Montenegro se atravessou nas garantias, argumentando que para o cargo de presidente do Conselho Europeu não importa tanto o que Costa pensa sobre migrações, mas a habilidade política para juntar as diferentes visões entre líderes europeus. Também sobre o processo judicial em curso, Montenegro viu-se obrigado a explicar ao primeiro-ministro polaco, Donald Tusk, que Costa já tinha sido ouvido e que nada lhe tinha sido imputado. Não havia acusação, nem sequer era arguido, afastando os receios de que o Ministério Público português venha mais à frente a pôr em xeque a credibilidade de um presidente do Conselho Europeu e, consequentemente, das instituições.

O tom da defesa que fez de Costa surpreendeu dentro do próprio PPE, onde alguns líderes não esperavam que Montenegro acabasse a defender com tanta firmeza um opositor político. A surpresa aconteceu também noutras famílias políticas. Por exemplo, dentro dos liberais do Presidente francês Emmanuel Macron, onde a atitude do primeiro-ministro português foi vista como sinal de maturidade política e sentido de Estado.

Há vários meses que Montenegro decidiu que apoiaria Costa, ainda antes de vencer as eleições. Ao que o Expresso apurou, por altura da indigitação como primeiro-ministro, foi ele que tomou a iniciativa de dizer pessoalmente ao socialista que o apoiava. Depois falou com vários colegas no PPE, com Ursula von der Leyen e com o chanceler alemão e o chefe do Governo espanhol, para ter a certeza de que havia hipóteses de sucesso.

António Costa também fez por ele próprio, sozinho, em conversas com os vários líderes que conhece pessoalmente, com quem fala por telefone, a quem se explicou. Dá-se bem com vários, incluindo de outros espectros políticos, como o primeiro-ministro grego, Kyriakos Mitsotakis, ou o luxemburguês Luc Frieden.

Com **Liliana Valente**
politica@expresso.impresa.pt

PERFIL

O ALQUIMISTA DAS OPORTUNIDADES

António Costa gosta de citar um conselho que um António Guterres lhe deu: "A primeira missão de um político é não criar problemas; a segunda é enfrentá-los; e a terceira é transformá-los em oportunidades." Não tem feito outra coisa — e a vida tem-lhe corrido bem. A última vez foi em novembro passado, quando se demite de primeiro-ministro depois de um comunicado da PGR que o coloca como suspeito na Operação Influencer. Ao demitir-se, cria a oportunidade de se dedicar a 100% à sua candidatura a um *top job* europeu. Aproveita para emagrecer e dedica-se intensamente a melhorar o seu inglês— há uns anos "totalmente incompreensível", segundo um seu camarada do PS.

Foi assim agora e foi assim sempre. Nascido na Maternidade Alfredo da Costa em 17 de julho de 1961 (está quase a fazer 63 anos), filho das elites intelectuais de esquerda da capital (pai: Orlando da Costa, escritor e publicista; mãe: Maria Antónia Palla, jornalista), dificilmente se pode encontrar alguém mais estruturalmente alfacinha. Em 2007 aproveita uma crise política grave na Câmara de Lisboa para, em eleições intercalares — raríssimas no poder local —, conquistar a autarquia. Transforma a crise lisboeta na oportunidade de dar um passo de gigante na criação de um percurso político próprio.

Em 2011, quando Sócrates se demite da liderança do PS, tinha tudo para lhe suceder. Frio e calculista, recusa ("Não tem estados de alma. Corre-lhe gelo nas veias", diz outro camarada). O partido precisava de uma cura de oposição e Costa não se importa nada de deixar a espinhosa missão a alguém por quem sempre nutriu o mais profundo desprezo, António José Seguro.

Até que chega 2014. O PS vence as europeias. Falta um ano para eleições legislativas e o partido sente o cheiro do poder que pode voltar a ter. Costa reduz a vitória de Seguro a uma coisa "poucochinha" e desafia-lhe a liderança, conquistando-a. Só que nas vésperas do congresso que seria da sua consagração, o céu desaba sobre o PS: Sócrates é preso, suspeito de corrupção. E Costa faz magia de novo: aproveita para cortar definitivamente com a herança do antigo ministro com a famosa frase "à política o que é da política e à justiça o que é da justiça".

E depois 2015. O PS perde para a AD de Passos Coelho e Paulo Portas. Mas havia uma maioria de esquerda. E o alquimista volta a fazer das suas.

João Pedro Henriques

António Costa e Ursula von der Leyen estreitaram a relação durante a presidência portuguesa da UE
FOTO YVES HERMAN/REUTERS

Costa e Montenegro, um casamento de conveniência

O primeiro-ministro terá a sombra ou a ajuda do antecessor? A convivência na UE entre dois antigos inimigos políticos começa agora

António Costa e Luís Montenegro não têm uma relação próxima, antes "cordial" e de olhos postos em objetivos comuns. Os dois irão partilhar a mesa do Conselho Europeu e no Governo, as opiniões dividem-se: quando o primeiro-ministro precisa de se impor cá dentro e lá fora, Costa estar perto pode ser uma ajuda, acreditam uns, ou uma sombra, receiam outros.

A coabitação no palco europeu começará agora, e se, por um lado, Montenegro pode ganhar com uma posição mais institucional de Costa, que tenderá a ter menos espaço para criticar o Governo, por outro pode ficar com uma sombra: Costa senta-se àquela mesa há oito anos, conhece todos os líderes, é respeitado e, quando falar, a sua posição pode ser entendida como a do país, como se vai escutando no núcleo de Montenegro.

Certo é que ambos estão com os olhos postos no mesmo objetivo há meses, num pragmatismo que ficou evidente depois das europeias. Com tudo combinado ainda antes das legislativas, os dois têm trabalhado para que o ex-primeiro-ministro chegue ao lugar que deseja há anos. Ainda esta semana o atual primeiro-ministro explicou que o tempo do combate político já lá vai e que agora é altura de lutarem ombro a ombro, porque Costa "é o melhor socialista" para o cargo (e não só por ser português).

A primeira grande interação entre os dois — salvo os tempos em que Montenegro era líder parlamentar de Passos Coelho — foi num dos momentos mais tensos do último Governo de António Costa, com a decisão sobre a localização do novo aeroporto. O despacho de Pedro Nuno Santos, que se quis antecipar ao Congresso de consagração de Montenegro, foi revogado no dia seguinte, com Costa a desautorizar o ministro e a chamar o recém-eleito líder do PSD para um acordo para a criação da Comissão Técnica Independente (CTI) que estudou as várias localizações. O episódio, no entanto, haveria de criar irritação em Costa com os sociais-democratas, que ameaçaram rasgar o acordo e puseram em causa a independência dos membros da CTI.

> **Quando a transição de lugares se foi aproximando, a relação foi ficando mais institucional**

Não seria o único episódio a irritar o então primeiro-ministro relacionado com a avaliação que Montenegro fazia de outros. Em pleno caso Galamba, o PSD pediu a demissão da secretária-geral do SIRP, Graça Mira Gomes, e Costa respondeu por carta dizendo que era "lamentável" que o líder do PSD pusesse em causa a "seriedade e fiabilidade" de pessoas e serviços para mero "combate político".

Ainda assim, os ataques foram sempre mais no sentido de Montenegro para Costa, até pela posição institucional que o segundo ocupava. Costa é "doutorado em conversa, mas responde pouco e faz muito menos", afirmou Montenegro uma vez. "É um *flop* como primeiro-ministro", disse outra. Ou ainda se apresenta "arrogante e muito adocicado", com "uma espécie de choro de despedida", como Montenegro vincou numa outra ocasião, quando Costa estava já demissionário e as eleições à porta. Já o ex-primeiro-ministro foi sendo mais comedido na adjetivação, dizendo, por exemplo, em plena campanha para as legislativas, que os dirigentes do PS "davam 10 a 0" a Montenegro.

Quando a transição de lugares se foi aproximando, a relação foi ficando mais institucional e os silêncios convenientes apareceram. Montenegro nunca pediu a demissão de Costa quando alguma oposição o fazia a reboque dos "casos e casinhos". E foi o último a defender eleições antecipadas no dia 7 de novembro: "Nunca tivemos pressa, mas agora a degradação do Governo impõe que não se perca mais tempo e se devolva a palavra ao povo", anunciou já à noite.

Não subir o tom contra Costa era também uma forma de se posicionar como alternativa responsável e desviar-se da restante oposição, sobretudo o Chega. E foi até criticado por alguns sectores do PSD por não ser suficientemente duro com Costa, o que ficou mais visível quando Passos Coelho entrou em cena e acusou o socialista de "indecente e má figura". Enquanto Montenegro já só via Pedro Nuno Santos, Passos apontava ainda tinha Costa como alvo.

> **Têm os olhos postos na mesma meta, num pragmatismo evidente depois das europeias**

Apesar de poupar Montenegro a alguns adjetivos, Costa não poupou o PSD na relação com o Chega, sobretudo quando o líder do PSD ainda era dúbio. "Não disse o que era necessário dizer: não haverá nenhum acordo com o Chega", atirava. "Pior do que a situação equívoca, é que todo o posicionamento político do PSD" em matérias como "as migrações", "o funcionamento das instituições" e "o vocabulário" revela "uma preocupação fundamental do doutor Montenegro, que é que se distinga pouco o PSD para os eleitores do Chega". Montenegro respondia na mesma moeda, definindo "o maior cúmplice" de André Ventura: "António Costa."

Com a troca de cadeiras, o ex-primeiro-ministro contou com o empenho de Montenegro para o eleger. Foi o social-democrata que ajudou a afastar as dúvidas do Partido Popular Europeu sobre a sua situação judicial e que se atravessou pelo seu nome. Costa foi trabalhando na sombra e por fim recatou-se, não aparecendo na campanha das europeias.

LILIANA VALENTE com **DAVID DINIS** e **JOÃO DIOGO CORREIA**
lvalente@expresso.impresa.pt

O plano de Orbán para mandar na UE

"Tornar a Europa Grande Outra Vez" — é o lema da presidência húngara da União Europeia

Viktor Orbán terá ouvido os conselhos e desistiu de uns quantos bloqueios antes do arranque da presidência húngara da UE. Numa demonstração de atitude construtiva, permitiu, por exemplo, que as negociações de adesão da Ucrânia arrancassem neste final de junho. A partir de 1 de julho é o Governo de Budapeste quem comanda o Conselho da União Europeia, ou seja, organiza as reuniões de ministros — das Finanças à Agricultura —, prepara os consensos sobre regulamentos e diretivas e faz andar a máquina legislativa.

A promessa de "mediador honesto" — que todas as presidências fazem — é também repetida pelo ministro húngaro dos Assuntos Europeus. János Bóka garante que os húngaros vão "trabalhar lealmente com todos os Estados-membros e instituições".

As prioridades estão definidas. A Hungria quer puxar por um "novo acordo europeu para a competitividade, reforçar a política de defesa, defender uma política de alargamento coerente e com base no mérito e fazer a contenção da migração ilegal". O *slogan* escolhido também não deixa dúvidas da ambição: "Tornar a Europa Grande Outra Vez". O embaixador húngaro junto da UE rejeita que se trate de uma cópia do lema de Donald Trump, mas é conhecida a simpatia de Orbán pelo ex-Presidente norte-americano, que em tempos prometeu fazer o mesmo pelos Estados Unidos.

As migrações vão continuar na agenda europeia. A Hungria votou contra o Pacto das Migrações e Asilo. Não conseguiu chumbá-lo, mas na nova fase da implementação tentará puxar por "soluções criativas" e "externas", apurou o Expresso, de forma a que as entradas de migrantes possam ser travadas "fora da UE".

Quanto ao alargamento, é considerado "o elefante na sala", sobretudo no que diz respeito ao processo de adesão da Ucrânia. Mas a atitude de Budapeste é diferente em relação aos países dos Balcãs Ocidentais: para estes há disponibilidade para promover a abertura e avanços em novos capítulos de adesão, como por exemplo para a Sérvia, Macedónia do Norte ou Albânia.

No entanto, há um veto de que a Hungria não desiste: mantém refém o Mecanismo Europeu de Apoio à Paz, travando uma parte do apoio militar a Kiev e os reembolsos de mais de 6 mil milhões de euros aos Estados-membros. A razão, segundo duas fontes, é que Budapeste quer que a Comissão desbloqueie uma fatia dos mais de 10 mil milhões de euros de fundos europeus que estão congelados por causa das ameaças ao Estado de Direito. Se esse descongelamento não acontecer até final do ano, Budapeste pode perder esse dinheiro para sempre. **S.F.**

JUSTIÇA

Marcelo e Aguiar-Branco pressionam pacto

Lucília Gago terá de ir ao Parlamento e Governo quer novo PGR para **meter "ordem" no MP**

EUNICE LOURENÇO e JOÃO PEDRO HENRIQUES

O primeiro sinal público está dado, mas faltam passos concretos: PS e Governo manifestaram vontade, no debate quinzenal, que decorreu na quarta-feira, para avançarem com mudanças concretas no domínio do processo penal. Pode não ser exatamente a reforma da Justiça que o Presidente da República há tanto pede, mas é um início de caminho.

"Estamos disponíveis para aprofundar as regras do direito penal e processual", anunciou o primeiro-ministro no Parlamento, onde atacou os megaprocessos. O desafio tinha sido lançado pelo líder do PS, Pedro Nuno Santos, para quem há matérias em que os dois têm mesmo "de se entender e promover mudanças".

No debate, Pedro Nuno Santos assumiu que a sua intervenção era motivada pelos recentes desenvolvimentos relacionados com o caso Influencer e não deixou nada subentendido. "Temos inquéritos abertos que se arrastam durante anos e em momentos cruciais da vida democrática ganham outra vez projeção mediática ou mesmo diligências." Coincidência? "O primeiro caso pode ser coincidência, o segundo também, ao terceiro caso nós já só dizemos que é coincidência se não tivermos respeito pela nossa própria inteligência", acusou o líder do PS.

Marcelo, Aguiar-Branco e Montenegro esta semana nas festas de São João, no Porto FOTO MANUEL FERNANDO ARAÚJO/LUSA

Montenegro recusou alterações motivadas por casos concretos, mas assumiu que é preciso agir porque "o país precisa de confiar na Justiça". Por enquanto, nenhum avançou com propostas concretas, mas o líder socialista delimitou quatro tópicos para as alterações: prazos nos inquéritos; prazos nas detenções para interrogatório; regulação, limitação e rastreio do acesso às escutas; e clarificação do poder hierárquico no Ministério Público.

Em Belém, onde há muito Marcelo pede um pacto para a Justiça, atribui-se a Montenegro a responsabilidade de chamar Pedro Nuno Santos para conversações. E a convicção é de que a reforma tem de ser feita a várias velocidades, sendo a prioridade para as questões dos prazos e da definição dos poderes da investigação criminal. Ora, essa prioridade, no entender do Presidente, deve ser absoluta. Não sendo possível resolver o problema no Parlamento até às férias do verão, porque a agenda dos deputados já está completamente tomada, então que Governo e PS negoceiem um entendimento logo no recomeço dos trabalhos, em setembro. Isto é: antes de se iniciar a discussão do Orçamento do Estado para 2025 (outubro), mas sobretudo antes de se proceder à substituição de Lucília Gago no cargo de procuradora-geral da República (o mandato termina em 12 de outubro), para que o(a) novo(a) chefe do Ministério Público assuma funções já com um novo ordenamento legislativo aprovado.

Ministra da Justiça diz que novo PGR tem de saber mandar mais e comunicar melhor

Marcelo e Montenegro ainda não terão conversado sobre nomes para a sucessão de Lucília Gago (trata-se de um processo a quatro mãos: a proposta é do primeiro-ministro e a nomeação do Presidente da República). Em Belém, têm sido lidos com atenção os diversos artigos que o (já jubilado) procurador-geral adjunto António Cluny, antigo presidente do SMMP (Sindicato dos Magistrados do Ministério Público), tem publicado sobre o funcionamento do MP e dos tribunais de instrução.

A propósito do caso Influencer, Cluny tem tido várias intervenções no espaço público a defender que é preciso repensar algumas normas do processo penal, a organização dos tribunais de instrução criminal, os poderes do juiz titular do inquérito, mas também o próprio funcionamento do Ministério Público.

Para já, aumenta a pressão sobre Lucília Gago, que será, finalmente, chamada a dar respostas no Parlamento. O Bloco de Esquerda apresentou um requerimento para que vá à comissão de Assuntos Constitucionais apresentar o relatório anual de atividades e PS e PSD já anunciaram que viabilizam. E a ministra da Justiça, Rita Júdice, já começou a definir o perfil do próximo PGR. "Precisamos de uma pessoa que tenha uma boa capacidade de liderança e de comunicação", disse em entrevista ao Observador, acrescentando que "o novo procurador-geral tem que pôr ordem na casa".

Entretanto, no meio movimenta-se o presidente da Assembleia da República, que anda há anos a defender a necessidade de um pacto sobre Justiça — e agora se vê numa posição que o pode levar a tentar ser mediador desse esforço (mas, aparentemente, pelo menos para já, sem concertação com o primeiro-ministro).

José Pedro Aguiar-Branco tem falado com vários partidos e agentes judiciais sobre esta reforma. Na quarta-feira foi ao Fórum Jurídico de Lisboa — que junta políticos, magistrados e académicos de Portugal e do Brasil discutindo questões do Direito — dizer que "nenhum tema gera tanto aparente consenso como a necessidade de reformar a Justiça". Só que, lamentou, "isso não se tem traduzido em medidas concretas" porque "ao consenso da opinião falta o consenso da ação", sendo que esse consenso da ação "é cada vez mais urgente". O presidente da AR até gracejou dizendo que "a ideia de um pacto sobre a Justiça existe há quase tanto tempo como o novo aeroporto, que já tem local e nome [Luís de Camões]", podendo-se portanto "dar o nome de Fernando Pessoa ao novo pacto sobre a justiça" para que ele avance.

Em Belém, atribui-se a Montenegro a responsabilidade de chamar Pedro Nuno para conversações

elourenco@expresso.impresa.pt

MADEIRA

Braço de ferro até ao momento da votação

O Chega não cede, mas continua a negociar Programa de Governo com o Executivo de Miguel Albuquerque

Os quatro deputados do Chega são decisivos na Madeira, mas a posição do partido nem sempre é clara, e, numa semana, Miguel Castro, o líder regional, passou de um "não" categórico para um "talvez", para depois voltar a dizer que não são possíveis entendimentos com o PSD enquanto Miguel Albuquerque for o presidente do Governo Regional. E foi assim que entrou para a reunião desta quinta-feira, para negociar a introdução de medidas no novo Programa de Governo para a Madeira.

À saída da reunião, o líder regional do Chega disse que iria manter o "braço de ferro até onde fosse possível" e sublinhou que entendimentos só com o afastamento de Miguel Albuquerque. O partido não cede, mas não fecha a porta às negociações, que vão continuar. O que também ficou decidido é que segunda-feira há uma nova reunião, às 16h30, no mesmo sítio, o Salão Nobre do edifício do Governo Regional, e logo a seguir às condecorações do dia da região, que é feriado regional.

Apesar de manter aberto o diálogo, do lado do PSD e do Governo Regional a certeza é que o Chega irá manter o suspense até ao fim, estando a hipótese de afastar Albuquerque fora de questão. O próprio repetiu isso mesmo várias vezes durante a semana e, além disso, a demissão implicaria a queda do Governo e ficaria sem efeito o Programa de Governo que está a ser negociado e que deverá ser entregue para discussão na Assembleia a 5 de julho e cujo debate e votação deverá ocorrer na semana seguinte.

A incerteza não é apenas para o PSD e para Miguel Albuquerque, é também para o próprio Chega. O partido elegeu quatro deputados a 26 de maio, mas desde a noite das eleições que são notórias divisões, sobretudo com a única mulher eleita. Magna Costa não está alinhada com o líder regional. Embora Miguel Castro tenha dito à saída da reunião com o Governo que os deputados não têm liberdade de voto nesta questão, também é certo que a deputada já votou de forma diferente em relação à composição das comissões no Parlamento regional, o que levou ao desabafo de Castro: "Admito que não consigo mandar na cabeça dessa senhora deputada."

A incerteza não é apenas para o PSD e para Albuquerque, é também para o próprio Chega

As negociações também não estão a correr bem com a Iniciativa Liberal, que esta sexta-feira volta ao Salão Nobre para nova reunião com os secretários das Finanças e da Educação e Assuntos Parlamentares e o chefe de gabinete do presidente do Governo Regional. Nuno Morna já fez saber que o máximo que concede a este Governo é uma abstenção.

Feitas as contas, Miguel Albuquerque tem os 19 votos do PSD, os dois do CDS e, em princípio, terá também o apoio do PAN e, por isso, soma 22 votos a favor. Do lado do não estão os 11 votos do PS e os nove do JPP, que somam 20, e não é previsível que mudem de opinião. Os dois partidos não aceitaram sequer reunir com o Governo. Paulo Cafôfo diz que se trata de uma "farsa" e Élvio Sousa recusou participar "em reuniões secretas". E é por isso que são decisivos os votos do Chega, cuja abstenção basta para passar o Programa.

No meio da incerteza há certezas deixadas pelo representante da República. Ireneu Barreto explicou já que, se o Programa chumbar, o Governo não cai, mas fica em gestão e a situação só poderá ser esclarecida com a dissolução da Assembleia, quando Marcelo Rebelo de Sousa voltar a ter esse poder, a 26 de novembro. As eleições serão convocadas 56 dias após a data da dissolução, o que deverá calhar em janeiro de 2025. O representante da República aproveitou uma cerimónia com a GNR, logo no início da semana, para apelar a entendimentos e afastou a possibilidade de indigitar um novo Governo sem ir a eleições.

MARTA CAIRES
politica@expresso.impresa.pt

AUTÁRQUICAS

Causa Pública faz programas para frentes de esquerda

Think tank começa no final do ano a preparar "programas autárquicos progressistas". Com olho em **eventuais alianças de esquerda**

JOÃO PEDRO HENRIQUES

Depois de um interregno motivado pelas eleições legislativas, o *think tank* Causa Pública — um fórum de discussão de políticas que tenta manter vivas as convergências à esquerda criadas aquando da 'geringonça' — retoma este sábado as suas reuniões públicas, promovendo um encontro onde se discutirá a incapacidade da esquerda em politizar (e rentabilizar eleitoralmente) o mal-estar social. Um debate a realizar nas instalações do ISCTE, em Lisboa, para o qual avançarão destacadas personalidades de todas as esquerdas parlamentares (menos do PAN, que continua a dizer que não é de esquerda): as líderes parlamentares do PS e do Livre, respetivamente Alexandra Leitão e Isabel Mendes Lopes, o veteraníssimo deputado do PCP António Filipe, o comentador político Daniel Oliveira e Jorge Costa, o "patrão" do aparelho do Bloco de Esquerda.

Líderes do BE, PCP e PS em debate nas legislativas FOTO PEDRO PINA/RTP

O Causa Pública tenciona, no final do ano, lançar um processo visando discutir e definir aquilo que o coordenador da organização, o ex-dirigente (e militante) do PS Paulo Pedroso, define como um "programa de políticas urbanas progressistas", já no contexto das próximas eleições autárquicas (setembro ou outubro de 2025).

Os programas serão construídos no quadro das convergências de esquerda que caracterizam o *think tank* e por isso mesmo a pensar na possibilidade de em algumas câmaras a esquerda se coligar. O Causa Pública tenciona, de resto, começar a reforçar a partir do próximo mês a intensidade dos seus trabalhos, organizando mensalmente debates sobre a atualidade, em parceria com a Almedina. O primeiro será sobre justiça. Neste sábado discutirá também "O futuro do progressismo" — com António Casimiro Ferreira, Carmo Afonso e Ricardo Paes Mamede — e "Novas agendas, movimentos sociais" — com Ana Gago, João Reis, José Soeiro e Nuno Ramos de Almeida. O cuidado posto na constituição dos painéis é sempre o mesmo: que representem a diversidade da esquerda, do PS ao BE, passando pelo PCP e pelo Livre.

O cenário das coligações autárquicas de esquerda coloca-se notoriamente em relação a Lisboa, mas também no que diz respeito ao Porto.

Quanto a Lisboa, a convicção na direção do PS é de que só com uma convergência à esquerda será possível vencer uma possível recandidatura de Carlos Moedas (que dirige uma coligação entre o PSD, o CDS, o MPT e o PPM). De facto, atualmente, a frente de centro-direita liderada por Moedas só dirige os destinos do maior concelho do país porque a esquerda, embora maioritária, está dividida. A coligação do atual presidente tem sete eleitos na vereação (incluindo o próprio Moedas), enquanto o conjunto da esquerda tem dez (sete de uma coligação PS-Livre, dois da CDU e um do BE).

Cenário de coligações de esquerda coloca-se notoriamente em relação a Lisboa e Porto

No Porto, o independente Rui Moreira cumpre agora o terceiro e último mandato como presidente da Câmara Municipal. Não é certo ainda que o seu movimento se venha a apresentar de novo autonomamente (se o fizer, deverá ter à frente o atual vice-presidente da autarquia, Filipe Araújo). Seja como for, o fim do ciclo de Moreira abre perspetivas ao PS e ao PSD para sonharem com a reconquista da autarquia.

No PS, embora enfrentando resistências internas (porque já perdeu duas vezes, em 2013 e 2017), o ex-ministro da Saúde Manuel Pizarro pretende ser de novo candidato. E alimenta o projeto de o fazer à frente de uma coligação com o BE e a CDU. As perspetivas de vitória são, porém, mais difíceis do que no Porto. Atualmente, em 13 eleitos na vereação (presidente da câmara incluído), a esquerda só tem cinco (três do PS, um da CDU e outro do BE). O movimento de Rui Moreira (que tem o apoio do CDS-PP) ocupa seis lugares no executivo camarário e o PSD dois.

Esta semana, no contexto da preparação dessas convergências de esquerda para as autárquicas, o Livre lançou convites ao PS, PCP, BE e PAN. O Bloco aceitou de imediato — e anunciou também que no último trimestre deste ano organizará uma conferência nacional para, segundo Mariana Mortágua, "fazer um debate sobre as responsabilidades da esquerda perante um ciclo autárquico que se abre agora e em particular para discutir a política de alianças do BE nas eleições autárquicas". A proposta da direção do BE, conforme a coordenadora do partido, é que se "debatam as condições para convergências à esquerda que se possam traduzir em projetos verdadeiramente transformadores no território", dando como exemplo "a possibilidade de convergências mais alargadas para derrotar executivos de direita em sítios-chave do país, como em Lisboa".

A isto o PS reagiu dizendo, através de Marina Gonçalves — uma das atuais dirigentes mais próximas de Pedro Nuno Santos —, que há discussões que só se fazem à porta fechada. "Esta discussão não se deve fazer publicamente, não é razoável, não o faremos", disse à TSF. O PS está disponível para casar — mas o namoro terá de ser às escondidas.

jphenriques@expresso.impresa.pt

IL abre a porta a coligações com PSD

Liberais criticam "insistência" e *timing* "precoce", mas admitem acordos para Braga e Lisboa

Se à esquerda os convites para o diálogo com vista às autárquicas são públicos, à direita opta-se por não se levantar muito a cortina. Mas após as eleições europeias houve também conversas exploratórias entre PSD e Iniciativa Liberal (IL) de olho no próximo sufrágio.

Ao que o Expresso sabe, os liberais voltaram a ser desafiados pelos sociais-democratas para entendimentos a nível autárquico, depois de em 2021 a IL ter integrado apenas sete coligações nas suas primeiras eleições autárquicas e corrido em pista própria em 46 municípios. A estratégia da IL de ir, por regra, a votos sozinha pode deixar de fazer sentido no próximo ano, depois de o partido, criado em 2017, se ter conseguido afirmar nos últimos sufrágios, marcando presença em todos os Parlamentos (nacional, regionais da Madeira e dos Açores e Parlamento Europeu). Qualquer decisão só será tomada no próximo ano, depois de a IL auscultar os núcleos territoriais e de ser aprovada a moção de estratégia global da próxima direção na Convenção Nacional, que deve ser agendada para janeiro. Ou seja, o aval a acordos de coligação mais alargada com os sociais-democratas só será dado em contexto do núcleo local em consonância com a Comissão Executiva. "Não há negociações nem conversações com vista a negociações imediatas. Decisões e potenciais negociações com o PSD sobre as autárquicas serão tidas apenas no próximo ano e a IL terá envolvidas as suas estruturas locais nessas decisões, a tomar onde se possa justificar", diz ao Expresso fonte oficial do partido, que critica a discussão pública desta questão, preferindo manter reserva.

A "insistência" do PSD neste tema por "vários seus atores de forma pública" e "continuada" é "precoce" e "contraproducente", atira a IL. Em causa poderá estar uma coligação, por exemplo, para Braga e outra para Lisboa. Se há cinco anos os liberais disseram não à coligação Novos Tempos (PSD/CDS-PP/MPT/PPM/Aliança) de Carlos Moedas e chegaram a apresentar dois candidatos, num processo polémico, desta vez estão disponíveis para avaliar um eventual apoio à reeleição do autarca: "Penso que estará em aberto", assumiu Rodrigo Saraiva na rádio Observador, admitindo também a hipótese de um acordo mais alargado em 2025.

Qualquer decisão só será tomada no próximo ano, depois de serem ouvidos os núcleos territoriais

Em 2021 o partido elegeu 25 deputados municipais, mas não conquistou nenhum vereador, ambicionando conseguir agora uma maior implantação a nível autárquico: "Não podemos ser um Bloco de Esquerda", alerta um conselheiro nacional.

LILIANA COELHO

lpcoelho@expresso.impresa.pt

Gente

Indianos do bem Em plena discussão sobre a questão da imigração e depois de as principais figuras do partido tentarem assassinar o carácter do imigrante que interpelou Ventura na campanha eleitoral, foi com estupefação que Gente viu deputados do Chega a almoçar num restaurante indiano em frente à Assembleia da República. Gente desconhece a origem dos donos do restaurante e se têm sequer posições políticas, mas fica satisfeita por ver que os deputados do Chega descobriram imigrantes indostânicos do bem, porventura por terem tratado dos papéis de regularização dos empregados.

Grandoladas Os tempos em que os políticos de direita eram interrompidos por pessoas a cantar 'Grândola, Vila Morena' já passaram há muito, mas André Ventura sentiu esta semana a dificuldade que é tentar fazer-se ouvir. O líder do Chega marcou declarações à imprensa no Parlamento e teve de esperar que um coro de miúdos de escolas acabasse o seu repertório de músicas do 25 de Abril, com a 'Grândola' a fechar o miniconcerto, em plenos Passos Perdidos. Quando finalmente o líder do Chega estava a falar, tocou a campainha a chamar os deputados para o plenário e passou-lhe Montenegro atrás. Há dias em que mais vale optar pelo silêncio.

Stilettos A maratona de debate na quarta-feira foi de tal ordem que houve quem não se aguentasse nos sapatos. Gente valoriza a deputada previdente que, tal como nos casamentos, levou um parzinho de ténis para calçar e trocar pelos sapatos de salto alto. Gente valorizaria também que a parlamentar tivesse optado por fazer a troca numa casa de banho e não em pleno corredor, mas cada um safa-se como pode.

Poesia parlamentar "Vemos, ouvimos e lemos/ Não podemos ignorar" que Rui Rocha só lê os livros de Milton Friedman que Cotrim Figueiredo recomenda. É que o líder liberal citou no Parlamento os versos de Sophia de Mello Breyner tornados palavras de ordem contra a Guerra Colonial, mas atribuiu-os a José Saramago. Gente não vai arriscar recomendar livros a Rocha, mas fica o aviso.

Vocabulário preso O ministro Leitão Amaro tem sido protagonista de algumas apresentações do Governo. No último Conselho de Ministros só respondeu a três perguntas, mas foi suficiente para repetir quase uma dezena de vezes que a reforma era "boa", quase como autoconvencimento. O último ministro que só usava o adjetivo "bom" foi João Leão, pelo que é aconselhável alguma diversificação de linguagem.

Esplendor na relva

Moranguita A internet descobriu dois *frames* que criaram uma dúvida existencial na política portuguesa: Inês Sousa Real participou na série infanto-juvenil "Morangos com Açúcar", nos idos de 2003? Gente saúda a versatilidade, mas pede um esclarecimento a Sousa Real: uma (então futura) líder partidária pode sentar-se assim na relva? FOTO D.R.

Qual a probabilidade de um salto em frente do bem-estar das famílias portuguesas nos próximos 10 anos?

Aníbal Cavaco Silva

1 O bem-estar das famílias portuguesas depende de vários fatores com impacto direto no nível e qualidade de vida dos cidadãos, de que se destacam o rendimento líquido que auferem, em particular do trabalho, o apoio na velhice, na invalidez e no desemprego, o acesso aos cuidados de saúde, à educação e à cultura, a habitação condigna, a segurança reinante no país, a qualidade do meio ambiente e as oportunidades de lazer[1].

A questão que neste texto pedagógico quero deixar aos leitores é uma daquelas que vale um milhão de dólares: “Qual a probabilidade de, nos próximos 10 anos, Portugal dar um importante salto em frente em matéria de bem-estar das famílias e aproximar-se dos países mais ricos da União Europeia?”

Com um importante salto em frente quero significar um progresso a ritmo muito superior ao verificado ao longo dos anos do século XXI, em que avançámos muito pouco.

O que me proponho fazer é identificar esquematicamente o que não pode deixar de ser feito para atingir esse objetivo e, no fim, deixar aos leitores a interrogação sobre se a probabilidade de o poder político fazer o que lhe compete é muito alta, alta, média, baixa ou muito baixa.

Em linha com o muito que economistas e instituições credíveis têm escrito sobre o futuro do país no médio e longo prazo, considero que o **crescimento da produção interna, da produtividade e da competitividade externa** são condições necessárias extremamente fortes para uma evolução positiva do bem-estar das famílias portuguesas. A relevância destas variáveis é reforçada pela perspetiva de alargamento da União Europeia, a qual implicará uma redução dos apoios financeiros comunitários a Portugal. Não são condições suficientes, mas sem elas não é possível melhorar significativamente o grau de satisfação da maioria das dimensões do bem-estar.

Como é que essas três variáveis interdependentes influenciam o bem-estar dos cidadãos?

O aumento da produtividade é decisivo para que Portugal deixe de ser um dos países da União Europeia com mais baixo poder de compra do salário médio, o qual tem vindo a aproximar-se do salário mínimo. É necessário que a produtividade iguale, pelo menos, a média da União Europeia.

Por outro lado, sem um crescimento forte da produção interna não é possível combater o desemprego nem gerar os recursos públicos necessários para que o Estado melhore dimensões do bem-estar das famílias como a proteção social, os cuidados de saúde, a educação, a cultura, a habitação, a segurança dos cidadãos e o meio ambiente. É necessário que a produção interna cresça a uma taxa média anual não inferior a 3%.

Por sua vez, a competitividade externa, um domínio em que Portugal está muito mal classificado nos *rankings* internacionais, é determinante dos níveis de exportação de bens e serviços e de captação de investimento direto estrangeiro e, por essas vias, para o aumento da produção interna e da produtividade.

De que depende a evolução das três variáveis críticas e determinantes do bem-estar das famílias — **produção interna, produtividade e competitividade da economia?**

Depende, em primeiro lugar, do investimento produtivo e inovador. A taxa de investimento deve voltar a um nível acima de 25%, como se verificou nos anos 80 e 90 do século passado. O *stock* de capital físico por trabalhador é muito inferior à média europeia. O consumo não deve ser tomado como motor do crescimento da economia.

O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INTERNA, DA PRODUTIVIDADE E DA COMPETITIVIDADE EXTERNA SÃO CONDIÇÕES PARA UMA EVOLUÇÃO POSITIVA

Como tem sido amplamente reconhecido, a prioridade é o investimento privado nos sectores de bens e serviços transacionáveis abertos à concorrência externa, em particular em fábricas, equipamentos, máquinas, tecnologias digitais, investigação e inovação orientada para o mercado. O aumento significativo deste tipo de investimento, em relação ao investimento em construções que atualmente é dominante, assim como o aumento do peso da indústria transformadora, são condições essenciais para que Portugal tenha sucesso.

Ao Estado cabe garantir os investimentos nas infraestruturas de apoio ao desenvolvimento e criar o quadro legal, regulatório e social indispensáveis para que as empresas produzam, invistam e inovem com eficiência.

O investimento de boa qualidade é uma variável estratégica crítica não só do crescimento da produção interna mas também do aumento da produtividade por trabalhador e por unidade de capital, domínio em que Portugal se situa a um nível muito inferior à média europeia.

A produtividade, a grande fonte da prosperidade, depende também da qualidade do fator trabalho e, consequentemente, da capacidade de o país formar e reter talentos e desenvolver competências. Na última década emigraram anualmente, em média, 20 mil portugueses com curso superior em idade ativa. Por outro lado, cerca de um quarto da população empregada em Portugal tem mais de 55 anos, um dos países da União Europeia com a força laboral mais envelhecida.

O facto de as micro e pequenas empresas predominarem em mais de 90% é uma das principais razões da baixa produtividade da nossa economia. Daí a urgência em promover concentrações e fusões de empresas, de modo a ganharem a escala que estimula a adoção de técnicas de gestão e processos tecnológicos modernos que possibilitem o aumento do valor da produção por unidade de trabalho e de capital físico.

Quando na União Europeia se debate a falta de escala das grandes empresas para competirem com a China e os Estados Unidos em sectores estratégicos, em Portugal há pouca consciência de que as nossas grandes empresas são pequenas a nível europeu.

De que depende a terceira variável determinante do bem-estar das famílias, a competitividade externa da nossa economia?

A competitividade das exportações de bens e serviços depende do fator preço, o qual é determinado pela produtividade das empresas, pelos custos energéticos e pelos custos de contexto derivados das ineficiências do Estado, assim como da inovação como marca diferenciadora em relação aos concorrentes.

É essencial aumentar o grau de complexidade e o valor acrescentado das exportações, em particular nos sectores de veículos automóveis, máquinas e equipamentos, de modo a baixar o conteúdo de importação das exportações em 10 a 15 pontos percentuais.

A competitividade nacional na captação de investimento direto estrangeiro de qualidade depende da capacidade competitiva em matéria fiscal em relação aos concorrentes, da celeridade do sistema judicial, do nível de burocracia, da qualificação dos recursos humanos e da estabilidade política.

Sem o aumento do peso do investimento estrangeiro será muito difícil a Portugal conseguir o aumento do *stock* de capital produtivo nos sectores dos bens e serviços transacionáveis e a produtividade, a inovação tecnológica, a integração nas cadeias globais de valor e a modernização do sistema produtivo necessários para alcançar uma melhoria significativa do bem-estar das famílias. A escassez de poupança interna é uma das razões da insuficiente acumulação de capital produtivo.

A INTERROGAÇÃO QUE VALE UM MILHÃO DE DÓLARES É: QUAL A PROBABILIDADE DE SEREM ADOTADAS AS POLÍTICAS PÚBLICAS CERTAS?

2 Tendo identificado de forma esquemática o que não pode deixar de ser feito para que o bem-estar das famílias portuguesas dê um importante salto em frente nos próximos 10 anos e o país se aproxime dos mais ricos da União Europeia, a interrogação tipo questionário de opinião que deixo aos leitores e que vale um milhão de dólares é, afinal, a de qual a probabilidade, muito alta, alta, média, baixa ou muito baixa, de serem adotadas as políticas públicas certas.

Perante o que ficou escrito, são políticas de investimento público, de apoio ao investimento privado, de educação e formação profissional, de investigação e inovação, de salários, de impostos, de Administração Pública, de justiça, de energia, de ambiente e de investimento estrangeiro.

Se quisermos responder ao questionário de opinião, com a preocupação de ter pensado seriamente no assunto, temos de nos interrogar sobre quais os poderes executivo e legislativo do nosso sistema político que estarão em funções nos anos da próxima década detentores das competências para decidir e executar as diferentes políticas. É uma questão que ultrapassa a capacidade de adivinhação de qualquer pessoa.

O que pode ser feito é assumir diferentes hipóteses sobre o quadro político predominante ao longo dos próximos 10 anos e extrair para cada uma delas conclusões sobre a probabilidade de serem tomadas as medidas necessárias.

Exemplificando.

Hipótese geral: O Governo em funções, independentemente da sua orientação partidária, considera que o crescimento da produção interna, da produtividade e da competitividade externa é determinante do bem-estar das famílias portuguesas, como é reconhecido pelos economistas e instituições credíveis que têm escrito sobre o futuro do país no médio e longo prazo; os programas com que os partidos se apresentaram às eleições legislativas de março de 2024 não sofrem alterações significativas.

Hipótese específica 1: Governo com apoio minoritário na Assembleia da República; estrutura partidária pouco diferente da atual; dificuldade de entendimento entre o Governo e partidos da oposição para aprovação das políticas.

FOTO JOÃO CARLOS SANTOS

Hipótese específica 2: Governo com apoio minoritário na Assembleia da República; estrutura partidária pouco diferente da atual; abertura de partidos da oposição para discutir e aprovar as políticas.

Hipótese específica 3: Governo com apoio maioritário na Assembleia da República na sequência da realização de eleições legislativas, antecipadas ou não.

Hipótese específica 4: Governo com apoio minoritário na Assembleia da República; redução do peso dos partidos extremistas na sequência da realização de eleições legislativas, antecipadas ou não; entendimento tipo pacto de regime entre os partidos que apoiam o Governo e partidos da oposição para aprovarem as políticas.

Hipótese específica 5: Governo com apoio minoritário na Assembleia da República; aumento do peso dos partidos extremistas na sequência de eleições legislativas, antecipadas ou não; fortes dificuldades de entendimento entre o Governo e partidos da oposição para aprovação das políticas.

Podem ser imaginadas outras hipóteses específicas sobre o quadro político predominante na próxima década. Mas o exemplo destas cinco é suficiente para ajudar os leitores a formar uma ideia sobre qual a probabilidade de o poder político executar as políticas certas para que ocorra um aumento significativo do bem-estar das famílias.

Acrescento apenas que, em minha opinião pessoal, com todo o subjetivismo que encerra, a probabilidade só seria muito alta no caso da hipótese 3 e seria alta na hipótese 4.

Quero com isto dizer que, sem a predominância de um Governo que atribua prioridade ao crescimento da produção interna, da produtividade e da competitividade externa e goze de apoio maioritário na Assembleia da República ou que, sendo minoritário, beneficie de um compromisso de regime entre os partidos que o apoiem e partidos da oposição, o bem-estar das

HIPÓTESE ESPECÍFICA 3: GOVERNO COM APOIO MAIORITÁRIO NA AR NA SEQUÊNCIA DA REALIZAÇÃO DE ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

famílias portuguesas, nas suas diferentes dimensões, continuará, no fim da próxima década, muito afastado dos países mais ricos da União Europeia.

Esta é, hoje, a minha opinião pessoal. O que de facto se verificou só será sabido daqui a 10 anos, no fim de 2034.

Saber-se-á então qual o quadro político que predominou e poder-se-á avaliar o aumento do bem-estar das famílias que teve lugar e o crescimento na década 2024-34 das três variáveis tomadas neste texto como decisivas — **a produção interna, a produtividade e a competitividade externa da economia.**

Se estes resultados não se revelarem positivos — faço votos para que não seja esse o caso —, poder-se-á apurar onde se situaram as falhas.

Insuficiência de investimento público e de investimento privado nos sectores de bens e serviços transacionáveis?

Carência de investimento estrangeiro de qualidade?

Pouca melhoria das qualificações da população ativa?

Avanço limitado no progresso tecnológico e na inovação?

Escassez de poupança interna?

Poder-se-á ir mais longe na análise e apurar quais as políticas públicas relevantes que falharam: fiscal?, justiça?, Administração Pública?, energética?, educação?, ciência?, laboral?, ambiental?

Poder-se-á concluir que o fracasso se ficou a dever, acima de tudo, ao quadro político. Terão o poder executivo e a composição da Assembleia da República predominantes tornado muito improvável a adoção das políticas certas para que Portugal tivesse dado um importante salto em frente em matéria de bem-estar das famílias?

No caso de, em 2034, os resultados de bem-estar e das variáveis críticas que o determinam serem negativos, faço votos para que as análises de economistas e instituições credíveis que entretanto foram sendo feitas influenciem os decisores políticos para que, na década seguinte, 2034-2044, adotem as políticas certas para a concretização do sonho de aproximação de Portugal aos países mais ricos da União Europeia e a geração dos meus netos beneficie de um importante salto em frente do bem-estar das famílias portuguesas.

Não foi isso o que aconteceu na década de 2014-2024, apesar do muito que foi dito e escrito sobre os erros das políticas seguidas pelo poder político predominante nesses anos e dos seus elevados custos para os portugueses.

Deixo esta reflexão pedagógica para que, ao longo dos próximos 10 anos, os diferentes agentes políticos possam pensar seriamente nas consequências das políticas adotadas para o bem-estar das famílias portuguesas.

[1] O Banco de Portugal publicou um estudo comparativo do bem-estar em Portugal e nos outros países da União Europeia no período de 1995-2022, tomando como indicadores do bem-estar dos indivíduos o consumo privado e público, o tempo de lazer, a esperança de vida à nascença e as desigualdades no consumo, em que Portugal ocupava em 2022 a 16ª posição ("Boletim Económico", março 2024). O Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas toma como indicadores a esperança de vida à nascença, os anos de escolaridade e o rendimento nacional bruto *per capita*. Em 2022 Portugal ocupava o 42º lugar, tendo atrás de si apenas quatro países de entre os 27 da União Europeia.

VERÃO 2024 ENTREVISTA

Augusto Santos Silva Ex-presidente da Assembleia da República

“Engano-me várias vezes e tenho sempre muitas dúvidas”

Textos **BERNARDO MENDONÇA**
Fotos **MATILDE FIESCHI**

É o nº 2 no top dos governantes portugueses com mais tempo em funções. Acima dele, só António Costa. Em vários Governos socialistas tutelou cinco pastas: foi ministro da Educação, da Defesa, da Cultura, dos Assuntos Parlamentares e dos Negócios Estrangeiros. Até março deste ano foi o número 2 da hierarquia do Estado, tendo sido substituído por Aguiar-Branco. Nas últimas eleições não foi reeleito deputado pelo círculo eleitoral da emigração Fora da Europa. Algumas vozes acharam que o resultado se deve a ter provocado o Chega, o que enfurecera o eleitorado emigrante no Brasil. Recusa a ideia e diz que dedicará o seu estudo à nova geração de rapazes que parecem ser os novos rebeldes ultrarradicais de direita.

P Nestas eleições europeias, ao contrário doutros países, o Chega foi o partido português que mais perdeu votos em relação às legislativas. O eleitorado deste partido não é tão militante como se julgava?
R Em parte terá havido algum efeito pela escolha do cabeça de lista que não era tão conhecido como o líder do partido. Em Portugal a extrema-direita tem expressão política, mas é uma expressão política bastante minoritária.

P A direita radical alcançou resultados históricos na Europa e multiplica-se no poder. Como explica esse crescimento?
R No conjunto, esse crescimento é relativamente pequeno. A extrema-direita cresce preocupantemente na Alemanha e em França.

P Marine Le Pen nunca esteve tão próximo do poder...
R A minha inquietação é de outra natureza, mas é uma inquietação muito funda e é da ordem da cultura política. O que verifico transversalmente aos diferentes países europeus é que hoje em dia as duas grandes famílias políticas da Europa do pós-guerra, que fizeram a Europa tal como nós a conhecemos, a Europa do Estado de direito, que são a democracia cristã, à direita, e a social-democracia, à esquerda, têm hoje uma enorme dificuldade em comunicar com as gerações mais novas. Em particular com os rapazes, e isso é um problema.

P Os estudos de facto apontam para isso. Que razões encontra?
R Tenho tanta dificuldade em encontrar uma resposta clara para esse assunto, que esse é um dos temas da minha investigação nos próximos tempos, como cientista social. Há uma espécie de revolta do homem jovem adulto que é estranha, mas reconheço que a minha própria família política, juntamente com a família democrata-cristã ou conservadora democrática da Europa, têm hoje uma linguagem e forma de comunicação que não está a ter a aceitação que se esperaria junto dos jovens eleitores. E porquê? Os jovens eleitores viraram homofóbicos, viraram contra os direitos das mulheres, viraram racistas e xenófobos, revoltam-se contra a transição verde e são contrários à transição digital e não querem mais imigrantes? Querem fechar fronteiras?

OUÇA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA NO *PODCAST* **“A BELEZA DAS PEQUENAS COISAS”** EM **EXPRESSO.PT/PODCASTS**

P São os novos ultraconservadores?
R Não sei se é por preconceito político, mas recuso-me a acreditar que as respostas a estas perguntas que fiz sejam necessariamente sempre ‘sim’ e é preciso compreender. A resposta *standard* que me dão, no interior do meu partido ou nas tertúlias políticas, ou nas conversas com jornalistas, é sempre a mesma: “Ah, porque a extrema-direita sabe como falar aos jovens no TikTok, no Twitter e no Instagram.”

> “O CENTRO POLÍTICO TEM DIFICULDADE EM COMUNICAR COM OS JOVENS RAPAZES E ISSO É UM PROBLEMA”

P Ia dizer-lhe precisamente isso.
R Isso não me satisfaz. Porque se isso fosse verdade, quereria dizer que os jovens seriam uma espécie do que antigamente na Filosofia se chamava *tabula rasa*. Quer dizer que a mente de um jovem ou de uma jovem fosse um terreno vazio onde quem quer que lá chegasse semeava o seu produto, as suas sementes. E o que há de jovem em mim recusa-se a aceitar isso. Recuso-me a considerar que subitamente uma geração inteira deixou de estar disponível para argumentação racional. A primeira coisa que é preciso fazer é ouvir esses jovens e ver o que é que dizem, o que querem, suscitar debate com eles.

P Imagina o PS a liderar um bloco à esquerda de forma assumida ou não deve hipotecar a sua zona ao centro para secar a AD?
R Depende. Acho que neste momento há condições que tornam possível que haja uma candidatura à Câmara Municipal de Lisboa que conte com o apoio de todos os partidos de esquerda. E que inclua o PAN. Há neste momento condições em Lisboa para se formar uma candidatura que seja muito ampla do ponto de vista político-partidário que seja também muito mobilizadora, de muitos cidadãos que estão para além do espectro político-partidário e que seja uma candidatura vencedora que faça regressar Lisboa à dinâmica que ela perdeu, na minha opinião, com o atual mandato do engenheiro Carlos Moedas.

P Via com bons olhos um bloco assumido à esquerda com o PS a liderar?
R Não sou nada favorável a questões de frentismo político, porque o PS deve preservar a sua autonomia estratégica. E não me parece que haja tanta identidade de posições entre o PS e os partidos à sua esquerda, que essa lógica de frente se coloque. E nem há ameaça que obrigue a pensar assim. Até compreendo as movimentações que estão a acontecer em França, mas a situação portuguesa é diferente.

P O anterior Governo foi mandado abaixo pelo Ministério Público, com a Operação Influencer e a questão é se aconteceu propositadamente, por consequência natural, por incompetência ou perseguição?
R Não sei. O que sei é que há um comunicado do Ministério Público a comunicar ao país que o primeiro-ministro está com um inquérito-crime a correr contra ele, no Supremo Tribunal de Justiça. Esse comunicado, se não me falha a memória é do dia 7 de novembro, o primeiro-ministro, na minha opinião bem, tira desse comunicado a consequência que não tem condições para continuar com o primeiro-ministro. Passaram 7 meses e não há resposta à pergunta, mas de que é que ele é suspeito? Que indícios?

P O que é que isso diz da Justiça?
R Que precisa de uma reforma. Gostaria que ninguém estivesse 4 anos seguidos sob escutas telefónicas, não gostaria que as buscas domiciliárias se fizessem com as televisões a filmar, não gostaria que meios tão intrusivos de realizar diligências como as escutas telefónicas ou as buscas domiciliárias fossem realizadas com tanta ligeireza, não gostaria que o segredo de Justiça fosse tão flagrantemente violado, e sempre da mesma maneira, sempre para provocar a condenação em praça pública antecipada das pessoas que são consideradas suspeitas.

P Enquanto presidente da AR foi notório o pulso forte perante a ala mais à direita da Assembleia. Por diversas vezes, chamou a atenção por intervenções do Chega mas, nestas últimas eleições, não voltou a ser eleito. Há quem diga que foi uma fatura por essa sua atitude. Qual a estratégia que funciona com a direita radical?
R Fui candidato pelo círculo de Fora da Europa em 2019 por uma decisão política que o secretário-geral do PS e eu próprio tomámos e que tinha toda a lógica, como ministro dos Negócios Estrangeiros era o responsável pela política para as comunidades, nada melhor do que me sujeitar ao escrutínio das comunidades e fui eleito. Não fui eleito este ano no círculo de fora da Europa. Este círculo eleitoral é o mais difícil para o PS, ainda mais difícil que a Madeira. O PS só elegeu um deputado por fora da Europa em 1999, quando foram os 115 deputados, não elegeu sequer na maioria absoluta de Sócrates, e depois elegeu em 2019 e em 2022 eu próprio. Sabíamos que, se o PS não ganhasse folgadamente as eleições, eu não seria eleito.

P Não foi uma fatura pelo desagrado de um certo eleitorado perante a forma como agiu com o Chega?
R Se usei pulso forte na direção da Assembleia? Acho que sim. Mas nunca cortei a palavra a ninguém, nem interrompi uma sessão. E não foi dirigido contra alguém. Na minha responsabilidade de aplicar o regimento, designadamente o artigo 89, que diz que o presidente intervém quando o discurso que está a ser produzido se torna injurioso ou ofensivo, fi-lo que me lembre com deputados do BE, do PS, do IL, com membros do Governo.

P Mas há diferenças entre si...
R A única diferença é que, por razões que são muito compreensíveis, pode acontecer a qualquer um ou qualquer

> “HÁ CONDIÇÕES PARA UMA CANDIDATURA A LISBOA QUE CONTE COM O APOIO DE TODA A ESQUERDA”

uma, no calor do debate ser-se excessivo. Grandes deputados como Francisco Sousa Tavares ou Raul Rêgo são ainda hoje conhecidos por expressões absolutamente fora de contexto que fizeram. Mas uma coisa são esses excessos que uma pessoa faz, é chamada à atenção e percebe que se excedeu e até pede desculpa aos visados, outra coisa foi e isso pela primeira vez aconteceu em Portugal em 2022, ou melhor, a partir de 2019 é uma força política usar como tática da afirmação política e mediática o incumprimento sistemático das regras básicas de cordialidade na convivência democrática e nas regras básicas de respeito internacional perante todo o Estado.

P E como é que se age perante uma força assim?
R Agi como entendi. Se me perguntar se me arrependo de ter interrompido um deputado que chamava bandido ao Presidente do Brasil em pleno debate na Assembleia a resposta é não.

P Na altura disse "chega de insultos, chega de degradar as instituições, chega de pôr em vergonha o nome de Portugal".
R Foi uma sessão solene realizada na Assembleia da República de receção ao Presidente do Brasil, não importa aqui o nome dele, que foi convidado por nós para vir a Portugal. Foi o nosso Presidente da República que o convidou a vir ao nosso país naquela data, no dia 25 de abril de 2023. E ele, a nosso convite, estava em nossa casa, e nós tínhamos 12 deputados que nem sequer o queriam deixar falar. E um presidente da Assembleia da República pode permitir isso sem ter uma palavra? Na minha opinião não. Portanto, agi.

P O que é que responderia no lugar de Aguiar-Branco à pergunta da líder parlamentar do PS: "Se uma determinada bancada disser que uma determinada raça ou etnia é mais burra ou preguiçosa também pode?"
R Não vou responder a essa sua pergunta, porque há ciclos, há posições em que a gente está, e há também uma certa discrição que a gente deve ter quando abandona as posições. O que fiz como presidente da Assembleia da República está documentado, saiu um livro com as minhas intervenções, há registo escrito e televisivo delas, cada um faz a opinião que quiser.

P Como lidar com discursos permanentemente ofensivos e que espalham desinformação na Assembleia?
R Interrompi um deputado, porque estava a dizer quase literalmente que determinada comunidade étnica era constituída por criminosos. Interrompi e disse que a atribuição coletiva de culpas em Portugal não existe e pedi que continuasse. Não tinha nenhuma pretensão de corrigir o deputado em questão, de o tornar mais educado ou cumpridor das regras democráticas. O meu objetivo era que não ficasse a ideia de que a AR acompanhava aquela acusação. Aliás, fiz essa intervenção no meio de um clamor geral de indignação e fui aplaudido de pé por deputados de diferentes bancadas, incluindo algumas que depois me criticaram.

P Já me contou que vive numa enorme inquietação. O que habita nela?
R É o desejo de estar de estar sempre atento ao que se passa à minha volta, de tentar contribuir para que fique um bocadinho melhor. E a inquietação de, ao contrário do que dizia o outro, engano-me várias vezes e tenho sempre muitas dúvidas.

oemaildobernardomendoca@gmail.com

AS ESCOLHAS PARA O VERÃO

Jazz em Espinho e comida em Chaves

UM FILME

P "O Teu Rosto Será o Último", de Luís Filipe Rocha
R Fui ver um filme português de que gostei imenso e recomendo vivamente. É de Luís Filipe Rocha e chama-se "O Teu Rosto Será o Último". Vale muito a pena ver, quer do ponto de vista estritamente cinematográfico, quer da revisitação que faz de alguma da história portuguesa, designadamente ligada à guerra colonial, quer pela interpretação que é excelente. A Rita Durão que faz o papel feminino principal e depois o protagonista que é o Duarte é apresentado em três momentos da sua evolução como criança, adolescente, e depois jovem adulto interpretado por três atores diferentes, que também achei que iam muito bem.

UM LUGAR

P Chaves e Cambedo da Raia
R Há muitos anos que não ia a Chaves. Fui lá em setembro passado, de novo em junho, e recomendo vivamente. Come-se muito bem, que é uma boa maneira também de conhecer os lugares, e tem dois museus excecionais: o Museu Nadir Afonso, que é uma obra espetacular do Siza Vieira, e o Museu das Termas Romanas, numa praça. Tentaram fazer um parque de estacionamento subterrâneo nessa praça e descobriram essas termas em estado de conservação excecional. E depois, se quiserem, fazem mais uns 6 km e vão a uma pequena aldeia chamada Cambedo da Raia, meio portuguesa, meio galega, porque foi galega durante algum tempo. Cambedo da Raia acolheu 'fuxidos', que em galego quer dizer 'fugidos', antifranquistas que fugiram de Franco. E, por ter acolhido esses antifranquistas, em 1946 a aldeia foi atacada a tiro de morteiro pela Guarda Civil Espanhola, com a colaboração da nossa GNR, do nosso exército e da PIDE. Vale sempre a pena ir lá agradecer àquela gente a humanidade que mostrou.

UM LIVRO

P "Misericórdia", de Lídia Jorge
R Do que li recentemente e que tenho a recomendar, é o livro "Misericórdia", da Lídia Jorge. Gostei muito. É um dos melhores romances dela. O tema é abordado com muita delicadeza. A protagonista está num lar e fala do ponto de vista do que é os últimos anos de vida de alguém até à irrupção da pandemia. Vale muito a pena ler. É boa literatura. Como, aliás é toda a literatura de Lídia Jorge.

UM ESPETÁCULO

P Festivais de Espinho e da Póvoa de Varzim
R Infelizmente não frequento os festivais e os concertos de rock, porque como sofro de hérnia discal tenho muita dificuldade em estar muitas horas a pé, então mexer-me nem pensar. Portanto, no verão frequento muito festivais de jazz ou de música clássica. O festival de Espinho já começou e o da Póvoa de Varzim começa em julho. E estou a dizer propositadamente tudo a norte para convidar toda a gente a ir para a minha terra. Como agora é tempo das sardinhas, pode-se dizer que 'estou a puxar a brasa à minha sardinha'.

UMA MÚSICA

P 'Corridinho Português', dos Cara de Espelho
R A canção 'Corridinho Português', do grupo Cara de Espelho, é uma canção que vale a pena ouvirem. E ouvindo percebem logo porque é que a escolhi. Portugal sempre foi feito de misturas de gentes diferentes e esse é que é o corridinho português. Diversidade sempre foi o que nos fez. E quem andar à procura da pureza portuguesa, dos portugueses de bem, anda à procura de uma coisa que não existe, felizmente não existe essa pureza. Porque a pureza era aquela coisa dos nazis.

A Agência para as Migrações continua com mais de 400 mil processos pendentes FOTO TIAGO MIRANDA

Solução Estrangeiros em situação irregular, mas a trabalhar e com descontos, poderão integrar regime excecional

Governo admite legalizar imigrantes sem processo

RAQUEL MOLEIRO

A 3 de junho, os imigrantes que estavam a trabalhar em Portugal mas que não tinham ainda iniciado o processo de regularização na Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) perderam a hipótese de se legalizarem em território nacional. O Governo extinguiu as manifestações de interesse, o único mecanismo que permitia pedir autorização de residência aos cidadãos estrangeiros com entrada no país sem o visto adequado.

A medida, a primeira do Plano de Ação para as Migrações, foi apresentada às 17h, promulgada às 19h e entrou em vigor à meia-noite. Nessas sete horas, a AIMA recebeu 3 mil pedidos, dez vezes mais do que a média naquele espaço temporal, revelou esta quarta-feira, no Parlamento, o ministro da Presidência, durante a audição na Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias.

O Plano, e mais tarde o decreto regulamentar, veio garantir que a revogação imediata teria um regime transitório para os processos já apresentados na AIMA, cumprissem ou não os requisitos (um ano de descontos para a Segurança Social e contrato de trabalho). Mas de fora, sem menção específica, ficaram os outros, os imigrantes ainda por legalizar, com emprego em Portugal mas apanhados antes de terem completado os 12 meses necessários ou que ainda estavam a recolher a documentação necessária para dar entrada com o processo de autorização de residência.

Nessa semana, Leitão Amaro desvalorizou a existência destes 'imigrantes ilegalizáveis': "Se não estão com manifestação de interesse, têm que estar, presume-se, em alguma situação regular." Mas agora, sabe o Expresso, o ministro da Presidência "tem a intenção de encontrar uma solução" que os abranja "em contexto de negociação parlamentar". No fim de quase quatro horas de audição, o governante explicou aos deputados que estes cidadãos poderão ser "acomodados" pelo regime transitório previsto no Plano para as Migrações e disponibilizou-se a regularizar a abrangência das exceções no Parlamento "em diálogo com todos os grupos".

A ida à Assembleia da República não depende, no entanto, apenas da sua vontade. É uma certeza imposta pelo PS, que esta semana entregou o pedido de apreciação parlamentar do decreto do Governo que revoga as manifestações de interesse. Dificuldades de agenda vão adiar o debate para depois do verão, e até lá os socialistas vão elaborar uma proposta de alteração "em contacto com especialistas na área, antigos responsáveis, associações e outros interessados", explica o partido.

Além da definição de um regime transitório "para quem à data já se encontrava a trabalhar e a descontar para a Segurança Social", o PS quer também fincar "uma solução para o futuro, para as situações em que há atividade laboral e descontos, que não as faça depender de opções discricionárias ou de regularizações extraordinárias".

Em suma, só os imigrantes que entraram em Portugal de forma irregular já após a promulgação da lei ou que não tinham, à altura, contrato de trabalho ou descontos ficam de fora de qualquer possibilidade de legalização.

Quantos são?

O Governo não sabe quantos imigrantes ficaram neste limbo legal com o fim abrupto das manifestações de interesse e as associações de apoio também não conseguem avançar com estimativas. De acordo com o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, "no final do primeiro trimestre de 2024 existiam 188.364 pessoas singulares de nacionalidade estrangeira com menos de um ano de contribuições apuradas para a Segurança Social". Mas é impossível saber quantos estão em situação legal, irregular ou deram entrada antecipada com um pedido de manifestação de interesse.

JÁ ARRANCOU O RECRUTAMENTO DE 50 PERITOS EM VISTOS. EM SETEMBRO VÃO REFORÇAR CONSULADOS MAIS PROCURADOS

Esse número perde igualmente dimensão quando é sabido que a extinção das manifestações de interesse não coloca em risco os imigrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que incluem os nacionais do Brasil, a maior comunidade estrangeira em Portugal. O Plano para as Migrações prevê que estes cidadãos mantenham a possibilidade de legalização em território nacional com contrato de trabalho. Será disponibilizado muito em breve no Portal da AIMA, tendo sido já dada ordem à agência para a sua ativação.

Leitão Amaro aproveitou a audição para fazer um primeiro balanço do Plano para as Migrações, quase a completar um mês. A semana começou com a aprovação, em Conselho de Ministros, da Estrutura de Missão para a Recuperação de Processos Pendentes da AIMA, que funcionará até 2 de junho de 2025 e terá 300 pessoas dedicadas à tramitação administrativa dos processos e de atendimento, com ajuda vinda de vários sectores, desde ex-inspetores do SEF a elementos da sociedade civil. "Esperamos que em menos de um ano o processo já esteja mais do que terminado e as 410 mil pendências resolvidas", afirmou.

No mesmo dia, o Governo prorrogou até 30 de junho de 2025 a validade dos documentos e vistos relativos à permanência em território nacional. A falta de resposta da AIMA tem dificultado o processo de renovação de autorizações de residência e vistos.

O ministro garante que o reforço da rede consular também já começou. A obrigatoriedade de visto de trabalho para obter autorização de residência, prévio à entrada em território nacional, sobrecarrega, necessariamente, os consulados, já pouco conhecidos pela celeridade. O recrutamento de 50 analistas peritos em vistos arrancou agora e em setembro estarão já em formação, nos postos mais requisitados, que serão entre 12 e 15 — CPLP, Índia e Paquistão, não estando afastada a hipótese da abertura de novas representações diplomáticas.

Com CÁTIA MATEUS e LILIANA VALENTE

rmoleiro@expresso.impresa.pt

NÚMEROS

412

mil processos estão atualmente pendentes na AIMA, dos quais 342 mil são manifestações de interesse

€31,35

milhões entraram nos cofres da AIMA desde meados de maio, relativos ao pagamento antecipado da regularização de imigrantes. 67% eram de países terceiros

23 JUNHO · 20 OUTUBRO 20

Batota - 1989

Vinte e Cinco de Abril - 1981

“Dotado de uma imaginação e de uma subtileza excecionais, aliadas a uma grande argúcia política, consegue, com o seu traço vigoroso e pessoal, dar-nos a apreciação justa e brilhante das pessoas, situações e acontecimentos, numa síntese admirável.”

JORGE SAMPAIO, 2000
Político

Fundiu-se? - 2009

“Os cartoons de António eram para mim sempre ambivalentes, um dos fatores era o aspeto artístico, o outro era obviamente a crítica social, política que através deles fazia.”

RAMALHO EANES, 2004 - Militar

“Não são caminhos paralelos os de António e os do *Expresso*. São caminhos que se cruzam, cumplicidades de intervenção conscientemente assumidas, com pleno respeito pela liberdade e pela responsabilização.”

FRANCISCO BALSEMÃO, 1985
Jornalista

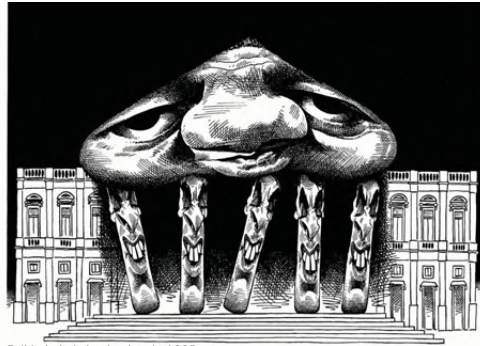
Preservativo papal - 1992

“A ironia de António é, aliás, muito a sério e, como todos os olhares claros desde a infância, é mesmo, às vezes, inevitavelmente cruel (...) Olhando de cima e de longe, dispõe, porém, do postigo mais íntimo que nem as notícias nem as fotografias de um jornal jamais alcançariam.”

LUCAS PIRES, 1982 – Político

“Quis o acaso contemplar-me com a circunstância de ser eu a escolher o jovem António mais os seus bonecos e ter intuído a sua qualidade e vislumbrado o que lhe ia dentro e depois se viu.”

ÁLVARO GUERRA, 2000
Jornalista e escritor

Kafarnaum - 1975

Solidariedade institucional - 1993

TV - Balsemão - 1997

“Como disse Pessoa, a propósito do caricaturista Correia Dias (...) - Cada um de nós, na sua vida realizada e humana, não é senão a caricatura da sua própria alma; a nossa vida é a nossa deselegância.”

ARNALDO SARAIVA, 2007
Investigador

Yellow submarines- 2009

“Tem sentido de humor mas ao mesmo tempo de respeito (...)”

VÍTOR MELÍCIAS, 2004
Padre

O incontinente- 2022

“Não sei se o país merece o António que tem, mas tenho a certeza de que o António merece este país. Com outro, menos animado, menos remexido e ciclotímico, o seu traço ficaria prejudicado.”

HENRIQUE MONTEIRO, 2024
Jornalista

Eça de Queirós - 2000

“(...) O Expresso não seria o Expresso sem os bonecos do António.”

VICENTE JORGE SILVA,1994
Jornalista

À boleia - 1984

António não é só um grande retratista d
António não é só um grande retratista d
António não é só um grande observador
António não é só um analista de cinquen
António não é só um decifrador de cinco
António não é só um criador para um in
António não é só um cruzamento de pas
António não é só um cartoonista, personalidades, instituições e épocas, u estupidez, o medo ou a distração.
António é um mundo feito de milhões mutantes, que neles cabem todos, uns o não são mas serão.
Isso o torna, a Si e à sua obra, perenes e outra forma, nunca o seriam.

MARCELO REBELO DE SOUSA
Presidente da República Portuguesa

António comemora este ano, e nós con cartoonista e caricaturista na imprensa Se o seu primeiro traço oficialmente p Revolução de Abril no antigo jornal _Re_ o cartoonista nascido em Vila Franca d expressão internacional.
Foi (e ainda é) nesta publicação seman nos foi sintetizando os grandes acontec no imaginário de sucessivas gerações de Quem não se lembra da intensa polém João Paulo II com um preservativo no n Gorbachev com o mapa-mundo na testa São imagens como estas que, ao provoc de opiniões, definem um cartoonista de E na verdade ele é um dos maiores de conquistando a pulso um prestígio in enquanto portugueses e, no nosso caso conterrâneos, que anualmente com ele dos melhores _cartoons_ e cartoonistas d Neste momento especial, para celebra Câmara Municipal de Vila Franca de _António - 50 Anos de Humores_ (distr da Cidade: Museu do Neo-Realismo, Palavras), apresentando uma seleção a peças produzidos por este artista ímpar Bem-haja, António, pelo seu exemplo d Que assim continue pela sua vida fora, a in Aos leitores do Expresso deixo o convite exposição onde reconhecerão moment forma o trabalho do _António_ está preser

FERNANDO PAULO FERREIRA
Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca d

MUSEU DO NEO-REALISMO · CELEIRO D

024 · VILA FRANCA DE XIRA

le pessoas e suas idiossincrasias.
le factos, situações e seus significados.
r de contextos e de tendências.
nta anos de Portugal.
o décadas de universo.
stante.
ssado, presente e futuro.
um humorista, um escrutinador de um Aprovocador contra a ignorância, a

de mundos, tantos, tão variados e tão os que foram e já não são e os que ainda

e ajuda a tornar perenes alguns que, de

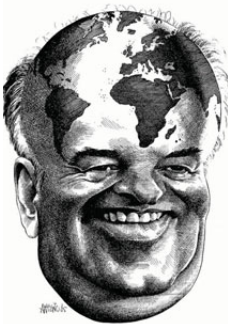
n ele, cinquenta anos de trabalho como portuguesa.
publicado surgiu a poucas semanas da *pública*, foi no semanário *Expresso* que de Xira viria a granjear um sucesso de

al que *António*, com os seus desenhos, imentos do País e do Mundo, entrando leitores.
ica com o *cartoon* que retratou o Papa ariz? Ou o do político soviético Mikhail a?
arem o debate e a polarização vigorosa dimensão universal.
sempre na arte do desenho de humor, ternacional imenso, que nos orgulha também, como vila-franquenses, seus organizamos a *Cartoon Xira* (mostra o ano).
r as suas cinco décadas de trabalho, a Xira promove uma grande exposição ribuída por três espaços de excelência Celeiro da Patriarcal e a Fábrica das antológica dos milhares de desenhos e .
e liberdade e espírito crítico constantes. nquietar-nos. A Democracia precisa de si. e para visitarem Vila Franca de Xira e a os e marcos da vossa própria vida, de tal nte no nosso imaginário coletivo.

e Xira

O gueto de Varsóvia em Chatila - 1982

"Sobre o António sempre tive uma certeza: tem talento a mais para o país onde calhou ter nascido."

JOSÉ ANTÓNIO LIMA, 1994
Jornalista

Gorbatchov - 1985

"Veja-se o Sena com óculos de lucidez descontente, Eliade com óculos de catedrático, Tabucchi com óculos de Pessoa, Joyce com óculos de ceguinho, Rushdie com óculos de fuinha, Saramago com óculos orgulhosos, Freud com óculos à Freud."

PEDRO MEXIA, 2024
Escritor

Picasso - 2000

"Sem a ascensão do seu trabalho e o prestígio internacional de António, nunca esta pequena cidade do Ribatejo teria entrado no circuito artístico do cartoon ou do desenho de caricatura."

DAVID SANTOS, 2024
Historiador de arte

"Perante a tragédia, o autor faz-nos sorrir. Mas presumo que nem a ele nem a nós, observadores do seu trabalho, pesa a consciência. O riso e a dor fazem parte da condição humana e andam quase sempre de mãos dadas."

JOAQUIM VIEIRA, 2024
Jornalista

Vaca europeia - 1992

"O António tem uma timidez de grau 12 na escala de Richter. Isto é: não diz nada durante o terramoto e no dia seguinte faz-lhe a caricatura. Mas pode perguntar-se se será isto timidez ativa ou uma vigilância intensa?"

RAUL SOLNADO, 1994
Comediante

Mealheiro quebrado - 2000

"Contra qualquer tentação pacificadora, a caricatura como exercício da livre expressão do pensamento e marca de desassossego é um fator fundamental para a vida da democracia e para a construção da cidadania."

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS, 2024
Admin. Fundação Gulbenkian

Pax canina - 2022

As barbas de Khomeini - 1979

"Os cartoons são sempre críticos, socorrendo-se de um humor por vezes amargo, outras vezes contundente, mas sempre refinado e nunca de mau gosto."

FRANCISCO BALSEMÃO, 1992
Jornalista

O Kzar fumegante - 2022

"(...) um grande cartoonista que eu conheço assina os seus trabalhos como as crianças assinam os desenhos que fazem na escola: só com o nome próprio. Não é por acaso."

RICARDO ARAÚO PEREIRA, 2004
Humorista

Engarrafado - 1997

"(...) ele chega a toda a parte e por todos nós é entendido, com umas riscadelas que são o esperanto que o esperanto nunca foi."

JOÃO CARREIRA BOM, 1991
Jornalista

"Os cartoons de António não se esgotam no traço apressado da sua oportunidade política ou histórica. Reparem como os rostos se agigantam, se demoram na sua própria metamorfose, como dentes, cabelos e bocas afogam o resto, para se destacarem, emergentes, espraiando-se o desenho em manchas de tinta plástica, movediças (...)"

ANTÓNIO MEGA FERREIRA, 1987
Jornalista

Rota da seda - 2019

"(...) Outra das características do trabalho do António é a sua durabilidade, o tempo passa por muitos dos seus cartoons que são do dia a dia e continuam a passar uma mensagem e a propor uma reflexão (...)"

JOÃO PAULO COTRIM, 2004
Investigador

"Com a Revolução dos Cravos a caricatura reapareceu, em Portugal, e logo com uma pujança extraordinária. Entre excelentes caricaturistas – que fizeram as delícias de uma população ávida dessa novidade – surgiu António, de seu nome António Antunes, de traço inconfundível, com uma originalidade e uma graça natural imensas"

MÁRIO SOARES, 2004 - Político

DA PATRIARCAL · FÁBRICA DAS PALAVRAS

Portugal sem regras para proteger trabalhadores do calor extremo

Os mais afetados são os que trabalham ao ar livre, na **construção e na agricultura**

Textos **CARLA TOMÁS**
Foto **TIAGO MIRANDA**

Apesar de o verão ter começado ameno em Portugal, têm-se feito sentir recordes brutais de temperatura em várias regiões do mundo, dos EUA à China, passando pela Europa, e com eles o risco acrescido para a saúde humana. A Organização Meteorológica Mundial prevê que em 2024 se ultrapassem os recordes do ano passado, classificado globalmente até agora como o mais quente de que há registo. E o futuro tende a ser ainda pior.

A ciência diz-nos que o número de dias com temperaturas que podem colocar as pessoas em "stresse térmico extremo" vai aumentar. Em Portugal a média histórica de duas ondas de calor por ano já lá vai. Em 2023 foram sete e o fenómeno extremo pode quase duplicar (ver caixa). "Por cada acréscimo de 1°C na temperatura média em Portugal (comparada com a registada na época pré-industrial) é estimado um aumento de 2,17% no excesso de mortalidade", se não forem aplicados planos de adaptação e de mitigação eficientes, indica um estudo do Instituto Ricardo Jorge.

Já existe um sistema de alerta e vigilância para a população em geral. A Direção-Geral da Saúde criou-o há uns anos, em articulação com o Instituto Português do Mar e da Atmosfera, e outras entidades, para reforçar as medidas de autoproteção junto dos cidadãos. Estas passam por lembrar que é preciso beber 1,5 litros de água por dia, manter as casas arejadas ou evitar esforços físicos e exposição ao sol nos períodos de maior calor.

Porém, a DGS nada fez a pensar no efeito de temperaturas extremas em determinados sectores do trabalho, sobretudo ao ar livre. E nada há na legislação nacional que proteja os trabalhadores mais expostos, como os da construção e da agricultura, além de a Constituição Portuguesa e o Código do Trabalho indicarem o "direito à proteção da saúde" e que a temperatura no local de trabalho interior deve situar-se legalmente entre os 18 e os 25 graus Celsius.

Sem prioridade

A lei reconhece o dever das entidades patronais de garantirem a saúde e a segurança dos seus trabalhadores, mas não permite que os trabalhadores parem de trabalhar quando está demasiado quente. E não está a ser trabalhada qualquer legislação nova sobre esta temática, segundo fonte oficial do Ministério do Trabalho. Para os sindicatos e corporações patronais do sector esta não parece ser uma prioridade.

"Portugal devia ter legislação específica sobre medidas de adaptação a ondas de calor, tendo em conta a exposição maior de alguns sectores profissionais", defende o médico internista Luís Campos, que preside ao Conselho Português para a Saúde e Ambiente. Porém, ao contrário de alguns outros países (ver caixa), "Portugal está completamente alienado desta realidade quando falamos de medidas de adaptação às alterações climáticas no trabalho", frisa o ambientalista Francisco Ferreira. O presidente da Zero lembra que "precisamos desse tipo de adaptação por uma questão de prevenção de saúde pública e nem as empresas nem os sindicatos têm planos de contingência a pensar em eventos extremos como ondas de calor".

A nível da União Europeia, não existe uma regra comum que defina a temperatura máxima permitida no local de trabalho, mas a Confederação Europeia dos Sindicatos começou a pressionar a Comissão Europeia, nos últimos dois anos, para definir metas de temperaturas máximas aceitáveis para o trabalho, na sequência de desmaios e mortes relacionadas com o calor em Espanha e em França.

Por cá, há acordos coletivos de trabalho entre alguns sindicatos e corporações patronais ou empresas que definem algumas regras, mas não abrangem todos os trabalhadores. Por exemplo, o sindicato dos Trabalhadores da Agricultura (SETAAB) da UGT assinou com a Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) "paragens de 5 ou 10 minutos para hidratação dos trabalhadores quando está muito calor ou a paragem se estiverem 40 graus", indica ao Expresso o secretário-geral do SETAAB, Joaquim Venâncio. Contudo, só os filiados no sindicato e as empresas signatárias estão abrangidos "e o resto fica no vazio". O sindicalista admite que "as coisas evoluem devagarinho" e diz que os produtores agrícolas têm cuidado em regular as temperaturas nos aviários "para não perder ovos, pintos, frangos e galinhas" e que "nas estufas do Alentejo há chuveiros para refrescar os frutos vermelhos e os trabalhadores".

Também Fernando Rodrigues, do sindicato do sector da CGTP (SINTAB) admite que ainda estão "numa fase inicial de análise destes problemas", mas que "serão os primeiros a apoiar uma lei que limite o trabalho em condições de temperaturas extremas". E lembra que "grande parte dos trabalhadores do sector são migrantes subcontratados, quase escravos, e não são sindicalizados" e esta tem sido a "grande preocupação" em que têm estado a trabalhar.

Sem queixas

Para o secretário-geral da CAP, Luís Mira, "não faz sentido impor limites de temperatura para o trabalho na agricultura, porque isso obrigaria a ter termómetros afinados e calibrados pelo IPMA para estabelecer quando estão 35 ou 40 graus". Dos 650 mil agricultores existentes em Portugal, só um décimo serão assalariados e, destes, 44% são migrantes. "Com exceção da colheita de fruta, a maior parte do trabalho agrícola é mecanizado e o excesso de calor só obriga a parar quando há risco de incêndio", diz.

Também no sector da construção civil a adaptação às ondas de calor não tem sido uma prioridade, porque "não há queixas", admite Joaquim Martins, dirigente do sindicato do sector, na UGT. O sindicalista reconhece a falta de legislação e julga que "os encarregados de obra mandam parar quando as temperaturas estão demasiado elevadas". Dos 280 mil trabalhadores do sector, 90% não são sindicalizados.

"Temos uma adaptação (aos eventos extremos) em cima do joelho e precisamos de ganhar os trabalhadores para pôr mais reivindicações em cima da mesa", admite Nuno Gonçalves, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção da CGTP. Há alguma regulação do horário de trabalho para o verão (começam mais cedo) e para o inverno, mas nada que obrigue um trabalhador a parar, quando o calor aperta.

ctomas@expresso.impresa.pt

Trabalhadores em pausa, numa sombra improvisada, numa obra no terreno da antiga Feira Popular, em Lisboa

O QUE DIZEM ESTUDOS DE ORGANISMOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

- **Organização Mundial da Saúde** Dados da OMS indicam que as pessoas trabalham melhor a uma temperatura entre 16°C e 24°C e que, quando as temperaturas sobem acima de 30°C, o risco de acidentes de trabalho aumenta 5-7%, e 10-15% acima de 38°C. Tonturas, dores de cabeça e cãibras musculares são os primeiros sintomas do stress térmico, que pode causar vómitos, perda de consciência e até a morte.
- **Organização Internacional do Trabalho** A OIT alertou em abril para o risco de mais de 70% da força de trabalho mundial poder vir a ser afetada pela exposição ao calor excessivo devido às alterações climáticas em curso. O organismo das Nações Unidas afirma que temperaturas superiores a 39°C podem ser mortais, mesmo quando não há trabalho físico envolvido, e que o stress térmico reduz a produtividade. Sugere que se reavalie a legislação existente ou se criem novos regulamentos e orientações para garantir que os trabalhadores estão devidamente protegidos.
- **Eurofound** A agência tripartida da UE, que fornece conhecimentos para ajudar no desenvolvimento de melhores políticas sociais, de emprego e trabalho, estima que 23% dos trabalhadores na Europa estão expostos a temperaturas elevadas em pelo menos um quarto do tempo, aumentando para 36% na agricultura e na indústria e 38% na construção.
- **Organização Meteorológica Mundial** Só nos últimos 20 anos, a OMM estima que a mortalidade em excesso relacionada com o calor tenha aumentado cerca de 30% no mundo.
- **Agência Europeia do Ambiente** Esta autoridade ambiental estima que as ondas de calor de 2022 tenham tirado a vida a 16 mil pessoas na Europa.
- **Instituto Ricardo Jorge** As três ondas de calor registadas entre 4 julho e 7 de agosto de 2022 tiraram prematuramente a vida a pelo menos 2401 pessoas em Portugal, segundo o Departamento de Epidemiologia do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, o que corresponde a mais 25% do que o esperado.
- **Roteiro Nacional para a Adaptação 2100** Os estudos nacionais estimam que o número de dias com temperaturas acima de 35°C venha a estender-se por três meses no interior centro e sul do país; e que em vez de sete ondas de calor, como as vividas em 2023, cheguem a 12 em algumas regiões num cenário mais gravoso, podendo este fenómeno estender-se por 60 dias por ano no final do século.

REGRAS LÁ FORA

Alemanha
A temperatura máxima no local de trabalho deve ser de 26°C e as entidades patronais devem garantir a segurança dos trabalhadores fornecendo água potável quando o termómetro atinge 30°C e permitindo pausas. Acima de 35°C é considerado "inadequado" e os empregadores devem assegurar o arrefecimento do local, sem obrigação de parar.

Bélgica
Os limites variam entre 29°C para trabalhos com carga física ligeira e 18°C para carga física muito pesada.

Espanha
A temperatura máxima no interior é de 27°C. Não existe regulamentação para limites em espaços abertos com o argumento de que "não é possível regular ou baixar a temperatura de forma eficiente". Há recomendações para evitar a exposição solar entre as dez da manhã e as cinco da tarde e o empregador deve fornecer água para garantir a hidratação do pessoal e disponibilizar ventoinhas e telas de sombreamento e zonas de descanso.

França
Não há limites de temperatura máxima, mas o Código do Trabalho exige que os empregadores se certifiquem de que os trabalhadores têm condições seguras, o que inclui riscos associados ao calor extremo. No sector da construção, devem fornecer pelo menos três litros de água por dia aos trabalhadores.

Itália
Semelhante à francesa, mas uma decisão do Supremo Tribunal, em 2015, determinou que os trabalhadores têm o direito de interromper a atividade, sem perderem rendimentos ou o trabalho, se o empregador não garantir condições seguras ou os obrigar a trabalhar sob temperaturas "proibitivas".

Reino Unido
Membros do Parlamento britânico avançaram com uma proposta de lei que pretende suspender os trabalhos mais pesados quando as temperaturas são superiores a 27°C e o trabalho ligeiro sob temperaturas de mais de 30°C. A confederação britânica de sindicatos (TUC) apresentou uma proposta idêntica.

EUA
A Administração Biden criou um grupo de trabalho para definir regulamentação federal de trabalho que inclui limites entre 27°C e 42°C para ambientes interiores e exteriores, incluindo armazéns, cozinhas, agricultura e construção. Meia dúzia de estados já têm em vigor leis de proteção para os trabalhadores ao ar livre, mas os governadores republicanos da Florida e do Texas assinaram legislação para impedir a proteção dos trabalhadores ao ar livre contra o calor.

China
Medidas administrativas incluem a redução das horas e da intensidade do trabalho acima de 35°C no exterior e 33°C no interior; e a suspensão de atividade a partir de 40°C. São obrigatórias áreas de descanso, bebidas frescas gratuitas e ar condicionado nos locais fechados.

TRABALHO

ILUSTRAÇÃO GETTY IMAGES

Queixas de assédio laboral atingem valor recorde

Todos os meses a Autoridade para as Condições do Trabalho recebe, em média, 230 queixas. Mas **só uma pequena percentagem é investigada**

HELENA BENTO

Comentários "inapropriados" e de "cariz sexual" sobre a roupa que usava e sobre o seu corpo, conversas "desconfortáveis" sobre sexo em reuniões com clientes e colegas de trabalho e atitudes agressivas e manipuladoras. Foi assim durante três anos, até Maria (nome fictício a pedido da própria), que vive em Lisboa e tem cerca de 40 anos, se ter despedido da empresa no início deste ano. O responsável pelos atos de assédio era o chefe. "Elogiava em voz alta a forma como nós, mulheres, íamos vestidas, comentando, por exemplo, que tínhamos um 'bom rabo'. Fazia piadas sobre a nossa vida pessoal, dizendo que éramos 'frescas lá em casa, de certeza', e que certamente satisfazíamos bem os nossos namorados porque éramos 'bonitas e boazudas'."

Ao mesmo tempo, era "agressivo" a lidar com os trabalhadores. "Dava murros na mesa, dizia asneiras, era muito agressivo. Estava sempre a mandar-nos abaixo e a criticar-nos por não sermos 'eficientes'. Quando alguém discordava dele, fazia birras, ficava amuado e deixava de falar connosco durante dias", conta Maria, para quem estas situações tiveram um impacto psicológico profundo, evidenciado por sucessivos ataques de pânico e crises de ansiedade que a levaram a pedir apoio psicoterapêutico. "Foi muito desgastante em termos emocionais." Ainda tentou denunciar a situação à Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT). Preencheu o formulário no *site* da entidade, fez várias chamadas e enviou *e-mails*, mas nunca recebeu qualquer resposta. O chefe continua na empresa.

Casos de assédio semelhantes ao de Maria são cada vez mais relatados. Segundo dados enviados ao Expresso pela ACT, responsável por analisar casos de assédio laboral no sector privado, as queixas por assédio moral e sexual atingiram em 2023 o valor mais alto dos últimos cinco anos. Foram registadas 2764, a esmagadora maioria por assédio moral, o que equivale a uma média de cerca de 230 denúncias por mês. São mais do dobro da média mensal de 2019, ano a partir do qual há dados detalhados sobre esta matéria. Até maio deste ano foram reportadas 901. O número de denúncias tem aumentado todos os anos, à exceção de 2021, quando houve uma queda após um aumento particularmente acentuado no ano anterior, quando começou a pandemia de covid-19.

O assédio laboral "é um comportamento indesejado (gesto, palavra, atitude) praticado com algum grau de reiteração e tendo como objetivo ou o efeito de afetar a dignidade da pessoa ou de criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador", descreve a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE).

Medo de fazer queixa

Bernardo Coelho, sociólogo e professor no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa, destaca que, apesar do aumento das denúncias, os números "continuam a ser baixos face à realidade portuguesa". Segundo o estudo "Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho" (2015), do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género do ISCSP, 16,5% dos inquiridos relataram ter vivido pelo menos uma situação de assédio moral e 12,6% foram vítimas de assédio sexual. Extrapolando esses resultados para a população ativa portuguesa estimada na época, mais de 850 mil pessoas podem ter sido alvo de assédio moral, diz.

O investigador atribui essa discrepância à resistência de muitos trabalhadores em formalizar queixas, por "vergonha, medo de represálias ou falta de confiança nas instituições responsáveis". Além disso, alguns casos são apenas denunciados internamente, através dos mecanismos disponibilizados pela própria empresa ou organização, não se refletindo nas estatísticas oficiais. "Os *sites* das entidades que investigam as denúncias oferecem pouca informação. Quem denuncia deve saber exatamente o que vai acontecer, os prazos de cada etapa e os procedimentos envolvidos", defende. O assédio moral e sexual "afeta profundamente a pessoa a nível emocional e identitário e a sua vida pessoal e profissional", por isso, sem confiança nas entidades responsáveis, "surgem receios e a queixa pode não chegar a ser feita."

A Inspeção-Geral das Finanças (IGF), responsável pela fiscalização no sector público, recebeu apenas 449 queixas de assédio laboral desde 2017, ano em que foram introduzidas alterações ao Código do Trabalho para garantir maior proteção às vítimas e facilitar a denúncia de casos de assédio — 90% são relativas a assédio moral, 0,7% a assédio sexual e 1,5% referem-se a ambos os tipos de assédio. Em 7,8% dos casos não foi identificado o tipo de assédio, explica o organismo.

O número de queixas à CITE, que só se pronuncia em casos de assédio que envolvam discriminação de género e violação dos direitos laborais relacionados com a igualdade no trabalho, é igualmente baixo. Entre 2020 e abril deste ano foram feitos 62 atendimentos por assédio moral e sexual, mas apenas 14 denúncias foram consideradas, todas de assédio moral. Carla Tavares, presidente da CITE, explica que, para uma queixa ser validada, é necessário que o/a trabalhador/a autorize o contacto da CITE com a pessoa ou entidade denunciada, para se pronunciar sobre as acusações, o que dificulta a formalização da denúncia. "Muitas vezes as pessoas que denunciam não dão o consentimento para exercício de contraditório por receio de represálias. Este silêncio impede que se atue contra estes comportamentos, perpetuando uma prática que deve ser punida para acabar com o sentimento de impunidade do/a agressor/a", lamenta.

Poucas denúncias investigadas

As denúncias de assédio no trabalho efetivamente investigadas representam uma minoria. Em 2023, por exemplo, a ACT interveio — através da adoção de procedimentos inspetivos como a advertência, a notificação para tomada de medidas e a infração — em apenas 192 situações, o que equivale a cerca de 7% do total de queixas recebidas. A maioria dessas intervenções ocorreu devido a irregularidades nos códigos de boa conduta para a prevenção e combate ao assédio obrigatórios por lei. Dados dos anos anteriores também mostram grandes discrepâncias entre as queixas recebidas e as investigadas.

Questionada, a ACT esclarece que os pedidos de intervenção por assédio "são contabilizados 'em bruto', podendo as análises subsequentes concluir que não há matéria de assédio nem necessidade de procedimentos". E garante que "todos os reclamantes identificados são informados sobre o resultado das suas denúncias". Os dados da IGF também revelam disparidades significativas: das 449 participações recebidas, apenas 17 (3,8%) foram ou estão a ser analisadas. "Em 15 casos não ficou provada a existência de práticas de assédio e a análise às restantes duas participações continua em curso", afirma o organismo, sem fornecer detalhes sobre o seguimento dado aos restantes casos.

hrbento@expresso.impresa.pt

NÚMERO

11.000

pedidos deram entrada na ACT entre 1 de janeiro de 2019 e 31 de maio de 2024, mais de 95% relacionados com assédio moral

---

O FUTURO DO FUTURO

Em busca do sangue universal

Projeto que usa bactérias para gerar sangue compatível para todos obtém primeiros resultados

Depois de uma larga temporada a consumirem açúcar nos intestinos, as *Akkermansia muciniphila* dificilmente poderiam gerar simpatia, mas a Universidade de Lund, na Suécia, e a Universidade Técnica da Dinamarca não se deixaram afetar pela fama e atribuíram nova função a estas bactérias. Aí surgiu a promessa do sangue universal. Talvez as *Akkermansia muciniphila* não saibam, mas, segundo as duas universidades, as enzimas produzidas pelas bactérias podem ser usadas para processar antigénios dos glóbulos vermelhos que distinguem os grupos sanguíneos A, B e AB — e também o O, que pode ser recebido por pessoas de A, B, e AB, por não ter antigénios que geram reações adversas.

Mesmo que saiam do recôndito habitat, as bactérias vão continuar a processar açúcares — só que o alimento virá dos antigénios dos grupos A, B e AB, que são parecidos com os da mucosa intestinal. Até à data, os cientistas só lograram a universalidade no grupo B. Com esse feito, também se supera parte do desafio para o grupo AB — mas fica por resolver, nos próximos três anos, o grupo A, cujos antigénios também constam no AB.

"Transformar grupos A, B e AB em sangue universal como o O não chega porque, para garantir compatibilidade, há que ter em conta o Rh. Mas é um passo importante", responde Graça Porto, investigadora do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde da Universidade do Porto (I3S).

Além dos antigénios dos grupos A e B, a compatibilidade depende das proteínas conhecidas pela sigla Rh. Pessoas com Rh negativo podem dar sangue a quem tem Rh positivo — mas só recebem Rh negativo. E por isso, a conversão de sangue A e B em O abre portas para a universalidade desde que haja Rh negativo.

Maria Antónia Escoval, presidente do Instituto Português do Sangue e da Transplantação (IPST), antevê "um longo caminho", mas admite questões operacionais, caso não se obtenha no grupo A resultados similares aos do grupo B. "Se só o grupo B puder ser convertido num grupo O, teremos de acautelar que não se gera escassez no grupo B", refere.

A industrialização é ainda longínqua, mas Graça Porto prevê complexidade para o processamento com enzimas das *Akkermansia muciniphila*, uma vez que o sangue, depois de extraído, tem de ficar selado.

Nuno Correia Santos, cientista do Instituto de Medicina Molecular, admite que, num cenário industrial, se usem bactérias com genes alterados, mas receia que "pelo menos no início, o processamento (à escala industrial) fique mais caro que o sangue em si". A conversão de grupos de sangue pode "mitigar problemas de escassez ou gestão de *stocks*", mas o cientista deixa o aviso: "Resolver a compatibilidade nos grupos A e B é uma situação quase ideal, mas só se houver dadores de sangue." As bactérias fazem o resto.

HUGO SÉNECA

sociedade@expresso.impresa.pt

Menopausa A sala estava completamente cheia, um sinal evidente do interesse que o tema desperta junto das mulheres. A conversa foi franca e dela ressalta uma grande ideia: a vontade de mudar mentalidades é enorme

É tempo de quebrar tabus e "falar sobre estas coisas"

Textos **Rui Baioneta**
Foto **Nuno Fox**

Quando os sintomas físicos, como ondas de calor, suores noturnos, secura vaginal, aumento de peso, insónias e aumento da frequência urinária, se juntam a outros emocionais, como mudanças de humor, depressão, ansiedade, irritabilidade e ou dificuldade de concentração, mais a ausência de período, então é muito provável que a menopausa (cessação permanente das menstruações por 12 meses consecutivos) esteja a chegar.

Trata-se de um processo natural na vida das mulheres entre os 45 e os 55 anos, ainda que a idade possa variar, mas que continua a ser pouco discutido em Portugal. E foi isso que motivou a Wells a organizar a conferência "Não fica bem falar de... menopausa", uma vez que há necessidade de ser disponibilizada mais informação sobre esta matéria. De acordo com o estudo apresentado (ver caixa), 55% das mulheres que estão em plena menopausa ou na pós-menopausa admitem que os aspetos negativos prevalecem sobre os positivos e as palavras negativas mais usadas são envelhecimento, fragilidade, instabilidade, insegurança ou solidão.

Ficou evidente no evento — no qual o Expresso foi *media partner* — que é preciso desmistificar e ajudar as mulheres a lidarem com essa fase da vida de maneira informada e positiva. Desta evidência não pode dissociar-se as exigências da sociedade moderna, que coloca o foco na juventude e na vitalidade, o que pode fazer com que temas relacionados com envelhecimento, como a menopausa, sejam de alguma forma negligenciados.

A menopausa provoca alterações hormonais e pode ter consequências a longo prazo, como osteoporose ou doenças cardiovasculares. Pode, em alguns casos, justificar apoio psicológico ou terapia. O acompanhamento médico é por isso absolutamente essencial, bem como alterações no estilo de vida, devendo promover-se uma dieta equilibrada e exercício físico com regularidade. É, pois, um assunto relevante de saúde pública, devido ao impacto que tem na saúde das mulheres.

A felicidade de chegar a velha

Marta Crawford, sexóloga, reconhece que este tema "ainda é um pouco tabu na nossa sociedade". "Falar sobre estas coisas é muito importante, para que isto seja normalizado no sentido positivo", diz. E acrescenta... o lado positivo da menopausa: "Se nós, mulheres, passamos todas pela menopausa, isso significa que somos mais crescidas e estamos cá. Durante muito tempo entendia-se a menopausa como uma finitude, pois deixamos de ter a função que durante muito tempo era a principal, a procriação. Ou seja, a mulher perdeu a sua função principal, logo deixou de ser interessante. É isto que tem de mudar. A mulher tem muitas funções e não deve achar que, porque perde essa, deixou de ter interesse." A especialista, que destaca a importância de ter hábitos de vida saudáveis, realça o papel do parceiro/a nesta fase da vida da mulher. "É muito importante que a pessoa seja capaz de falar sobre isso e sinta apoio do seu parceiro ou parceira. É uma felicidade chegar a este período, é uma felicidade chegar a velha. É preciso olhar para isto com naturalidade."

A mesma naturalidade com que Júlia Pinheiro confessou que a menopausa lhe originou um colapso "muito mais mental do que físico" e uma "revolução psicológica assustadora". A apresentadora sublinha a importância das mulheres figuras públicas na abordagem destas matérias: "Expresso-me com alguma veemência e arranjo assim umas imagens um bocado desgrenhadas, tento meter um bocadinho de humor, mas acho que o humor não pode ser excessivo, pois desvaloriza e esvazia a importância do que estamos a dizer, mas temos de partilhar que este é um problema de saúde pública que devia ser avaliado de outra maneira." E defende que, "se as mulheres vão viver mais anos, têm de vivê-los com qualidade e ser ajudadas pelos clínicos".

Margarida Oliveira, diretora-geral da Wells, recebe Cláudia Raia e Júlia Pinheiro: as três conversaram, sorridentes, sobre menopausa

Expresso
wells

DESMISTIFICAR A MENOPAUSA
Continua a ser quase um tabu. Para desmistificar o tema, a Wells organizou a conferência "Não fica bem falar de... menopausa" — evento ao qual o Expresso se associa como *media partner* —, onde foi apresentado o estudo "Menopausa: como é vivida pelas mulheres em Portugal". Este projeto é apoiado por patrocinadores, sendo todo o conteúdo criado, editado e produzido pelo Expresso (ver código de conduta *online*), sem interferência externa.

Cláudia Raia leva menopausa ao palco

Há alguns anos, Cláudia Raia colocou o tema em discussão no Brasil."O impacto da menopausa é grande e comecei a senti-lo em mim. Não só sintomas, mas percebi que tinha de fazer um movimento de prevenção. No Brasil não é proibido fazer prevenção hormonal. Fiz exames, fui a médicos, mas há sempre resistência, fala-se pouco. Achei que, enquanto figura pública, devia abrir o meu Instagram para falar com mulheres de 40, 50 ou mais anos. Trouxe médicos, especialistas, entrevistei pessoas e fui um pouco a porta-voz das mulheres com 50 ou mais anos. Senti em mim essa necessidade." A atriz brasileira lembra que "antigamente" é que uma mulher de 50 era considerada idosa: "Eu fui mãe aos 56."

Defende que esta é uma fase difícil, pois "não tem apoios de lado algum". "O tabu é uma coisa cultural. A mulher com 50 conhece as coisas, e isso não convém para o masculino... A menopausa é o início do segundo ato e o segundo ato é sempre melhor do que o primeiro." A atriz promete manter o assunto em cima da mesa e estreia em janeiro, em Lisboa, no Teatro Tivoli BBVA, a comédia "Cenas de Menopausa", escrita por Ana Toledo, onde contará com a companhia do marido, Jarbas Homem de Mello. "Vai impactar o público em Portugal, onde as portas se começam a abrir e a falar-se sobre este assunto."

sociedade@expresso.impresa.pt

10 ideias-chave do estudo

- **Amostra**
Mil mulheres, entre os 45 e os 60 anos, participaram no estudo "Menopausa: como é vivida pelas mulheres em Portugal", conduzido por Clara Cardoso e Joana Barbosa (Return on Ideas), com a participação do ginecologista Joaquim Neves.

- **Sintomas**
Nove em cada 10 têm sintomas. 56% sentem os primeiros sinais antes dos 50 anos.

- **Desconforto**
64% das mulheres em perimenopausa (fase de transição antes da menopausa) ou em plena menopausa sentem que "estão numa fase da vida má ou muito má".

- **Desinformação**
81% não sabem ou têm dúvidas sobre o que distingue a menopausa da perimenopausa e 52% sentiram-se pouco ou nada preparadas.

- **Mente**
9% das mulheres em perimenopausa ou plena menopausa avaliam a sua saúde mental como pouco ou nada saudável.

- **Sexualidade**
46% reconhecem efeitos negativos na vida sexual em plena menopausa ou pós-menopausa e 37% apontam a perda de libido como um dos principais argumentos para uma vida sexual menos satisfatória.

- **Acompanhamento**
14% não foram acompanhadas por nenhum profissional de saúde ao longo do processo. 38% das que se apercebem da aproximação à menopausa não procuram um especialista ou demoram pelo menos um ano a fazê-lo.

- **Confidentes**
"É com as amigas que 72% das mulheres falam sobre a menopausa." 60% optam por não falar com o(a) parceiro(a) sobre o tema.

- **Autoestima**
39% reconheceram que "a menopausa afetou negativamente a sua autoestima".

- **Produtos**
Três em cada cinco mulheres consideram que as marcas são pouco proativas na resposta às necessidades das mulheres na menopausa.

FOTOS GETTY IMAGES

O HOMEM QUE COMIA TUDO
Ricardo Dias Felner

Don't fuck brunch

Cozinheiros e *gourmets* adoram odiar *brunches*, mas há poucas coisas mais parecidas com um banquete do que a moda criada por Guy Beringer em... 1895

A expressão "fuck brunch" foi celebrizada num diálogo entre cozinheiros da série "The Bear", a melhor coisa sobre os bastidores da restauração que a televisão nos deu (a terceira temporada acabada de estrear). Mas o impropério tem sido repetido um pouco por todo o lado.

Os adeptos do "fuck brunch" costumam desclassificar os *brunchers* na mesma categoria das pessoas que apreciam tostas de abacate e *hossomakis* de salmão com queijo-creme. Para eles, trata-se de comida para jovens *influencers* postarem no Instagram ou, então, para adultos que não sabem o que fazer com as crianças ao domingo.

Ora, eu adoro *brunches*. Um pequeno-almoço tardio com *croissants*, ostras, roscas de manteiga gelada, brandade de bacalhau e champanhe é uma maravilha, um destempero, um deboche, a coisa mais parecida com um festim romano que se encontra no século XXI.

Os meus *brunches* preferidos são servidos numa mesa grande, com mais de uma vintena de comidas, e consomem-se à discrição, com um preço fixo. É importante que vejamos logo as frutas diversas, porque essa ilusão colorida de refeição saudável faz parte do encanto — mesmo que depois ataquemos quatro tipos de presunto e cinco variedades de queijo.

A questão decisiva é escolher um bom *brunch*. Primeira regra: vá apenas a estabelecimentos que são profissionais do *brunch*. Num *brunch* amador corre o risco de se amontoarem pratos e pratinhos na mesa e às 13h já ninguém fazer a reposição do feijão em tomate e às 14h o fiambre dinamarquês ter azedado e a concha do caldo verde ter ido parar à salada de batatas.

Escolha também apenas esses cafés bons que fazem as suas próprias panquecas e os seus próprios *pain aux raisins* — como o Praça, em Lisboa, ou o Royale Pão Paixão, no Porto.

Ou então opte por hotéis como deve ser, que foi onde tudo começou: lugares habituados a servir comida de *réchaud* e clientes sofisticados costumam ser boas apostas. Exemplos? O Varanda, do Ritz Four Seasons, em Lisboa, e o Rosa et Al Townhouse, no Porto.

O *brunch* do Varanda mistura cozinhas de todo o mundo, do *nosi goreng* indonésio aos tacos mexicanos, passando pela picanha (o que, num sítio normal, daria asneira, mas este não é um sítio normal). Custa uma centena de euros, mas com jeitinho consegue-se matar o jantar e o pequeno-almoço do dia seguinte.

Por sua vez, o *brunch* do Rosa et Al Townhouse (dos mesmos donos do lindíssimo café Early) dá-lhe o melhor pão de massa mãe da cidade e faz ovos à inglesa como nenhuma outra cozinha do país (preços à carta).

O que me leva à segunda regra do bom *brunch*. Tem de saber de ovos.

> **Não faltam boas opções por esse país fora, mas não caia na tentação de achar que um restaurante bom garante um *brunch* bom. Num restaurante bom ao almoço ou ao jantar provavelmente vai encontrar cozinheiros que se sentem desclassificados por fatiar papaia**

Um *brunch* que não sabe estrelar ovos ou usa ovo líquido de pacote para os mexidos não é um *brunch* — é a cave de pequenos-almoços de um hotel de duas estrelas.

De resto, não faltam boas opções por esse país fora, mas não caia na tentação de achar que um restaurante bom garante um *brunch* bom. Num restaurante bom, ao almoço ou ao jantar provavelmente vai encontrar cozinheiros que se sentem desclassificados por fatiar papaia. Vai encontrar os *antibrunch*.

Como escreveu, a propósito, Anthony Bourdain no extraordinário livro "Cozinha Confidencial", "nada faz um aspirante de Escoffier sentir-se tanto como um cozinheiro do exército quanto ter de despejar ovos sobre *bacon*".

Em restaurantes que servem *brunches* com má vontade, a própria segurança alimentar pode estar em risco. "Lembrem-se, o *brunch* é servido apenas uma vez por semana, aos fins de semana", alertava o ex-chefe norte-americano na mesma obra — para rematar: "Tradução? Nojentos pedaços de restos e 12 dólares por dois ovos e um Bloody Mary grátis."

Desde o ano 2000, quando estas palavras foram publicadas, muita coisa mudou. O Bloody Mary deu lugar ao Pisco Sour e 12 dólares, agora, só pagam um ovo. O que não mudou foi a procura por *brunches*: a moda veio para ficar — e veio há muito tempo.

Na verdade, a palavra nasceu em 1895, em Inglaterra, pela pena de Guy Beringer. Num ensaio na revista de caça "Hunter's Weekly", o fleumático discípulo de Brillat-Savarin escreveu: "O termo *brunch* é uma corrupção de *breakfast* (pequeno-almoço) e *lunch* (almoço) e a refeição combina o café, o chá e afins, da primeira instituição, com atributos mais sólidos, da última."

O conceito, reservado para os domingos, tinha também na génese a possibilidade de prolongar as noites de sábado "sem a preocupação do último comboio e da reação na manhã seguinte". Ou seja, na origem do *brunch* estava a ideia de ser um pós-ressaca, um prolongamento da febre de sábado à noite — e isso também é bonito.

Concluía Beringer: "O *brunch* é alegre, sociável e estimulante. É algo que impele à conversa. Põe-nos de bom humor, faz-nos sentir satisfeitos connosco próprios e com os nossos semelhantes e varre para longe as preocupações e teias de aranha da semana."

Longa vida ao *brunch*. Ao bom *brunch*.

UM DIA HEI DE...

Constança Entrudo
Designer de moda

"Toda a gente fala disto e percebo porquê: o *work-life balance* é difícil"

É conhecida como criadora de moda, mas o universo de Constança Entrudo é mais amplo — no centro está sempre o tecido. Formada em Design Têxtil, na Central Saint Martins, em Londres, apresentou-se a solo em 2017 ao mundo da alta costura. Internacionalizada e já bem estabelecida, com a coleção "Burn Out", de 2023, usa cor, estampagem e fios para refletir sobre o equilíbrio num mundo veloz.

P Qual foi o último livro que leu com muito gosto?

R O "My Year of Rest and Relaxation", da Ottessa Moshfegh. Leio mais ensaios e livros teóricos e há muito tempo que não me sabia tão bem ler um romance. É sobre uma jovem nova-iorquina mimada, órfã, muito rica, que trabalha numa galeria de arte. Sente-se sem rumo e hiberna um ano. É uma sátira ao mundo da arte contemporânea e também a esta onda do *self-care* de que sou um pouco crítica. Ela vai a um terapeuta, que lhe dá medicação sem critério.

P Tem livros eternamente guardados na estante?

R Não consigo acabar os da Joan Didion. É uma leitura fácil, mas há qualquer coisa na escrita que não me prende. Também está a ser difícil acabar o "Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens", de [Jean-Jacques] Rousseau.

P Lê um livro de cada vez?

R Não. Foi um dos objetivos para 2024. O primeiro da lista.

P Se tivesse de escolher um destino de férias, qual seria?

R Gosto de viajar, mas não sou louca por viagens. Acabo por fazer a vida que faço em Lisboa: ir ao café, à mercearia, conversar com as pessoas. Mas quero muito ver a exposição do Pino Pascali, um dos meus artistas preferidos, na Fundação Prado, em Milão, e ir à Bienal de Veneza.

P Que sítio é que quis mesmo conhecer?

R O Rio de Janeiro. Sou fã da música e do movimento artístico brasileiro dos anos 60 e 70. Tinha uma visão meio nostálgica do que podia ser o Rio e fiquei muito feliz por sentir que muitas dessas referências ainda lá estão. Visitei o arquivo do Hélio Oiticica, pioneiro na arte performativa, essencial na democratização da arte, ligado à Escola de Samba da Mangueira, que criou os "Parangolés".

P Em que cidade é que viveria, além de Lisboa?

R Londres, cidade onde já vivi. Identifico-me com a cultura e humor, com a abordagem à moda e à arte. É um sítio de oportunidades. Também gostava de experimentar os Estados Unidos.

P Não quer ser só uma marca de roupa. O que quer ser?

R Este é um ano de viragem. Estamos finalmente a desenvolver, em parceria com o estúdio de arquitetura e design Duarte Caldas, projetos de interiores: em dois restaurantes, no Sophie e num espaço de marisco com *speakeasy*, do grupo do Vago, e num escritório. Estive recentemente com a diretora do meu curso, que me disse: "Constança, que bom saber que voltaste aos interiores. És uma designer têxtil, nunca te esqueças disso."

P Agora, qual é a meta?

R Continuar a crescer, trazer mais pessoas para a equipa, criar um projeto grande. Outro objetivo é conciliar a vida profissional e pessoal. Toda a gente fala nisto e percebo porquê: o *work-life balance* é mesmo difícil. No ano passado, fiquei mais *overworked* e pela primeira vez refleti sobre isto. Gosto mesmo de fim de trabalhar, mas o equilíbrio é um plano a longo prazo. O meu plano de fim de semana preferido é ir para o estúdio, ler o jornal, beber café, pôr rádio, um *podcast* e trabalhar sossegada.

ANA LUÍSA BERNARDINO
sociedade@expresso.impresa.pt

FOTO JOSÉ FERNANDES

CRÓNICA

Manuel Cardoso

A TOXICIDADE DO FUTEBOL EUROPEU

Depressão pós-fase de grupos de uma grande competição de seleções é uma patologia amplamente ignorada pela investigação científica no âmbito da saúde mental. Ingenuamente, julgamos que a euforia decorrente de duas semanas com jogos ao longo de todo o dia persistirá durante todo o torneio. O problema é que desperdiçamos a hipótese de desfrutar por inteiro da primeira metade do Euro por força da obsessão com as expectativas da nossa própria equipa. Goradas as hipóteses de glória nuns quartos de final mal arbitrados, concluiremos finalmente que deveríamos ter refreado a ilusão e aproveitado melhor cada momento daquele Turquia-Geórgia. O que importa é como acaba — mas o Euro é mais divertido quando começa.

Bons vivants do futebol preferem o Mundial — porém, os entusiastas das evocações bélicas do desporto-rei dão primazia ao Europeu, tão dado a antagonismos e hostilidades que nem devia inaugurar-se com uma cerimónia. Acrimónia de abertura seria mais adequado, uma vez que, tanto historicamente como recentemente, múltiplas nações participantes já diligenciaram, com determinação e perseverança, no sentido de eliminar os vizinhos do lado. Trinidad e Tobago *vs.* Inglaterra, por exemplo, foi um encontro inaudito e muito apelativo que, de facto, só podia ter lugar num Mundial. Árdua decisão optar por um dos dois, apesar disso continuo a escolher a competição do continente conflituoso, o torneio que impele os comentadores desportivos a debruçarem-se sobre a densa historiografia da fragmentação do Império Otomano.

Gostaríamos tanto do Europeu de Futebol se não houvesse adeptos da Escócia, dentro da carruagem de um elétrico, a cantar "odiamos mais a Inglaterra do que vocês" na companhia de alemães que tentam reprimir a transgressão do sorriso maroto? Unir um continente é complexo e, evitemos a bazófia, também não o alcançaremos através do livre achincalho. Ainda assim, se me satisfaz ver adeptos albaneses a injuriar gravemente a cultura transalpina e suas inflexíveis regulamentações culinárias, quebrando esparguete na cara de italianos em suplício? Sem dúvida — entreguemo-nos, sem reservas, à toxicidade apaixonante do futebol europeu.

É extraordinariamente penoso combater o futebol dos bilhetes a preço de multa das finanças, das equipas-lavandaria sem adeptos, do estádio-gentrificação, seccionado por castas. Todos os esforços para o contrariar são bem-vindos, sobretudo os que incluam partir esparguete à frente de um italiano; quebrar uma baguete na cara de um francês; ocupar a ciclovia à beira de um neerlandês; aparecer de surpresa na casa de um dinamarquês ou exibir a Declaração Universal dos Direitos Humanos diante de um turco.

Se me satisfaz ver adeptos albaneses a injuriar gravemente a cultura transalpina e suas inflexíveis regulamentações culinárias, quebrando esparguete na cara de italianos em suplício? Sem dúvida

Ódio declarado, como aquele que foi dirigido sem pudor aos sérvios no Croácia-Albânia, jogo que é capaz de ir para prolongamento no tribunal de Haia, é naturalmente repugnante. Xenofobia benigna, por outro lado, não só é inofensiva como é edificante. Inesperadamente, um torneio feito numa nação com cultura futebolística está a ser mais agradável e festivo do que os torneios em que o país anfitrião foi escolhido pelo dinheiro, como em 2018 e em 2022. Catar 2022 somente existe nos registos; o Euro 2024 ficará para a história. Os bons torneios são uma epopeia; os maus, um relatório.

BOA CAMA BOA MESA

FOTO ANA BAIÃO

Chegar onde nos esperam com Saramago

"Uma aldeia como já não se veem nos dias de hoje" é ponto de partida para um **périplo pela Beira Interior**, tal como a percorreu "Salomão", protagonista de "A Viagem do Elefante"

ANA MARIA FONSECA

Entre silêncios e lendas, panorâmicas tranquilas que abraçam aldeias históricas, castelos e fortalezas, há uma viagem interior para percorrer seguindo os passos do elefante "Salomão" imaginados por José Saramago. Oferecido pelo rei D. João III ao primo, arquiduque da Áustria, o animal viaja entre Lisboa e a Áustria passando por terras da Beira Interior. A obra do Nobel da Literatura deu lugar a um roteiro literário que acompanha as peripécias do elefante e é também uma reflexão sobre a fragilidade humana. A Rota Turística Literária A Viagem do Elefante materializa um percurso que "não é possível descrever por palavras. Possível é, mas não vale a pena". Vale mais percorrê-lo, descobri-lo e vivenciá-lo, considerou Saramago ao calcorreá-lo em 2009, ano seguinte à publicação da obra, com o intuito de atrair visitantes aos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel, Almeida, Guarda, Sabugal, Belmonte, Fundão e Mêda que integram a rota. Deixe-se conduzir ao interior de quatro aldeias históricas que dão o mote à descoberta do território: Castelo Novo, Sortelha, Belmonte e Marialva. Aninhada na serra da Gardunha, "uma aldeia como já não se veem nos dias de hoje", Castelo Novo é "uma das mais comovedoras lembranças do viajante" e ponto de partida para a viagem beirã de "Salomão". Considerada pela Organização Mundial do Turismo uma das melhores aldeias do mundo, tem na água elemento central: a ribeira de Alpreade alimenta a praia fluvial e diversas fontes. Refresque-se e suba ao castelo, às muralhas, torre do relógio e torre de menagem. Percorra as calçadas entre edifícios históricos, visite a Galeria de Arte Manuela Justino e traga para casa artesanato da Casa da Lagariça.

"Lagartixos" e Beijo Sem Fim

Tal como "Salomão", o viajante tem "obrigatoriamente" de conhecer Sortelha, lugar com cerca de "duas dezenas de casebres" ao lado da serra da Malcata. A 760 metros, o castelo, mandado construir por D. Sancho I no século XII e classificado como Monumento Nacional desde 1910, avista-se ainda do caminho. Entre nas muralhas por uma das portas "falsas", perca-se pela calçada medieval rumo ao pelourinho manuelino, ao exótico Jardim do Anel e à cisterna, em frente à Porta da Traição. Percorra a muralha observando as vistas amplas, mais impressionantes no topo da torre sineira. Entre as lendas desta aldeia mística, encontre a Cabeça da Velha, formação granítica que se acredita olhar para a Cabeça do Velho, na serra da Estrela; descubra por que se chamam "lagartixos" aos habitantes e pergunte localmente pelo Beijo Sem Fim, escultura granítica que recorta o perfil de dois amantes. O percurso no interior das muralhas pode ser feito de burro com a JMAL (tel. 965 403 457).

Não é certo que "Salomão" tenha passado por Belmonte, mas Saramago visitou a terra natal do navegador Pedro Álvares Cabral, marcada pela presença de uma comunidade judaica que mantém vivas tradições e rituais. Na Igreja de São Tiago, o Nobel da Literatura descreveu a escultura "Pietà" como "algo para o qual não há palavras". Merece visita a sinagoga e o castelo, o Museu Judaico e o dos Descobrimentos, bem como a judiaria. Passe pela mercearia Cabralina, para produtos *kosher*, cerveja e biscoitos artesanais. "Este conjunto de edificações em ruínas, o elo misterioso que as liga à memória presente dos que viveram aqui, que subitamente comove o viajante, lhe aperta a garganta e faz subir lágrimas aos olhos", disse Saramago sobre Marialva. Outrora uma das mais imponentes e fortes praças de guerra do reino de D. Manuel e que se acredita remontar ao século VI a.C., mantém a ligação entre presente e passado. Suba às ruas empedradas até ao largo principal. Pode agendar uma visita guiada no posto de turismo (tel. 279 859 288), que promete detalhes sobre histórias e lendas, como a da Porta da Traição ou a da Dama de Pé de Cabra. Caminhe ao longo de quatro quilómetros de trilhos assinalados pelas três zonas bem definidas da aldeia: Cidadele, Arrabalde e Devessa.

amfonseca@impresa.pt

ONDE COMER

Dom Sancho
Numa casa antiga, no centro de Sortelha, serve-se uma ementa simples, entre enchidos e pratos 'da panela' como a "Caldeirada de borrego" e o "Arroz de lebre".
Tel. 271 388 267
Preço médio €25

Casa da Esquila
Sob o conceito de "Gourmet rural", produtos da época brilham em menus e pratos como "Brás de *Boletus edulis*, com hambúrguer de alheira" ou "Lombo de vitela da raia".
Tel. 271 381 070
Preço médio €30

Taverna da Matilde
O apetitoso "Borrego da Marofa na brasa" vem com migas, batata-palha e rodelas de laranja. Como alternativa, escolha o "Naco de vitela na pedra".
Tel. 271 313 207
Preço médio €30

ONDE DORMIR

Casas do Coro
Em Marialva, junto ao castelo, 31 quartos abraçam a envolvente tranquila e dão nova vida à terra. Entre pequenos grandes luxos, parte-se à descoberta do território de jipe, barco ou camioneta.
Tel. 917 552 020
A partir de **€270**

Casas do Juízo
As oito casas nasceram das ruínas de uma *villa* romana, mantendo-se a traça e diversos elementos originais, como fornos, pias e manjedouras.
Tel. 927 585 758
A partir de: €80

Casa da Cisterna
Num antigo solar, à arquitetura austera aliou-se conforto, extensível aos 14 quartos e suítes. Tome o pequeno-almoço sem hora marcada, reserve um piquenique ou um jantar na natureza.
Tel. 271 776 081
A partir de €90

ECONOMIA Leia mais sobre as eleições em França no caderno de Economia: “Na ‘lista negra’ até 2027” E9

Emmanuel Macron fez uma aposta de alto risco ao dissolver o Parlamento na sequência das eleições europeias
FOTO NICOLAS RONGIER/HANS LUCAS

Eleições Os franceses vão às urnas domingo, para a primeira volta das legislativas convocadas por Macron. Saiba como está o panorama: sondagens, participação e perspetivas de “coabitação”

“Encontro marcado com o destino”

MARIANA ABREU
em Paris

Quando Emmanuel Macron “virou a mesa do avesso”, tinha um plano: provocar, segundo ele, um “sobressalto” e um “despertar” do povo francês. No plano do Presidente, esse “sobressalto” ter-lhe-ia dado o impulso necessário para reconquistar uma maioria parlamentar. O tiro saiu-lhe pela culatra: o partido da maioria presidencial, Renascimento (liberal), continua em terceiro lugar nas intenções de voto, a quatro dias da primeira volta.

Sobressalto houve, embora não o que Macron esperava. A dissolução da Assembleia Nacional, que siderou povo e classe política, deu origem a uma onda de politização em França que promete grande afluência às urnas. Segundo o instituto Ifop, espera-se uma participação de cerca de 63%, a mais elevada dos últimos 25 anos. Desde 10 de junho foram emitidas 717 mil procurações de voto, um número seis vezes superior ao das últimas legislativas, em 2022.

Este aumento fora previsto por Pierre-Henri Bono, investigador no centro de estudos políticos CEVIPOF, entrevistado pelo Expresso na sequência das europeias: “Penso que a participação será mais elevada do que das últimas vezes, pois estamos a viver um evento caótico, menos previsível, que sai dos modelos estatísticos regulares.”

Este sobressalto é semelhante ao de 2002, quando Jean-Marie Le Pen [pai de Marine Le Pen e fundador da Frente Nacional, hoje Reagrupamento Nacional (RN)] chegou pela primeira vez à segunda volta das presidenciais, levando a esmagadora maioria da França democrática a apoiar o candidato da direita democrática, Jacques Chirac, que procurava a reeleição. Segundo Bono, “o passado explica muito bem o futuro”. “Estamos perante uma situação fora do comum, como a que tivemos em 2002”, explicou o econometrista ao Expresso. “Entre as duas voltas houve uma mobilização enorme, nomeadamente entre os jovens, para evitar que o RN chegasse ao poder.”

Todas as semanas milhares saem às ruas para protestar contra a “ameaça do RN”. Entre os manifestantes destacam-se os jovens que querem “fazer barragem”. “Estamos aqui porque há possibilidade de ter a extrema-direita no poder e porque a luta contra Le Pen tem de ser organizada a todos os níveis”, disse ao Expresso Lisa, de 25 anos, durante uma manifestação na parisiense Praça da República.

Jovens distantes de Macron

A maior afluência beneficiará todos menos o partido presidencial. Segundo Erwan Lestrohan, “uma mobilização excessiva dos eleitores seria desfavorável ao Renascimento, porque o seu eleitorado corresponde quase perfeitamente à França dos eleitores sistemáticos”, detalha o diretor do instituto de sondagens Odoxa ao *site* Public Sénat. Tradicionalmente, o eleitorado de Macron provém da população mais escolarizada, que ocupa cargos executivos, e dos reformados com mais de 70 anos. É um eleitorado maioritariamente democrata-cristão, e aquele que mais vota.

Entre os que menos votam encontram-se os habitantes das periferias urbanas, jovens e trabalhadores menos qualificados. Tendem a apoiar a Nova Frente Popular (NFP, união da esquerda) ou o RN. O “sobressalto” desejado pelo Presidente poderá desfavorecê-lo, já que o seu partido perdeu muito terreno entre os jovens. Nas europeias, o Renascimento cativou apenas 7% do eleitorado entre os 25 e os 34 anos (17% em 2019).

Após as eleições, se o RN ou a NFP obtiverem maioria absoluta, o país encontrar-se-á numa situação de “coabitação”, termo que designa a situação em que o Presidente da República e a maioria dos deputados pertencem a fações políticas opostas. Dado que o Governo é responsável perante a Assembleia, o Presidente deve nomear para chefiá-lo quem tiver o apoio da maioria parlamentar. Os chefes de Estado e de Governo devem, então, “coabitar”.

Apesar de rara, a coabitação não é inédita. Em 1986 e 1993 o Presidente socialista François Mitterrand nomeou, respetivamente, os gaullistas Chirac e Édouard Balladur para primeiros-ministros. Em 1997, já chefe de Estado, Chirac nomeou o socialista Lionel Jospin para liderar o Executivo. Conseguiram, não sem atritos, chegar a acordo sobre a repartição das responsabilidades políticas. Contudo, as negociações prometem ser mais difíceis para Macron, que terá de pactuar com uma oposição que se alimenta do antagonismo ao Presidente.

> **COM UM PARLAMENTO FRAGMENTADO, GOVERNAR EM MAIORIA RELATIVA PODERÁ TORNAR-SE MUITO MAIS DIFÍCIL**

Coabitar será difícil

Embora não seja certo que um partido da oposição alcance maioria absoluta, governar com maioria relativa poderá tornar-se muito mais complicado. “Será necessário encontrar coligações para cada texto, como já acontece desde as legislativas de 2022”, disse ao Expresso a politóloga Anne-Charlène Bezzina. “Com uma Assembleia tão fraturada, receio que seja mais fácil encontrar coligações contra o Governo do que a favor.”

Num debate aceso, terça-feira, que opôs o primeiro-ministro liberal, Gabriel Attal, o candidato de extrema-direita Jordan Bardella e o esquerdista Manuel Bompard, os três representantes políticos debateram as questões que os franceses mais levam a peito: imigração, reforma, poder de compra ou ainda educação. Mas em nenhum houve sintonia.

Na sua declaração final, Attal afirmou que França tem um “encontro marcado com o destino”, referindo-se às eleições dos próximos dias 30 e 7 de julho. Seja qual for o resultado, o mais provável é que esse destino seja de grande instabilidade institucional.

internacional@expresso.impresa.pt

Guerra e Paz

Miguel Monjardino
guerraepaz.expresso@gmail.com

A ASCENSÃO DA DIREITA NACIONALISTA

O que explica a ascensão eleitoral da direita nacionalista e da extrema-direita nos países europeus e nos Estados Unidos?

Em França, onde a primeira volta das eleições legislativas acontece este fim de semana, cerca de 33% das mulheres e 30% dos homens dos 18 aos 34 anos afirmam estar dispostas a votar no Reagrupamento Nacional. Em muitos países europeus, a direita nacionalista integra ou lidera governos. Nos Estados Unidos, Donald Trump poderá ser reeleito Presidente em novembro.

A emoção dominante das pessoas que votam na direita nacionalista e na extrema-direita é o medo em relação à sua segurança. Há três factos políticos a considerar. O primeiro é a imigração e o seu impacto na identidade nacional. O segundo é o desemprego ou a falta de oportunidades. O terceiro é a desilusão generalizada relativamente à competência dos Governos e instituições nacionais e internacionais para melhorar de forma continuada o nível de vida das pessoas. Este sentimento de crescente vulnerabilidade e insegurança tem sido aproveitado pela direita nacionalista e pela extrema-direita para ganharem eleitorado nos dois lados do Atlântico.

Os Governos liderados por moderados de centro-esquerda e centro-direita na Europa e nos Estados Unidos têm tentado responder a estes factos adotando políticas públicas muito mais limitadoras em termos de imigração. Optaram também por novas políticas para defender áreas económicas consideradas de segurança nacional e qualificar a sua força de trabalho.

No Velho Continente, todavia, persiste o problema do fraco crescimento económico. Por razões que não compreendemos muito bem, a produtividade nos países europeus continua muito baixa. Em países como os Estados Unidos, França ou, por exemplo, Itália, a situação financeira é delicada. A dívida pública e os défices orçamentais de Washington, Paris e Roma estão numa trajetória difícil de controlar. Por fim, segundo a OCDE, até 2050 os países da União Europeia necessitarão de 50 milhões de imigrantes para estabilizar os efeitos da queda das suas populações. A tensão entre as emoções e os factos é evidente.

A manutenção da ordem política é a questão mais importante numa democracia liberal. Só assim é possível domesticar o problema do medo e criar as condições para a cooperação em sociedades avançadas do ponto de vista tecnológico e económico. A atração do eleitorado mais novo, de parte da classe média e de alguns plutocratas americanos pelos partidos da direita nacionalista e da extrema-direita não me parece fenómeno passageiro, mas estrutural. Muitas delas nasceram depois do final da Guerra Fria, em 1989-91. Do seu ponto de vista, as ordens políticas em que vivem estão em desequilíbrio e não lhes auguram um bom futuro.

A grande questão que temos à frente é tentar compreender as consequências deste desequilíbrio interno na Europa e nos Estados Unidos para instituições como a União Europeia e a NATO e a negociação de uma nova ordem internacional. Como será encontrado um novo ponto de equilíbrio a nível interno?

Descodificador por MARGARIDA MOTA

Assange saiu em liberdade: herói ou vilão?

Após uma saga na justiça que se arrastava há 12 anos, o australiano Julian Assange declarou-se, esta quarta-feira, **culpado de violar a lei de espionagem dos EUA por ter divulgado documentos confidenciais**. Após essa confissão num tribunal americano no meio do Pacífico, pôde partir para a sua Austrália natal, como um homem livre

1 Quem é Julian Assange?

Julian Paul Hawkins nasceu a 3 de julho de 1971, na cidade australiana de Townsville, no estado de Queensland. Talentoso na arte da programação computacional, ficou mundialmente famoso após criar, em 2006, um sítio na internet para denúncias, com base em informação fornecida por fontes anónimas, designado WikiLeaks.
Nos anos seguintes, foram ali despejados, sem tratamento jornalístico, quase meio milhão de documentos militares secretos relativos às guerras dos Estados Unidos no Afeganistão e no Iraque. Na origem da fuga de informação esteve Bradley Edward Manning (hoje Chelsea Elizabeth Manning), analista de informações do Exército dos Estados Unidos que serviu no Iraque e no Afeganistão.

2 Que crimes lhe foram imputados?

Em 2010, o ativismo de Assange ganhou contornos de escândalo político após publicar material sensível, como o vídeo do ataque de um helicóptero Apache americano em Bagdade, que matou 11 pessoas, incluindo dois jornalistas da Reuters. Nesse ano, ele entregou-se à polícia do Reino Unido, após a justiça da Suécia emitir um mandado de detenção internacional, implicando-o num caso de violação e noutro de agressão sexual. Assange nunca admitiu a acusação, justificando-a com motivações políticas e com o interesse em extraditá-lo para os EUA, onde poderia ser condenado a prisão perpétua. Refugiou-se na embaixada do Equador em Londres, onde obteve asilo em 2012. Ali viveu sete anos, assomando à varanda de quando em vez. Em 2019, o Equador retirou-lhe o estatuto e Assange ficou à mercê da justiça britânica.

3 Para onde foi levado?

Assange viveu os últimos cinco anos na prisão de alta segurança de Belmarsh, no sul de Londres. Em fevereiro, o Parlamento australiano aprovou uma moção pedindo a Washington e Londres que permitissem o seu regresso a casa e tudo se precipitou. Segunda-feira, foi libertado sob fiança pelo Supremo Tribunal e levado para o aeroporto de Stansted.
Do Reino Unido, foi levado para a ilha de Saipan, a maior das Marianas Setentrionais, território americano no Pacífico sem estatuto de Estado.
Ali, compareceu diante de um juiz federal, nos termos de um acordo judicial celebrado com o Departamento de Justiça dos EUA. O tribunal de Saipan é dos postos mais remotos do sistema judicial americano. Assange anuiu a comparecer num tribunal dos EUA, mas resistiu a fazê-lo em território continental.
A WikiLeaks disse que a libertação do fundador resultou de "uma campanha global que envolveu militantes de base, defensores da liberdade de imprensa, legisladores e líderes de todo o espectro político, até às Nações Unidas."

FOTO BENJAMIN CREMEL/GETTY IMAGES

4 O denunciante foi julgado?

Não propriamente. Com base no acordo celebrado previamente no tribunal de Saipan, Assange — que estava acompanhado pela advogada e pelo embaixador australiano nos EUA — declarou-se culpado de violação da Lei de Espionagem e acatou a acusação de crime de obtenção e divulgação ilegal de material de segurança nacional. Os procuradores do Departamento de Justiça dos EUA pediram uma pena de prisão de 62 meses, equivalente à pena que ele cumpriu no Reino Unido. A justiça americana retirou o pedido de extradição e Assange rumou à sua Austrália natal, onde chegou quarta-feira à noite.
"Quero agradecer aos Estados Unidos e ao Reino Unido pelos seus esforços em tornar isto possível", reagiu o primeiro-ministro trabalhista Anthony Albanese. "Independentemente da opinião que as pessoas tenham sobre as atividades do Sr. Assange, o caso arrastou-se durante demasiado tempo. Não há nada a ganhar com a continuação do seu encarceramento."
Na rede social X, a mulher, Stella, pediu ajuda para cobrir os 520 mil dólares (485 mil euros) gastos nos *charters*: "Ele não foi autorizado a viajar num voo comercial para Saipan e daí para a Austrália. Qualquer contribuição será bem-vinda."

5 Nos EUA, o desfecho teve leitura política?

A libertação de Assange aconteceu a dois dias de um aguardado debate televisivo entre Joe Biden e Donald Trump, os candidatos democrata e republicano às eleições presidenciais de 5 de novembro. Germano Almeida, especialista em política americana, não vê relação entre a libertação de Assange e a batalha política que se avizinha. "Não vejo qualquer ligação direta. Quer Biden quer Trump são contra Assange", diz ao Expresso. "Podemos fazer uma ligação do Assange ajudado pelos russos a denunciar o *deep state* americano com alguma conversa conspirativa da esfera Trump, mas é completamente lateral. Não acho que vá ser tema de campanha."
Em 2016, num contexto como o atual nos EUA, o caso WikiLeaks abalroou a corrida presidencial entre Donald Trump e Hillary Clinton. "O WikiLeaks foi decisivo na fuga dos *e-mails* da campanha de Hillary — que, mais tarde, agências de informação americanas provaram terem tido mão russa — na influência da vitória de Trump." A dias das eleições, o FBI reabriu a investigação sobre o uso de um servidor particular por parte de Clinton entre 2009 e 2013, era ela secretária de Estado, para troca de *e-mails* profissionais e pessoais. A democrata perdeu votos pela falta de transparência.

6 Assange é herói ou vilão?

"Talvez não consigamos ter uma apreciação tão definitiva e tão absolutista de Assange", diz ao Expresso Rita Figueiras, investigadora na área da Comunicação e professora na Universidade Católica. Muitas vezes, recorda, ele movimentava-se "numa nebulosa entre ativista e *hacker*".
"Se algumas informações divulgadas foram importantes, outras foram excessivas. Parece-me muito difícil catalogá-lo de forma tão absoluta como herói ou vilão. Para classificá-lo, há que ter um raciocínio mais matizado." A investigadora recorda que o caso WikiLeaks foi dos primeiros em que a internet foi utilizada para grandes revelações. "Foi relevante para o jornalismo pensar sobre si próprio. E algumas informações reveladas foram importantes para a sociedade", acrescenta.
"A questão é que depois vem a extensão das informações sem limite, como o próprio Assange disse na altura, que informar acerca de quem eram os informadores que, no Afeganistão ou no Iraque, podiam estar a contribuir para os serviços secretos norte-americanos terem determinado tipo de informações também deveria ser revelado. A ideia de que a liberdade de expressão e a ausência de quaisquer limites é um valor absoluto em si próprio, aí já podemos questionar."

REINO UNIDO

ECONOMIA E REVISTA **Leia mais sobre as eleições no Reino Unido no caderno de Economia ("Britânicos em fuga à recessão") e na revista E ("Keir Starmer — Lei e ordem depois do caos")** E9 e R18

Apostas afundam Sunak ainda mais

Cinco pessoas **próximas do primeiro-ministro estão a ser investigadas** por uso de informação privilegiada

FRANCISCA FERREIRA MARQUES
Correspondente em Londres

O conservador britânico Steve Baker começou na Grécia, de forma insólita, a campanha para ser reeleito deputado nas eleições de 4 de julho. "O primeiro-ministro tinha-nos dito que podíamos ir de férias de verão e, pouco depois, convocou eleições antecipadas. Por isso, decidi fazer campanha em Vasiliki", explicou ao jornal "Daily Mirror" o secretário de Estado para a Irlanda do Norte.

Se Baker foi surpreendido, é porque não estará no núcleo duro de Rishi Sunak. A Comissão de Apostas está a investigar pelo menos cinco funcionários do Governo britânico, suspeitos de terem utilizado informação privilegiada e confidencial para ganharem dinheiro em apostas, o que pode constituir crime. Todos apostaram que as legislativas, que poderiam ser até janeiro de 2025, iriam acontecer em julho.

Entre eles está Craig Williams, um dos assessores mais próximos de Sunak e candidato às legislativas, que apostou online 100 libras (cerca de €118), com potencial ganho de 500 (mais de 592 euros). Fê-lo três dias antes do anúncio oficial. Terça-feira, o partido retirou-lhe a confiança política, tal como à também candidata *tory* Laura Saunders.

Candidatos no boletim

Caso sejam eleitos, Saunders e WIlliams serão deputados independentes. Ela tem poucas possibilidades, com as sondagens a preverem quase 50% para o recandidato trabalhista Darren Jones. Williams ainda luta pela vitória, em empate técnico com o trabalhista Stephen Witherden. Numa altura, em que os conservadores precisam de cada assento parlamentar para evitar uma derrota histórica e distanciarem-se dos reformistas, pode ser mais uma baixa na bancada à direita. Contudo, se for eleito e ilibado pela Comissão de Apostas, pode recuperar a filiação.

Outro *tory* que admitiu ter feito apostas sobre a data das eleições é Alister Jack, ministro dos Assuntos Escoceses. Não se recandidata a 4 de julho.

Para já, a Comissão Independente que está a investigar as alegações não tem avançado detalhes sobre os contornos do caso nem sobre as pessoas envolvidas. Sabe-se, contudo, que também Nick Mason, responsável pela pasta de Proteção de Dados e próximo de Sunak, está a ser investigado e foi afastado de funções por tempo indeterminado.

Além de funcionários do Executivo, também cinco agentes da Polícia Metropolitana de Londres estão a ser investigados pela mesma razão, havendo já um sob investigação criminal. Todos desempenhavam funções em unidades de proteção de membros da família real, do Governo ou do Parlamento, ou no posto de comando de Westminster, equidistante do Parlamento e de Downing Street, em cujo nº 10 fica a residência oficial do primeiro-ministro.

O primeiro-ministro Sunak num comício em Londres FOTO BENJAMIN CREMEL/GETTY IMAGES

Os conservadores têm 20% de intenções de voto, indica a BBC. Os trabalhistas somam o dobro

Na semana passada, num debate na BBC, um membro do público perguntou a Sunak se estava confortável com ter o nome de Williams e Sanders no boletim de voto. Aquele escudou-se na investigação independente e assegurou consequências para quando existissem conclusões. No entanto, com Williams a assumir em público ter cometido "um erro de julgamento", e dada a crescente pressão política, interna e dos outros partidos, o líder conservador anunciou um inquérito interno e a retirada da confiança política aos dois candidatos.

Sondagens más para Sunak

O líder dos trabalhistas, Keir Starmer, soube desta decisão pelos jornalistas, em direto, e de imediato afirmou que peca por tardia. Para o chefe da oposição e, ao que tudo indica, futuro primeiro-ministro, a suspensão deveria ter acontecido assim que as alegações surgiram e que a investigação independente começou. Os trabalhistas também suspenderam um candidato devido a apostas, mas não relativas à data da eleição. Kevin Craig apostou que o seu adversário conservador iria ganhar-lhe a disputa em Suffolk Central e Ipswich Norte. "Há umas semanas, quando pensei que jamais ganharia este assento, apostei que os conservadores iriam ganhar, com a intenção de dar quaisquer lucros a organizações de caridade locais. Embora não tenha apostado com conhecimento prévio do resultado, foi um erro enorme, pelo qual peço desculpas sem reservas", afirmou.

O líder dos Liberais Democratas já afirmara, em comunicado, que a suspensão dos suspeitos era o único caminho possível. Para Ed Davey, as pessoas "estão enjoadas e fartas desta imoralidade" em que o Partido Conservador se afunda a cada dia, a seu ver.

Os conservadores continuam a perder popularidade. O medidor de sondagens da BBC dá-lhes 20% de média de intenções de voto, o valor mais baixo dos últimos anos, e até o lugar de deputado de Sunak está em risco. Os trabalhistas desceram desde o início da campanha, mas continuam com mais 20 pontos percentuais do que os *tories*, que veem, no retrovisor, os eurocéticos de Nigel Farage cada vez mais perto.

internacional@expresso.impresa.pt

SAIBA COMO DECORREU O DUELO TELEVISIVO ENTRE SUNAK E STARMER EM **EXPRESSO.PT**

ESTADOS UNIDOS

ECONOMIA Leia mais sobre as eleições nos EUA no caderno de Economia: "Biden ou Trump: de quem é que Wall Street mais gosta?" E8

Corrida à Casa Branca marcada por *soundbites*, gafes e insultos idadistas

O caminho até às eleições **tem sido pautado por insultos e um vendaval de falsidade** e até *deepfakes*

HÉLIO CARVALHO

Há quatro anos o debate entre Donald Trump e Joe Biden foi pautado por insultos FOTO LIU GUANGUAN/CHINA NEWS SERVICE/GETTY IMAGES

No final de setembro de 2020, o mundo voltava a fechar-se em casa, a pandemia voltava a crescer. E em Cleveland, no Ohio, o Presidente Donald Trump e o candidato Joe Biden subiam ao palco para o primeiro confronto em debates presidenciais. Os 90 minutos que se seguiram foram insólitos. "Uma confusão, dentro de um incêndio num contentor, dentro de um comboio descarrilado", resumiu um frustrado Jake Tapper, pivô da CNN.

Colados aos ecrãs dos telemóveis, assistimos a uma enxurrada de vídeos, de compilações das interrupções de Trump (mais de 120), dos gritos exasperados de Biden ("Podes calar-te, pá?!", foram as mais famosas palavras do encontro), e tentativas desesperadas do moderador Chris Wallace, da Fox News, para conter os septuagenários. Momentos como a 'ordem' do então Presidente à milícia de extrema-direita Proud Boys ("Recuem e aguardem"), repetiram-se *ad infinitum* nos feeds das redes sociais, vistos e partilhados por milhões. Os dois homens voltariam a encontrar-se em Nashville, no Tennessee, pouco antes das presidenciais que Biden venceu. Não foi muito melhor.

O debate dos memes

O *site* Axios antecipou como "*the meme debate*" o frente a frente entre os dois candidatos à Presidência dos Estados Unidos, que decorreu quinta-feira, já depois do fecho desta edição. Espera-se um enorme esforço das máquinas de propaganda dos partidos republicano e democrata nas redes sociais, com conteúdos curtos, agressivos, chamativos e pretensamente cómicos, que aproveitem as dúvidas do eleitorado sobre a idade de ambos.

Para Germano Almeida, jornalista e escritor de cinco livros sobre a Casa Branca e as presidenciais, a importância desta campanha de *soundbites*, *memes*, TikTok com ataques às capacidades cognitivas do adversário é "maior do que era há uns anos", muito devido à forma como os debates passaram a ser vistos. "Um debate de 90 minutos na televisão era coisa muito vista há 20 anos, porque não havia alternativa. Os debates foram perdendo audiência por haver outras formas de consumir uma eleição. Acresce que desta vez não há novidade: já vimos estes dois há quatro anos. E o fator novidade, na eleição americana, é muito importante."

> **O discurso tóxico tende a piorar, sobretudo porque o resultado da ida às urnas está em aberto**

Um estudo do Cook Political Report dá conta de que a existência de muitos eleitores menos politicamente ativos ajuda a campanha de Trump. Vão consumir o debate muito pelas redes sociais, ou seja, um momento insólito ou declaração mais controversa podem marcar a sua perceção.

Mais foco sobre Biden

Almeida avisa que "os debates são importantes, mas objetivamente não são decisivos". Recorda as vitórias de John Kerry e Hillary Clinton nos debates, respetivamente em 2004 e 2016, que não se traduziram em triunfos nas eleições.

O Presidente Joe Biden (81 anos) e o criminoso condenado Donald Trump (78 anos) são os dois candidatos mais velhos a presidenciais americanas, batendo o recorde que fixaram em 2020. A campanha tem sido marcada por comentários de um e de outro sobre a saúde mental e física do oponente.

Almeida pensa que um possível tropeço de Biden pode ser muito mais prejudicial, dada a lealdade da base de Trump e a normalização do seu tipo de discurso. "Biden vai estar mais sob exame do que Trump, porque se Trump disser uma ou outra bacorada, não é algo que vá atingir muito a sua base. Vai ser mesmo muito importante para Biden mostrar destreza, articulação e bom discurso", alerta. E "que não haja um engano brutal do ponto de vista objetivo e factual".

Do ponto de vista mediático, apesar de o consumo de conteúdos sobre o debate "beneficiar tendencialmente Trump", maior agressividade de Biden pode ser-lhe favorável, recordando o "Pá, cala-te" de há quatro anos.

Trump lança diariamente *rants* (palavra inglesa para um discurso muito queixoso) sobre tudo e mais alguma coisa, desde tubarões a ventoinhas eólicas, de máquinas de lavar a desportos de combate. E prevê: "As notícias falsas vão dizer que Trump está a queixar-se. Não, é genial o que eu faço, mas ninguém percebe". Segundo Germano Almeida, "para a sua base, Trump ganha sempre". Logo, "a questão neste debate está na base de Biden e no barco de independentes e indecisos, que é grande".

A CNN International noticiou que os grupos de extrema-direita que apoiam Trump têm trabalhado na propagação de teorias da conspiração sobre Biden, para criar uma imagem envelhecida e quase senil do Presidente. A Casa Branca garante que este é alvo de *cheap fakes*, trocadilho entre barato (*cheap*) e *deepfake*, formato de vídeo falso utilizado para disseminar desinformação política. Mais recentemente, Trump alegou sem fundamento que o seu adversário vai "dopado" para o debate. E a campanha de Biden acusou o magnata criminoso de ser "senil". Almeida crê que o ambiente tóxico "só vai piorar à medida que a eleição se aproximar, nomeadamente se ela se mantiver, como está, em aberto".

hcarvalho@expresso.impresa.pt

Oito candidatos em *reality show* para vice de Trump

A escolha será anunciada na Convenção do Partido Republicano, que começa a 15 de julho. Lealdade é qualidade obrigatória

Donald Trump anunciará quem o acompanha na corrida à Casa Branca durante a Convenção Nacional do Partido, entre 15 e 18 de julho. O potencial vice-presidente sairá de uma lista com oito nomes.

A todos foi pedido currículo e ensaios sobre temas-chave, do aborto à economia, passando por política externa, justiça e emigração. "É o que se espera de um candidato forte, consciente do momento importante na marcha de regresso ao poder", afirma ao Expresso Chris LaCivita, conselheiros de campanha do ex-Presidente. Como no passado, Trump transformou o processo num *reality show*, enviando dezenas de *e-mails* diários aos apoiantes, perguntando-lhes quem escolheriam e pedindo dinheiro para a candidatura. Em entrevistas, nomeia políticos que gostaria de ter ao lado, muitas vezes humilhando-os em direto. "Tim Scott. Tem sido muito melhor para mim do que para ele próprio", afirmou há cerca de três semanas. O próprio senador afro-americano riu-se, obrigado a não destoar. Poucos dias depois, Trump elogiou Doug Burgum, governador da Dacota do Norte, outro empresário dedicado à política: "O país tem alguma sorte — não muita — em tê-lo por cá."

Por vezes, o republicano baralha o jogo e atira nomes para cima da mesa. Em maio, num piquenique de recolha de fundos, surpreendeu os poucos jornalistas que o acompanhavam ao referir dois adversários seus das primárias de 2016, Ben Carson e Marco Rubio, e os atuais congressistas J. D. Vance e Elise Stefanik.

"Parada de subservientes"

Na lista surgem, ainda, o senador Tom Cotton e o congressista Byron Donalds. "Contudo, os principais são Rubio, Burgum, Vance e Scott", garante ao Expresso Susan Del Percio, antiga estrategista do Partido Republicano. Trump "quer que todos continuem a especular sobre possíveis candidatos e beneficiar financeiramente com o entusiasmo dos apoiantes".

O Expresso questionou LaCivita sobre os aspetos que o candidato considera fulcrais no processo de escolha. "Trump quer alguém que possa, um dia, ser um excelente Presidente. Mais do que ter um número dois, trata-se de preparar a sucessão." Procura-se, também, "lealdade absoluta", destaca ao Expresso outro membro da equipa. Na memória de todos está a desobediência de Mike Pence quando Trump ordenou que não certificasse os resultados das presidenciais de 2020.

"Trump não está preocupado em escolher alguém necessariamente popular na base do trumpismo", adianta Del Percio. "Para isso está lá ele." Em termos de estratégia eleitoral, a campanha pensa em alguém que possa arrasar [a vice-presidente] Kamala Harris.

Conscientes do burburinho mediático, os políticos mencionados multiplicam-se em iniciativas de apoio a Trump, tentando ganhar pontos. Todos compareceram no exterior do tribunal em Nova Iorque onde o multimilionário foi julgado e condenado, há cerca de um mês, por falsificação de registos contabilísticos.

> **"Mais do que ter um número dois, trata-se de preparar a sucessão", diz um conselheiro de Trump**

Joel Goldstein, professor de Direito na Universidade de Saint Louis, no estado do Missuri, um dos maiores peritos nacionais no estudo da presidência americana, explica ao Expresso que este processo de seleção é "absolutamente atípico" e "contrário à natureza das funções". "Lembro-me de Walter Mondale ter dito que o papel essencial do vice-presidente [cargo que ocupou entre 1977 e 1981] é dizer sempre a verdade ao Presidente e nunca se calar perante o poder. Está lá para dizer, muitas vezes, o que o Presidente não quer ouvir. Esta parada de subservientes é o contrário disso." E exemplifica com o contorcionismo dos putativos candidatos em relação à invasão do Capitólio, a 6 de janeiro de 2021, ato de insurreição e crime pelo qual centenas de pessoas já foram condenadas a penas de prisão. "Todos disseram o óbvio: Trump liderou um motim. Hoje desdizem-se sem pestanejar."

RICARDO LOURENÇO
Correspondente nos Estados Unidos
internacional@expresso.impresa.pt

ENTREVISTA

EXPRESSO.PT Leia a entrevista completa a Domingos Simões Pereira

Domingos Simões Pereira
Líder da oposição na Guiné-Bissau

Sissoco Embaló tem mandato "tingido de sangue"

Domingos Simões Pereira a discursar no Estoril Political Forum, a 5 de junho FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

HÉLDER GOMES

Domingos Simões Pereira é presidente do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e da Assembleia Nacional Popular, o Parlamento da Guiné-Bissau. A 4 de dezembro do ano passado, o Presidente, Umaro Sissoco Embaló, dissolveu o órgão legislativo, ao arrepio da Constituição. De então para cá, a Assembleia Nacional Popular "não tem funcionado", com "forças militares" a impedirem o acesso dos deputados e uma produção legislativa e acompanhamento da ação governativa inexistentes. Em entrevista ao Expresso, o líder da oposição guineense confirma os relatos de manifestantes chicoteados, detenções e mortes.

P A 1 de junho manifestou-se disponível para concorrer às presidenciais e lembrou que o mandato de Embaló termina em fevereiro de 2025. Conta reunir o apoio do PAIGC e dos outros partidos da coligação que lidera?

R Uma candidatura presidencial, tendo em conta o regime constitucional vigente, apela sempre a uma visão o mais alargada possível. Para validar, precisa-se da escolha favorável dos militantes e simpatizantes do partido, mas seria, com certeza, com muito agrado que acolheria a adesão de outros partidos e dos que, não tendo filiação partidária, se manifestem favoráveis a apoiar a minha candidatura.

P Fala numa "deriva antidemocrática" de Embaló. A dissolução do Parlamento, sem respaldo constitucional, foi apenas um episódio dessa deriva?

R Há muitos mais, pois o problema é bem mais grave. A vocação das instituições políticas é representar a aspiração do povo. Não podemos estar sempre em disputas eleitorais. As instituições não existem para brigar e para estarmos permanentemente em quezílias, mas para transformar o país. Se a Constituição diz que nos primeiros 12 meses [após as eleições] não pode haver dissolução do Parlamento e especifica, de forma muito clara, que em nenhuma condição tal pode acontecer, todos deviam sentir-se obrigados a respeitar essa disposição. A nossa vocação não é criar bloqueios, é encontrar soluções de compromisso.

P Após a dissolução, garantiu que a atividade legislativa continuaria, mas os deputados têm sido impedidos de entrar. Como tem funcionado a Assembleia no último meio ano?

R Em termos de produção legislativa, debate dos assuntos e acompanhamento da ação governativa, não tem funcionado. Mas não é a primeira vez que isso acontece. Há quem não queira apresentar contas nem respeitar as regras democráticas. Portanto, dissolve-se o Parlamento, muda-se de Governo, cria-se um Governo de iniciativa presidencial, que não tem respaldo na nossa Constituição, e governa-se, assinam-se acordos e compromissos, assume-se até o endividamento do país sem que isso passe pela Assembleia. Deve ser o paraíso em termos de governação. O tal 4 de dezembro foi, efetivamente, um golpe de Estado. Um golpe de Estado constitucional dado na Assembleia, colocando forças militares que impediram e continuam a impedir o acesso dos parlamentares eleitos para o seu devido funcionamento. As verbas de funcionamento foram congeladas, o meu salário e os de alguns dos meus assessores foram congelados, numa absoluta demonstração de autoritarismo, de princípios ditatoriais, para mostrar que quem tem força é que manda.

P Nos últimos dias têm chegado relatos de manifestantes chicoteados em protestos pacíficos, detenções e torturas, jornalistas impedidos de fazer o seu trabalho, a polícia a barrar a entrada da sede do Partido da Renovação Social e a lançar gás lacrimogéneo junto à casa do líder interino, uma greve de cinco dias na educação e saúde... A sociedade guineense está em ponto de ebulição, com várias carências e um Presidente que responde com repressão?

R Este regime não acredita nas regras democráticas, nas instituições, tem consciência de não reunir a aprovação da maioria dos guineenses e opta pela violência, desde o início. Este tem sido um regime muito tingido de sangue, que tem agredido todos os que ousam pensar diferente e expressar, alto e bom som, a sua discordância relativamente à linha de atuação. Já são várias dezenas de pessoas sequestradas e brutalmente agredidas. Já houve várias situações de perda de vidas humanas. Agora, de forma fria, pessoas são presas e, estando presas, são violentamente agredidas. É um regime que acredita neste expediente. Mas não é em vão. Isso acontece porque, depois de ter exercido o poder durante quatro anos e estando no último ano do mandato, este regime entra em desespero, porque, por mais que tente adiar, em algum momento vai ter de convocar eleições. E, se convocar eleições e o povo guineense se mobilizar para fazer uso do seu direito de expressão livre, certamente que este Governo não tem qualquer hipótese. Portanto, acreditam na anarquia e em criar um quadro de ebulição tal do qual se querem servir para depois invocarem que não há condições, seja para realizar eleições, seja para permitir que o povo se exprima de forma livre. O lançamento de granadas de gás lacrimogéneo passou a ser norma na Guiné. Por tudo e por nada lançam-se granadas de gás lacrimogéneo. É preciso lembrar que isso já aconteceu, à repetição, na sede do PAIGC e nas imediações das residências de vários líderes políticos.

> "PROCLAMAÇÃO DE MARCELO SOBRE ESTABILIZAÇÃO INSTITUCIONAL CHEGA A PARECER UMA PROVOCAÇÃO"

P No final de outubro, Marcelo Rebelo de Sousa recebeu o homólogo guineense no Palácio de Belém e elogiou "a estabilização institucional da Guiné-Bissau". Pouco mais de um mês depois, Embaló dissolveu o Parlamento. Tem algum eco do acompanhamento da situação por Marcelo?

R Eu sempre disse que não peço contas aos governantes portugueses. Os governantes portugueses e os governantes de cada um dos nossos países prestam contas aos seus cidadãos. Essa afirmação de Marcelo Rebelo de Sousa será, a seu momento, escalpelizada pelos cidadãos portugueses. Contudo, não podemos deixar de reconhecer que os laços que unem Portugal aos territórios que foram suas colónias ainda são muito fortes. E muito daquilo que se diz e faz em Portugal ganha relevo nas nossas latitudes. Isso devia convidar as autoridades a terem mais atenção a essas proclamações. Porque ignorar o número de pessoas que têm sido alvo de agressões, a forma como as instituições têm sido tratadas na Guiné, a falta de liberdades e direitos fundamentais e ainda fazer este tipo de proclamações chega a parecer uma provocação. Mas não me compete fazer este tipo de avaliação. Vou continuar a relacionar-me com o povo português como um povo irmão, respeitando o direito a escolher o seu caminho e a seguir os seus dirigentes. Foram e continuam a ser proclamações infelizes.

hgomes@expresso.impresa.pt

Tendência Restaurar ecossistemas ambientais, proteger tradições e as comunidades locais são medidas usadas para contrariar os impactos negativos da atividade turística. Sector bate recordes económicos e peritos pedem equilíbrio

Regenerar tem de ser a palavra de ordem no turismo

FRANCISCO DE ALMEIDA FERNANDES

SOLUÇÕES PARA UM TURISMO REGENERATIVO

MEDIÇÃO DA ÁGUA

Aferir gastos de água por hóspede e apresentar os resultados no fim da estadia para promover a poupança

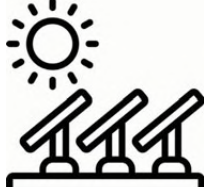
CHARCOS DE BIODIVERSIDADE

Criação de espaços de água à superfície que estimulem a fauna local e sirvam de bebedouro

BARREIRAS NATURAIS

Através da plantação de arbustos e outra vegetação, é possível transformar terra seca em solo fértil

PRODUTOS LOCAIS

Abastecer alojamentos turísticos com alimentos e outros produtos da região reduz a pegada ambiental

FLORESTAS AUTÓCTONES

Plantar árvores de espécies locais ou substituir outras, como o eucalipto, protege contra incêndios

REDUÇÃO DE RESÍDUOS

Espaços que pedem aos hóspedes que, no final da estadia, levem consigo o lixo produzido

ENERGIA VERDE

Incentivar a eficiência energética e a produção a partir de fontes renováveis é crucial para reduzir emissões

PROTEGER A COMUNIDADE

Além do apoio à economia local, o turismo regenerativo deve preservar a cultura e as tradições

FONTE: AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA

Estima-se que cerca de 8% das emissões globais de carbono tenham origem na atividade turística, com a componente dos transportes a ser a que mais pesa nesta equação. Mas nem tudo se mede em emissões de CO_2, já que o turismo, em particular quando é massificado, pode deixar outras cicatrizes nas comunidades e nas dinâmicas sociais. A sobrecarga nos serviços públicos, o aumento do custo de vida e a perda de qualidade de vida para os residentes estão entre as principais consequências, asseguram os estudos. "Os residentes percecionam cada vez mais os impactos negativos e cada vez menos os impactos positivos do turismo. Isto leva-nos a recomendar aos nossos decisores regionais alguma atenção na monitorização", resume, em poucas palavras, um dos coordenadores do Observatório para o Turismo Sustentável do Algarve.

Luís Nobre Pereira ressalva, porém, que os dados mostram que "os residentes apoiam fortemente o desenvolvimento do turismo na região" e considera essencial criar medidas que permitam alcançar um equilíbrio entre as duas faces desta moeda. De facto, 2023 foi o melhor ano de sempre para o sector em Portugal, que recebeu cerca de 30 milhões de hóspedes que permitiram superar €25 mil milhões em receitas turísticas —mais 18,9% do que em 2022, dizem os números do Turismo de Portugal.

O conceito de turismo regenerativo surge nos últimos anos como resposta aos desafios da atividade nas comunidades e nos ecossistemas ambientais. "Vai além do conceito de ecoturismo. É um turismo que pretende criar impacto positivo, que contribui para a saúde e resiliência dos sistemas naturais e sociais", explica Norma Franco, *partner* e especialista da EY em sustentabilidade. A consultora, que esteve presente na segunda sessão do Acelerador de Sustentabilidade, do Expresso com apoio do BPI, dedicado a este tema, sublinha que o objetivo é que, quando viajamos, "o destino fique bem melhor do que quando lá chegámos" e assegura que há mercado para este tipo de oferta. Segundo o estudo de sustentabilidade da Booking, quatro em cada dez turistas não se importam de gastar mais em viagens certificadas, ainda que, alerta Norma Franco, "estejam dispostos a pagar apenas mais 5%".

PROVEITOS ECONÓMICOS JÁ NÃO CHEGAM

Da mesma forma que os algarvios sentem cada vez mais o peso das consequências negativas do turismo, outros destinos, nomeadamente em Espanha, começam a repensar este sector. Em abril, os habitantes das oito ilhas Canárias saíram à rua para protestar contra o que consideram ser um modelo turístico "insustentável" e o seu alvo, garantiam, não são os turistas, mas a falta de políticas que mantenham o equilíbrio na utilização de recursos e na partilha da riqueza gerada com os residentes. Movimento semelhante acontece hoje em Barcelona, com a cidade a proibir o alojamento local até 2028 numa tentativa de fazer baixar o custo da habitação. Para comparação, em Barcelona existem cerca de 10 mil unidades de alojamento local, o mesmo número registado no Porto e metade dos 20 mil alojamentos em Lisboa.

Ao nível ambiental, porém, os efeitos negativos também se fazem sentir. Em regiões como o Algarve — que concentrou, em 2023, 20 dos 70 milhões de dormidas —, a falta de água é uma preocupação adicional. Aliás, já este ano o Governo decretou medidas de contenção no consumo, entretanto parcialmente aliviadas pelo aumento da chuva nos últimos meses. "Nas reuniões com decisores regionais em que tenho participado, existe a preocupação de tentar encontrar estratégias e medidas que permitam tornar o nosso destino mais sustentável", aponta Luís Nobre Pereira.

Cristina Siza Vieira, vice-presidente da Associação de Hotelaria de Portugal (AHP), assinala que "o turismo pode vir a ser uma vítima muito maior das alterações climáticas" com impactos diretos na economia do país. A responsável acredita ainda que "o turismo regenerativo é um vestido interessante para algo que já se vai fazendo" no país.

Expresso

O ACELERADOR DAS EMPRESAS

Pelo terceiro ano consecutivo, o Expresso, com o apoio do BPI, ativou o Acelerador de Sustentabilidade, um projeto para ajudar as pequenas e médias empresas (PME) a dar passos para descarbonizar e ter um negócio sustentável. Este projeto é apoiado por patrocinadores, sendo todo o conteúdo criado, editado e produzido pelo Expresso (ver código de conduta *online*), sem interferência externa.

CONHECER, INVESTIR E VALORIZAR

Durante o Acelerador de Sustentabilidade, realizado em Loulé, os empresários do turismo presentes reconheceram existir falta de conhecimento sobre este novo conceito de regeneração e apenas um terço assume praticar medidas nesse sentido. Entre os principais obstáculos à implementação de boas práticas, os agentes do sector apontam a falta de valorização pelos clientes e parceiros, bem como a insuficiência de apoios públicos. Neste campo, aliás, mais do que a falta de dinheiro disponível para apoiar a transição e sustentabilidade, as empresas lamentam o que consideram ser burocracia em excesso e tempos de espera demasiado longos para aprovação de projetos — e, sobretudo, para o pagamento efetivo dos apoios.

Cristina Siza Vieira acredita, no entanto, que este caminho deve ser percorrido com "cenouras" — como a diferenciação no mercado e mais receitas — e não com "paus" — por via de penalizações. "Ou os empresários percebem que a sustentabilidade é negócio ou então não vão lá", acrescenta.

Luís Cabral Silva foi capaz de perceber que a regeneração era o caminho, mesmo antes de saber o que significava o conceito. "Percebi hoje que fazemos muito turismo regenerativo e que temos práticas que vão além", partilhava, durante o Acelerador, o responsável por projetos como a Quinta do Freixo ou a Quinta do Mel. "Praticamos uma agricultura regenerativa que serve sobretudo para a atividade turística", explicava. O responsável tem sob gestão perto de 800 hectares onde convivem agricultura e pecuária biológicas certificadas, áreas de silvicultura que ajudam a prevenir incêndios e um espaço hortícola de onde saem produtos para o restaurante da quinta.

O turismo regenerativo vai muito para lá da instalação de painéis solares, dos apelos à reutilização de toalhas nos quartos de hotel ou de torneiras com sensores para reduzir o desperdício de água. Tudo isso é importante, mas é preciso ir mais longe e restaurar habitats naturais através da plantação de florestas autóctones, como na Gandum Village (Montemor-o-Novo), onde, além dos donos, todos os funcionários são residentes da aldeia. Ou ainda, como no Chão do Rio (Serra da Estrela), onde a floresta está a ser usada para evitar incêndios e para atrair a fauna local através de uma charca.

Segundo a Booking, 76% dos viajantes dizem querer fazer férias mais sustentáveis, num mercado que vale milhares de milhões. Só em financiamento público, há cerca de €5 mil milhões disponíveis para a sustentabilidade e linhas de financiamento específicas na banca, que não só adiantam os apoios públicos, como os alavancam e complementam com fundos adicionais. "Temos de repensar a economia e os nossos modelos de negócio", remata Norma Franco.

economia@expresso.impresa.pt

FUNDOS PÚBLICOS TÊM €5 MIL MILHÕES PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL, MAS É PRECISO NOVOS MODELOS DE NEGÓCIO

Vidas Perfeitas

Por **Carla Quevedo**

1938-2024 Pioneira na criação de *microchips* que tornam os computadores mais rápidos, foi despedida por mudar de sexo e tornou-se ativista dos direitos das pessoas transgénero

Lynn Conway

O maior equívoco do reacionário consiste em acreditar que "as coisas mudaram muito" quando talvez não seja bem assim. Nem a queixa tem aspeto de ser nova. Terá surgido no segundo ano de existência do mundo, com alguma criatura a resmungar que no primeiro ano é que era bom. É certo, porém, que a perceção da mudança pode ser muito forte mesmo que não corresponda a mudanças objetivas. Talvez o resmungão antigo tenha mudado e tenha saudades do rapaz alegre que era naquele glorioso primeiro ano em que tudo prometia. A desilusão tornara-o um rezingão reacionário, incapaz de ver que, bem vistas as coisas, estava tudo na mesma. É que, tirando invenções que trouxeram mudanças substanciais à humanidade, como a pílula anticoncecional, ainda vamos descobrir que são poucos os acontecimentos revolucionários com efeitos transformadores na nossa vida.

A 9 de junho morreu Lynn Conway, por causa de complicações na sequência de dois ataques cardíacos que sofrera recentemente. O nome surge há cerca de quatro anos por uma notícia de um pedido de desculpa da empresa IBM. A 29 de agosto de 1968, Conway, uma jovem investigadora recrutada pelo seu QI de 155, era despedida por ter comunicado às chefias intermédias que tencionava fazer uma cirurgia para mudar de sexo. Os intermédios entraram em pânico e a chefia despediu-a para evitar embaraços por ter uma funcionária transgénero. Um ano antes, Lynn Conway, que nascera rapaz e desde criança sabia que era uma rapariga, conhecera um médico em Manhattan, Harry Benjamin, pioneiro no estudo sobre transição. Nada de novo na humanidade e nada de novo o despedimento por a empresa não saber o que fazer. A novidade está no pedido de desculpa da IBM, ainda que 52 anos depois. A novidade estava ainda na curiosidade individual de Conway que a levou a descobertas que potenciaram o uso de computadores e telemóveis como instrumentos mais rápidos e sofisticados.

FOTO D.R.

Lutou contra o preconceito e tornou-se ativista LGBT, atuando em defesa dos direitos das pessoas transgénero

Lynn Conway nasceu a 2 de janeiro de 1938 em Mount Vernon, no Estado de Nova Iorque. O pai era engenheiro químico. A mãe era educadora de infância. Desde criança que mostrou ter aptidão para as matemáticas e as ciências. Na década de 50 ingressou no MIT, mas o crescimento num corpo que não aceitava como seu dominava completamente a sua vida. As notas baixavam e acabou por desistir. Nos anos 60 entrou para a Universidade de Columbia, onde concluiria os estudos em Engenharia Eletrotécnica. Depois de se formar, foi contratada pela IBM para trabalhar num novo *hub* tecnológico chamado Silicon Valley, na Califórnia. Aí desenvolveu uma tecnologia nova que consistia no "agendamento dinâmico de instruções" que programava os sistemas para fazerem várias operações ao mesmo tempo, tornando os computadores mais rápidos.

Chegou a casar com uma enfermeira, com quem teve dois filhos. A notícia de que estava a fazer os tratamentos hormonais necessários à transição levaram ao divórcio e ao afastamento dos filhos. Depois de ser despedida da IBM a sua vida mudou completamente. Com a revelação sobre a cirurgia, os amigos e a família tinham-se afastado. Estava sozinha, sem dinheiro, a ter de refazer a sua carreira do zero. Encontrar trabalho passara a ser mais difícil. As portas fechavam-se sempre que contava a sua história, até que, por uma questão de sobrevivência, passou a ficar em silêncio. Não contar a sua história implicava abdicar das suas conquistas e das suas descobertas até então.

Acaba por encontrar trabalho como programadora de contratos inteligentes e, em 1973, é contratada pela Xerox para trabalhar num centro de investigação inovador em Palo Alto. Foi neste centro de investigação que desenvolveu o seu trabalho mais importante, juntamente com Carver Mead, concebendo *microchips* complexos para computadores que dariam lugar à invenção do computador pessoal. O trabalho extraordinário da dupla Conway-Mead resultaria num manual, publicado em 1979, intitulado "Introduction to VLSI Systems", que se tornaria essencial na formação de gerações de estudantes de Engenharia Informática e de Computadores. Só muito mais tarde seria reconhecida por este seu trabalho pioneiro na área. Tinha um colega homem, o que levava a ser vista como a parte menos relevante da equipa (este viés é conhecido como "efeito Matilda"), e não contava a sua história, o que a tornava na verdade invisível.

Em 1983 foi convidada para trabalhar na Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (DARPA), que pesquisou toda a sua história e não considerou relevante o facto de Lynn ter nascido homem. Foi depois convidada para lecionar na Universidade do Michigan, onde esteve até se reformar, em 1998. Em 1999 decidiu por fim contar a sua história ao mundo numa página pessoal na internet e em entrevistas.

Em 2002 casou com Charles Rogers, que, ao falar sobre a mulher no *podcast* "Last Word", na Radio BBC 4, referiu que "sem o trabalho pioneiro de Lynn na IBM os computadores cumpririam apenas uma tarefa de cada *vez*". A mesma descoberta poderia ter sido feita mais tarde, mas é certo que viveríamos num mundo diferente.

Lynn Conway lutou contra o preconceito e tornou-se ativista LGBT, atuando em defesa dos direitos das pessoas transgénero. O preconceito é de todos os tempos e sofreu-o na pele de várias formas. O que há de novo e maravilhoso na vida de Lynn Conway são as suas invenções tecnológicas. Registou cinco patentes e mudou a nossa vida, mesmo quando o mundo insistia que Lynn não tinha nada que ser quem era.

Obituário

Por **Rui Gustavo**

Donald Sutherland

1935-2024 Ator canadiano, ocupa um lugar cimeiro no indesejável top de grandes intérpretes que nunca ganharam um Óscar por causa de um papel (a Academia concedeu-lhe uma estatueta honorária em 2018, mas isso não conta). Pior: nem sequer foi nomeado, apesar de ter entrado em filmes de grande sucesso como "Voo das Águias", "Klute", "MASH" ou "A Invasão dos Violadores". O caso de "Gente Vulgar" é gritante: a fita de Robert Redford ganhou o Óscar de Melhor Filme, Timothy Hutton e Mary Taylor Moore receberam o prémio de Melhores Atores e Sutherland, apesar de ser o protagonista e de ter tido uma performance impecável, nem sequer foi nomeado. Jane Fonda recebeu um Óscar em "Klute" e o canadiano, mesmo muito elogiado, continuou de fora da lista. Quando finalmente recebeu o Óscar de consolação, gracejou: "Não mereço isto. Mas também tenho artrite e não mereço." No início, apesar de ter um curso universitário em engenharia, emigrou muito jovem para o Reino Unido, onde começou a trabalhar como ator em séries de TV como "O Santo". Foi para os Estados Unidos e conseguiu um papel em "Doze Indomáveis Patifes", que o catapultaria para uma carreira de 60 anos e que teve um dos últimos capítulos como vilão da saga "Hunger Games". Dia 20, de causas não reveladas.

José Miguel Ramos de Almeida

1930-2024 Pediatra, percorreu todos os graus da carreira hospitalar e trabalhou como bolseiro da Organização Mundial de Saúde em hospitais pediátricos de Toronto, Boston e Nova Iorque. Foi um defensor da democracia durante o Estado Novo, tal como o irmão Pedro e o padrasto Abranches Ferrão, que muito o influenciou. Foi professor catedrático e dirigiu o serviço de pediatria da Maternidade Alfredo da Costa durante mais de 20 anos. Dia 25, de causas decorrentes da idade.

➲ **Taylor Wily (1968-2024)**, nome artístico de Teila Tuli, ator havaiano que se distinguiu pelo papel de Kamekona Tupuola, nas séries "Hawaii Five-O" e "Magnum PI". Antes disso, foi lutador profissional de sumo e participou no primeiro evento do UFC, perdendo aos 26 segundos do primeiro assalto com o neerlandês Gerard Gordeau, que lhe arrancou um dente com um pontapé na cabeça. Dia 21, de causas não reveladas. ➲ **Shifty Shellshock (1974-2024)**, músico americano, foi fundador e vocalista dos Crazy Town, banda rap-rock autora do supersucesso 'Butterfly', que chegaria a número um do top americano. O tema, feito a partir de um *sample* de uma música quase desconhecida dos Red Hot Chili Peppers, seria o único sucesso do grupo, que se desmoronou um álbum depois. O vocalista travou uma luta permanente contra o vício da droga e entrou em vários programas de "celebrity rehab". Dia 25, de causas não reveladas.

Cartas da semana

Os originais das cartas não devem ter mais de 150 palavras, reservando-se a Redação o direito de as condensar. Os autores devem identificar-se indicando o nº do B.I., a morada e o nº do telefone. Não devolvemos documentos que nos sejam remetidos. As cartas também podem ser publicadas na edição *online*.

Para contacto:
Cartas@expresso.impresa.pt

Foi em vão a última Guerra Mundial?

Muitas pessoas acham que a última Guerra Mundial foi há séculos, num lugar longínquo. Convém lembrar que foi há 80 anos e que aconteceu aqui, na Europa. Foram executados 6 milhões de judeus, além de ciganos, homossexuais, deficientes, velhos. Houve ainda civis e militares que morreram ou ficaram estropiados. A Europa ficou desfeita. Os EUA, como só tiveram estragos em Pearl Harbor e em 1941, colocaram muita indústria virada para a "fábrica da guerra", conseguindo assim ter dinheiro no fim da Guerra, e com o Plano Marshall ajudaram a Europa a reconstruir-se. Os alemães, que haviam pretendido à força dominar a Europa, perderam, mas fizeram um tremendo esforço de reconstrução. Entretanto, muitas famílias, onde se encaixa a família materna de quem isto escreve, perderam tudo, tendo de fugir de Hitler — no caso da Áustria, invadida em 1938 —, e divididos reconstruíram vidas separadas no Porto e em Londres. Depois de toda a devastação, tentou-se uma união, para precaver uma futura guerra. Cometeram-se erros na tentativa de unir diferenças abismais, mas havia pessoas boas com vontade de fazer tudo diferente e melhor, para conseguir uma união evitando mais uma guerra. A Europa achou que devia continuar a tentar caminhar para a união, mas como ninguém se lembrou de avisar que temos mais tendência para nos desunirmos que unirmos, como já não temos estadistas, estamos uma vez mais a caminho da total desagregação. Prontos, uma vez mais, para a guerra na Europa. Apareça aquele Hitler que anda aí pela sombra, e pela força vai uma vez mais haver guerra, devastação, destruição, mortes e o total desrespeito pela dignidade humana.

AUGUSTO KÜTTNER, Porto

Hipocrisia reinante

O chamado "caso das gémeas" evidencia bem certas "qualidades" que nos vêm de longe. De alto a baixo, todos mentem, todos fingem, muitos assobiam para o ar. Somos mentirosos, fingidos, dissimulados, cabotinos, invejosos e hipócritas. Por muito que nos custe, e para além de certa miscigenação étnico-cultural de séculos, também deixámos o nosso "melhor software" por terras de Vera Cruz e de além-mar. Aqui radicam os velhos adágios populares: "quem nesta vida não tem conhecimentos", ou "quem não tem padrinhos". O que está em causa não é uma inquestionável medida de humanidade, falácia com que alguns pretendem iludir o essencial. Uma passadeira estendida para entrar pela porta do cavalo, à frente de cidadãos nas mesmas circunstâncias, com os atropelos legais e procedimentais inerentes. A expressão "oh pai, então isso nunca mais anda" é eloquente de uma velha prática învia do "safanço" nacional que nos caracteriza. Os políticos enchem a boca com o sacrossanto princípio da igualdade de todos os cidadãos perante a lei. Mas, Deus Nosso Senhor nos livre, cidadãos comuns, de chegar a uma situação de emergência, "sem conhecimentos". Alguns dos que agora se escandalizam com as inquirições inquisitoriais cínicas no Parlamento, a propósito do caso, serão os mesmos que, por outras mas inconfessáveis razões, terão sido também votantes do Chega. É a hipocrisia reinante.

HÉLDER GOMES, Odivelas

O interesse em Costa ser presidente do CE

No que respeita à possibilidade de termos o doutor António Costa como futuro presidente do Conselho Europeu (CE), tenho ouvido os maiores dislates por parte figuras políticas que, por fanatismo ideológico ou manifesta impreparação, chegam ao absurdo maior, como foi dito pelo recente cabeça de lista da IL eleito para o Parlamento Europeu, de considerar 'paroquial' a vontade não escondida por larga maioria dos portugueses de poder vir a ter um cidadão nacional como titular de um alto cargo europeu. Com estas posições, reveladoras de profunda miopia em relação aos interesses nacionais, os detratores da candidatura mostram pequenez de espírito e incompreensão sobre a importância, para Portugal, de nos tempos conturbados que se avizinham poder ter um português, competente e com provas dadas, nos centros decisórios da Europa de que tanto dependemos.

ARMANDO NEVES, Lisboa

Devolução de IRS

O nosso bem-intencionado Governo, que tanto se preocupa com os portugueses, que tem prometido dar quase tudo a quase todos, está a falhar em algo tão trivial como a devolução do IRS. Poderá dizer-se que estão dentro do prazo que a lei estipula. Contudo, os contribuintes foram habituados pelo anterior Governo, "tão mal-afamado", a serem reembolsados em três semanas. Criou-se assim uma expectativa, pois esse valor, num país de baixos salários, é normalmente destinado a compromissos imperativos. O argumento de que houve alterações de taxas não colhe, pois, num tempo em que predominam as tecnologias quase sobre-humanas, não seria difícil contornar essa *nuance*.

M. MADALENA FALCÃO, Cascais

O mundo do sapato

A maioria dos europeus e os portugueses já devem ter dado conta que a tradicional sapataria de venda ao público se torna cada vez mais rara, enquanto as grandes superfícies quadruplicam as áreas de venda dos sapatos desportivos. Tornar-se-á o sapato em pele e de sola de couro num artigo de luxo, ou em vias de extinção? A moda dos 'ténis' (que nunca surge por acaso) e também a pandemia aceleraram este processo, levando ao encerramento de muitas indústrias de calçado na Europa. Paradoxalmente, as imposições ambientais na UE, como a proibição de certos produtos químicos no processamento das peles, assim como a obrigatoriedade da implementação de inúmeros certificados ambientais, tornam o produto final cada vez mais caro. É este o caminho do desenvolvimento?

FERNANDO RIBEIRO, São João da Madeira

o Inimigo Público

Se não aconteceu, podia ter acontecido

Nº 130 SÉRIE II
DIRETOR: LUÍS PEDRO NUNES

PORTUGAL INTEIRO ESTÁ EUFÓRICO E ESQUECE EUROPEU PARA VITORIAR COSTA

O interesse dos portugueses no Europeu de futebol esmoreceu completamente, esta semana, com um novo foco do orgulho nacional que levou as pessoas à rua a buzinar, cantar o hino, atirar rosas às estátuas dos poetas ou ir a Fátima de trotinete para agradecer à Virgem: a eleição de António Costa para presidente do Conselho Europeu. Charles Michel regressa ao antigo emprego de designer de lancis de passeio e Costa pega ao serviço sob uma exaltação patriótica que só tem paralelo nas Descobertas, no golo de Éder e no cão de água dos Obama. A lista *online* de gente que se oferece para levar Costa ao aeroporto já vai em quatro milhões de pessoas. Esta noite, há fogo de artifício em todas as localidades com o topónimo Costa, como Costa da Caparica, e Marcelo paga uma ginjinha a cada português. M.B.

Bruxelas recusou parágrafo de Lucília Gago no comunicado de nomeação de Costa

Os líderes europeus receberam com alguma estranheza o pedido da PGR Lucília Gago para acrescentar um parágrafo à decisão que confirmou Costa como próximo presidente do Conselho Europeu. Von der Leyen ainda pensou que era um hábito tradicional português, como comer todas as partes do porco, fechar ferrovias ou transmitir relatos de futebol na TV, mas acabou por recusar. "Mr. Costa será o novo mordomo da Europa", respondeu a presidente da Comissão, num parágrafo curto e seco enviado à Dra. Lucília. M.B.

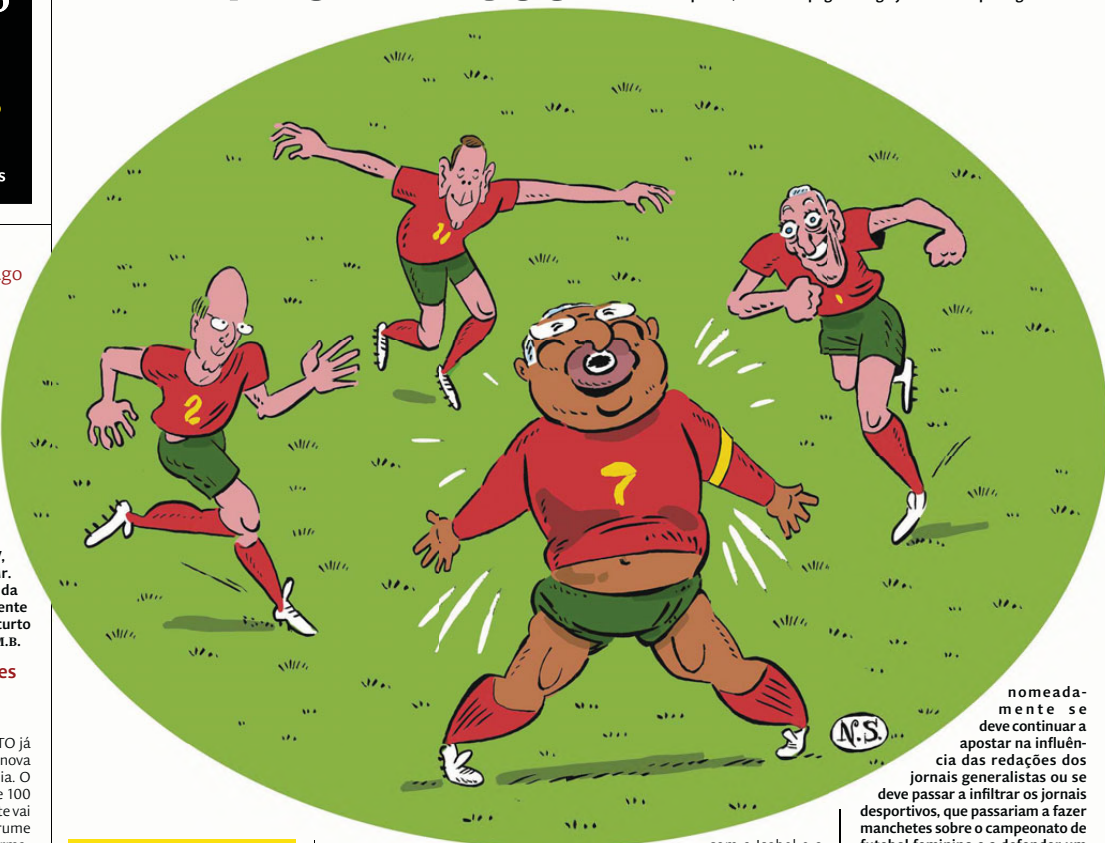
NATO aposta nos balões com estrume e lixo para atacar a Rússia

Os ministros da Defesa da NATO já chegaram a acordo para uma nova dose de ajuda militar à Ucrânia. O pacote tem um custo total de 100 milhões de euros e a maior parte vai ser utilizada em balões de estrume e lixo. Ao contrário de outro armamento, a NATO autoriza que estes balões sejam projetados sobre o território russo sem qualquer restrição. Deixa até algumas sugestões de alvos: a cabeça de Putin, a piscina de Putin ou a mesa de jantar de Putin. Se necessário, poderão ser também enviados 250 *stewards* do Euro 2024, meia dúzia de astrólogas para tentarem adivinhar os humores de Putin e a dupla Milhazes-Rogeiro para a liderança dos serviços secretos. A.P.

Legalização do *'lobbying'* obriga políticos a usar em camisolas com os logótipos das marcas que os patrocinam

A atividade do *lobbying* vai ser legalizada, passando os deputados, à semelhança dos pilotos de Fórmula 1, a usar nos fatos os logótipos das inúmeras empresas e escritórios de advogados que os têm na mão, devendo ainda prender cordas nas mãos para ser facilmente identificado que deputados não passam de marionetas. Os deputados do Chega apenas aprovarão a medida do Governo caso os deputados de todos os restantes partidos com assento parlamentar passem a usar, na lapela dos fatos, um broche com a cara do milionário George Soros. V.E.

Governo muda para CGD na segunda e boneco do multibanco tem de sair até domingo

Metade dos ministérios vão mudar-se para a sede da CGD, incluindo o professor de terapia da fala do ministro Leitão Amaro. Isto implica uma logística considerável ao nível das máquinas de calcular do ministro Miranda Sarmento e a saída imediata do boneco do Multibanco para ir morar num subúrbio. "Com o que eu ganho, é impossível pagar renda naquela zona", lamentou o boneco enquanto via preços de casas em Alhandra. M.B.

EUROPEU: DEPOIS DE MARCELO, MONTENEGRO E AGUIAR-BRANCO, FIGURA DO ESTADO QUE ASSISTIRÁ AO JOGO DE SEGUNDA-FEIRA É UM PROCURADOR DAS ESCUTAS

O Presidente da República, o primeiro-ministro e o presidente da AR lá foram novamente, em rotatividade, ver os três jogos da fase de grupos de Portugal no Europeu. A partir daqui o critério é mais nebuloso, mas o IP sabe que será a quarta figura do Estado, neste momento da vida nacional, a assistir ao jogo dos oitavos na segunda que vem. A seguir a este magistrado das escutas do Ministério Público, até à final, avançam Sónia Araújo, Manuel Luís Goucha e José Luís Arnaut. M.B.

Nuno Melo anuncia construção de fábrica de munições para fornecer os milhares de norte-americanos que passaram a viver em Portugal

Nuno Melo anunciou no Parlamento que o Ministério da Defesa vai construir uma fábrica de munições, servindo assim os milhares de cidadãos norte-americanos que decidiram ultimamente passar a reforma no nosso país e que necessitam de balas para as múltiplas espingardas, carabinas, revólveres e metralhadoras que costumam guardar na mesinha de cabeceira. Nuno Melo anunciou ainda que a fábrica vai ficar localizada no Vale do Ave porque pretende usar mão de obra infantil, nomeadamente delinquentes juvenis que cumpram a pena a encher cartuchos com chumbinhos. V.E.

Sede do Chega colocou a bandeira do partido a meia-haste no Dia Nacional dos Ciganos

Portugal celebrou mais um Dia Nacional do Cigano, tendo o Chega colocado a bandeira do partido a meia-haste na sede e Rita Matias postado um vídeo no TikTok no qual provou que todos os golos que o Ricardo Quaresma marcou na vida estavam em fora de jogo. Marcelo Rebelo de Sousa voltou a discursar na efeméride e a salientar a importância que os ciganos tiveram na História de Portugal, lembrando que Vasco da Gama era de etnia cigana e as velas das suas naus eram feitas com toalhas de praia da feira, com a cara do Bob Marley e do Tupac Shakur. V.E.

Conselho de Estado quase exclusivamente masculino vai deixar as sanitas do Palácio de Belém sempre com as tampas para cima

Os partidos com assento parlamentar voltaram a indicar apenas homens para o Conselho de Estado, fazendo com que Maria Lúcia Amaral, Leonor Beleza, Lídia Jorge e Joana Carneiro tenham de continuar a baixar o tampo das sanitas do Palácio de Belém sempre que, como o João Félix no meio dos jogos da Seleção Nacional, vão à casa-de-banho. O movimento de extrema-direita Habeas Corpus acha, porém, que existem mulheres a mais no Conselho de Estado, porque, quando estão "naqueles dias", ficam rabugentas e podem aconselhar o Presidente da República a declarar guerra a outros países. V.E.

Isabel dos Santos, Hunter Biden e Nuno Rebelo de Sousa fundam a Confraria dos Filhos de Presidente

"Estava em trânsito no aeroporto do Dubai e, qual não é o meu espanto, dei com a Isabel e o Hunter a beber uma laranjada", contou o Dr. Nuno, seu filho, ao IP. Este encontro dos filhos de Joe Biden, José Eduardo dos Santos e Marcelo Rebelo de Sousa, seu pai, resultou num convívio bem giro e na decisão de fundar a Confraria dos Filhos de Presidente, num offshore sem acordos de extradição com o EUA, Portugal e Angola. Inscrições abertas. Preço da quota anual sob consulta. M.B.

BE convoca conferência nacional para debater papel do partido nas redações dos jornais generalistas, dos jornais desportivos e das revistas do social

Mariana Mortágua convocou uma conferência nacional do Bloco de Esquerda para debater o papel do partido na nova realidade política, nomeadamente se deve continuar a apostar na influência das redações dos jornais generalistas ou se deve passar a infiltrar os jornais desportivos, que passariam a fazer manchetes sobre o campeonato de futebol feminino e a defender um novo imposto sobre os salários milionários dos múltiplos avançados do Benfica. O BE vai também discutir se deve passar a infiltrar as revistas cor-de-rosa para noticiar que José Castelo Branco é israelita e Betty Grafstein palestiniana. V.E.

DIREÇÃO DO SINDICATO DOS MAGISTRADOS DO MINISTÉRIO PÚBLICO VÊ NOMEAÇÃO DE COSTA COMO UMA DERROTA E DEMITE-SE

"Não vamos dizer, como no futebol, que foi um resultado menos positivo. Não. Foi toda uma estratégia que ruiu pela base e foi derrotada em toda a linha." É assim que o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público reage à indicação de António Costa para o Conselho Europeu, facto que encara como uma derrota pessoal e que levou todos os órgãos sociais a colocarem os cargos à disposição. "Quilómetros e quilómetros de escutas e vai-se a ver e o homem triunfa na mesma", lamenta um procurador que gosta de ouvir, enquanto conduz, os 4 anos de escutas de João Galamba. M.B.

Cão desaparecido há um ano e quatro meses ainda não sabia que o Governo Costa tinha caído

Um cão todo desenrascado que sumiu de Leiria, há um ano e quatro meses, foi encontrado em Tomar e já regressou a casa para roer os chanatos dos donos. "O bichinho está bem e orientado, apesar de toda a realidade mundial lhe ter passado ao lado", explicou ao IP um GNR que integrou a equipa de resgate do canito. "Claramente, o patusco ainda não sabia que o Governo de António Costa tinha caído, que o Macaco estava detido ou que a Sónia Tavares era a Zé do Telhado dos croquetes VIP". M.B.

Buscas na Câmara Municipal de Oeiras descobriram dezenas de martelinhos de partir santolas e sapateiras

As buscas judiciais na Câmara Municipal de Oeiras foram realizadas entre as 12h00 e as 15h00, quando é sabido que todos os funcionários estão fora a aproveitar a merecida pausa do almoço, tendo os agentes da PJ descoberto dezenas de martelinhos e bases de madeira para partir santolas e sapateiras, facas longas e estreitas para cortar presunto, que Isaltino Morais mais tarde explicou que são utensílios usados para cinzelar as pedras e bater os pregos do obelisco egípcio que construiu no Parque dos Poetas. Isaltino Morais também explicou que os inúmeros elásticos encontrados na câmara não serviam para prender as pinças de lavagens, mas para apanhar os rabos de cavalo das suas vereadoras. V.E.

CONTEÚDO PATROCINADO

OPINIÃO

Por António Costa

A PARTIR DE AGORA VOU LEVAR OS FUNDOS DO PRR PESSOALMENTE A PORTUGAL

Portugueses, cumpri finalmente o meu antigo sonho, quando era comentador na "Quadratura do Círculo", o Pacheco Pereira começava um monólogo sobre a central de comunicações do Rui Gomes da Silva ou sobre a importância do estudo do Minderico no ensino básico e eu sonhava acordado em estar nalgum lugar, qualquer um, muito, muito longe daquele estúdio em Carnaxide. Mas não pensem que a minha nomeação para a presidência do Conselho Europeu serve apenas os meus interesses pessoais, uma vez que, como a Oposição nunca se cansou de acusar, a execução do PRR está muito aquém do desejado e isto porque eu tinha de estar em Lisboa, à espera, todos os meses, que o cheque chegasse pelo correio, enquanto agora vou estar pessoalmente em Bruxelas para atravessar a rua, sacar o guito à Ursula von der Leyen e mandá-lo por MbWay ao Miranda Sarmento e ao Nuno Melo, que pediu--me uns milhões para o Ministério da Defesa construir uma fábrica de fulminantes e bombinhas de cheiro. E prometo voltar à terrinha todos os anos, nas férias de agosto, com a minha amiga Marta Temido, que também vive aqui em Bruxelas e sonha com o mês em que pode voltar a Portugal para ouvir, nos arraiais e festas de aldeia, o Quim Barreiros cantar a 'Picada de Enfermeiro' e a Rosinha a cantar 'Eu Levo a Pica no Pacote'. Portugueses, nada disto teria sido possível sem vocês, por isso deixo-vos o meu sentido agradecimento e agora vou para o aeroporto de Bruxelas, onde vou ser recebido pela claque do Partido Socialista Europeu e ser obrigado a pular, dançar e cantar, como o Rafa quando aterrou em Istambul. V.E.

Rafa assinou pelo Besiktas da Turquia e pode fazer todos os implantes de cabelo que quiser

O futebolista Rafa deixou o Benfica e foi à Turquia confirmar, por si próprio, se sempre é verdade que os turcos não fazem mais nada na vida a não ser coçar a micose. O craque português irá receber uma batelada de dinheiro nos três anos de contrato com o Besiktas e ainda tem direito a jogar chinquilho às quintas com o Presidente Erdogan, a todos os implantes de cabelo e pera e bigode que conseguir fazer na capital mundial do setor e a toalhas turcas para as próximas sete gerações de rafas. **M.B.**

Sportinguista Hjulmand foi ator na série "Borgen" e agora vai fazer de médico do Sta. Maria na novela das gémeas

O médio Morten Hjulmand fez de jovem louro na série nórdica de política com pessoas louras "Borgen", apanhou o bichinho da representação e tem uma nova oportunidade de brilhar na arte da representação: foi convidado para fazer a personagem "Dr. Soren" na novela de 380 episódios das gémeas. "O Dr. Soren é um médico dinamarquês que traz a inovadora algália escandinava para a urgência de urologia do Sta. Maria. Um dia, entra no elevador e encontra o Dr. Lacerda e o Dr. Nuno. E já chega de *spoilers*", avançou o futebolista e ator ao IP. M.B.

NOVA MOEDA DE 2 EUROS É A MAIS TUGA DE SEMPRE

Para a semana, entra em circulação uma moeda de dois euros em homenagem aos portugueses nos Jogos Olímpicos de Paris. A secção de metas macroeconómicas & numismática do IP foi estudá-la à lupa.

M.B. @oinimigo_pronto

Guterres diz que invasões de campo no Euro 2024 "não aconteceram no vácuo"

O secretário-geral das Nações Unidas fez um discurso duro sobre a onda de invasões de campo que tem acontecido nos jogos do Euro 2024. António Guterres condenou as invasões, mas explicou que estas "não aconteceram no vácuo" e que todas têm um contexto. O discurso foi imediatamente criticado com vários países que pediram a demissão de Guterres. Portugal apoiou o secretário-geral da ONU e Luis Montenegro até confessou ter conhecimento de dois membros do Governo que também invadiram o campo no jogo da Geórgia para *selfies* com os jogadores. Só não foram identificados porque as televisões não transmitiram. **A.P.**

Cabra inglesa que prevê os resultados do Euro 2024 chama-se 'Ronaldo' porque tem idade para fazer uma chanfana

As redes sociais estão a ser invadidas pelas imagens de uma cabra inglesa que adivinha os resultados dos jogos do Euro 2024, chamada "Ronaldo", que, em entrevista ao jornalista Nuno Luz, confidenciou que tem um nome masculino porque é uma cabra não-binária, ao contrário da Ovelha Choné, que é retrógrada, cisgénero e votou no 'Brexit'. A cabra explicou ainda que se chama Ronaldo porque já tem idade para estar a fazer um jacuzzi numa chanfana, mas mesmo assim acabou de bater o recorde da cabra que mais litros de leite produziu no mundo. V.E.

Associação maçónica aluga quartos a estudantes que por alguma razão acabam sempre a ter 20 valores a todas as disciplinas

Uma associação maçónica, ligada ao Grande Oriente Lusitano, não paga impostos porque aluga quartos a estudantes no antigo Internato de São João, tendo todos eles, desde que passaram a usar aventais em cima das calças de ganga descaídas, passado a ter 20 valores a todas as disciplinas e sido unanimemente eleitos para presidentes da Associação de Estudantes e ficado responsáveis pela tesouraria da viagem de finalistas. O Internato de São João costumava servir para hospedar meninas pobres, mas encerrou porque, misteriosamente, todas elas encontraram bons partidos nas principais casas reais europeias. **V.E.**

Equipa oInimigoPúblico
"Se não aconteceu... podia ter acontecido!" O Inimigo Público é um suplemento satírico, sendo todo o seu conteúdo ficcional.
Diretor Luís Pedro Nunes
Redação Alexandre Parreira, Luís Pedro Nunes, Mário Botequilha, Vítor Elias **Cartoon** Nuno Saraiva
Projeto gráfico @oinimigo_pronto
Editor online João Martins
Fotografia Getty Images e arquivo pessoal
O INIMIGO PÚBLICO é um projeto conjunto Expresso/Produções Fictícias/ /Farol de Ideias através de O Estado do Sítio

Editorial&Opinião

Editorial António Costa deixou o Governo empurrado por um processo judicial e agora regressa ao ativo com um alto cargo europeu

Voltar pela porta grande

O papel executivo à frente da União Europeia cabe à Comissão, e é a sua líder, a alemã Ursula von der Leyen, que tem na mão a governação a 27 para os próximos cinco anos, tal como teve no quinquénio anterior. Ainda assim, não se pode desvalorizar o papel e a importância de um cargo como o de presidente do Conselho Europeu, que tem de conseguir o delicado e importante papel de conciliar posições e vontades entre Estados liderados por correntes políticas diversas, por vezes opostas, com geografias específicas e olhares diferentes sobre o processo de construção europeu. Depois de deixar a liderança do Governo em Portugal pela porta pequena, empurrado por um processo judicial ainda por esclarecer inteiramente, o socialista consegue oito meses depois regressar à política pela porta grande. Ao mesmo tempo, bem esteve Luís Montenegro, opositor declarado de Costa nos últimos anos na política interna, em lutar pela escolha do português para presidente do Conselho Europeu.

Cavaco

Há 20 anos, no célebre artigo sobre a boa moeda expulsar a má moeda, publicado no Expresso, Cavaco Silva dava a estocada final no Governo liderado então por Santana Lopes. Agora, em 2024, e com o Governo de Luís Montenegro, por si apadrinhado, com dificuldades em governar no atual quadro parlamentar, o ex-Presidente da República volta a dar o mote: para o país crescer como deve, é necessário um Governo capaz. E também uma maioria parlamentar. Ou seja, são precisas eleições para que surja uma maioria absoluta.

Que fazer na Justiça?

Muitas das críticas ao funcionamento da Justiça em Portugal são justas. Da opacidade até à lentidão e mesmo à forma como as investigações criminais são conduzidas, sendo de elementar bom senso considerar que não podem existir ‘Estados dentro do Estado’ ou entidades acima do escrutínio ou da crítica. Mas, dito isto, também é útil considerar que mudanças legais devem ser evitadas a quente ou em cima de casos concretos, sob pena de se perder o foco e o sentido de qual deve ser a arquitetura do sistema.

Expresso

Proprietária/Editora: IMPRESA PUBLISHING S.A.
Sede: Rua Calvet de Magalhães, 242, 2770-022 Paço de Arcos. NIPC: 501984046
Administração da IMPRESA PUBLISHING: Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Francisco Pedro Balsemão, Paulo de Saldanha, Paulo Miguel Reis, Nuno Conde e Bruno Mateus Padinha
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 100.000 euros, 100% propriedade da Impresa – SGPS, SA, NIPC 502437464
Registo da publicação na ERC: 101.101 ISSN-0870-1970

Diretor-Geral de Informação Impresa Ricardo Costa

Diretor João Vieira Pereira

Diretores-Adjuntos David Dinis, Martim Silva, Miguel Cadete, Paula Santos

Diretor de Arte Marco Grieco

Grande Repórter Micael Pereira

Editor Executivo Pedro Candeias

Editor da edição semanal João Silvestre

Editores Diogo Pombo (Desporto), Eunice Lourenço (Política), Joana Beleza (Multimédia), João Carlos Santos (Fotografia), João Pedro Barros (Online), Miguel Prado (Economia), Pedro Cordeiro (Internacional), Pedro Lima (Editor-adjunto Economia), Ricardo Marques (Revista E) e Rita Ferreira (Sociedade)

Coordenadores Gerais de Arte Jaime Figueiredo (Infografia), Mário Henriques (Desenho)

Coordenadores Cristina Pombo (Internacional), Elisabete Miranda (Economia), Isabel Leiria (Sociedade), João Cândido da Silva (Online), João Miguel Salvador (Online), Lia Pereira (Revista E), Lídia Paralta Gomes (Desporto), Mafalda Ganhão (Online), Margarida Cardoso (Porto), Marta Gonçalves (Online), Pedro Miguel Coelho (Redes Sociais), Rui Tentúgal (Fecho), Tiago Pereira Santos (Desenho Multimédia) e Vítor Andrade (Economia)

Arquivo arquivo@impresa.pt

Redação, Administração e Serviços Comerciais Rua Calvet de Magalhães, 242 2770-022 Paço de Arcos Tel. 214 544 000 ipublishing@impresa.pt

Delegação Norte Rua Conselheiro Costa Braga, 502; 4450-102 Matosinhos Tel. 220 437 000

Publicidade Miguel Pacheco (diretor) João Paulo Luz (diretor de receitas digitais) Carlos Lopes (diretor coordenador) Ângela Almeida (diretora da Delegação Norte) Hugo Rodrigues (diretor publicidade) Nuno Martins (gestores de conta) Miguel Teixeira Diniz e Sérgio Alves (gestores de conta) Marta Teixeira e Helena Almeida (gestores de conta da Delegação Norte) Tel. 214 544 073/214 698 798

Tiragem média de maio: **53.280 exemplares**
Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem
apct
Associação Portuguesa de Imprensa

VISAPRESS© Direitos de Autor Protegidos

Subscrições Digitais Expresso
3 semanas: €5,99
52 semanas: €84,99
104 semanas: €139,99
Ligue 214 698 801 ou vá a **expresso.pt**
Dias úteis: 9h às 19h | Sábados: 9h às 14h

Este jornal utiliza papel produzido por empresas certificadas segundo a norma ISO14001 (Certificação de sistemas de Gestão Ambiental) CUIDE DO MEIO AMBIENTE Utilize melhor esta revista depois de a ler Colabore com a sua reciclagem

ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM **expresso.pt/sobre/estatuto-editorial**

Publicidade Online publicidadeonline@impresa.pt

Marketing e Comunicação Mónica Serrano (diretora) Ana Paula Baltazar (coord. de marcas de informação) Susana Freixo (gestora de marca) e Carla Martins (coord. de comunicação para relações externas)

Produção Ana Sengo da Costa (diretora) João Paulo Batlle y Font (coordenador) Carlos Morais e Joaquim Rodrigues (produtores)

Circulação e Assinaturas (papel) Ana Sengo da Costa (diretora) Pedro M. Fernandes (diretor de circulação e produtos Expresso) e João Braz (responsável pela circulação)

Apoio ao Assinante Rita Silva (responsável pelo serviço de apoio ao cliente) Tel. 214 698 801 (dias úteis, das 9h às 19h); *e-mail:* apoio.cliente.ip@impresa.pt

Atendimento Ponto de Venda pontodevenda.ip@impresa.pt

Impressão Lisgráfica Impressão e Artes Gráficas, S.A. Estrada de São Marcos, 27 2735-521 Agualva-Cacém

Distribuição VASP-MLP, Media Logistics Park Quinta do Grajal, Venda Seca 2735-511 Agualva Cacém Tel. 214 337 000 Pontos de venda: contactcenter@vasp.pt Tel. 808 206 545

Lisboa parada

Manuel Salgado e José Sá Fernandes

O artigo de opinião de Moedas “Lisboa, Cidade a Acontecer” contém tantas incorreções, omissões e inverdades que, por dever de consciência, não podemos ficar calados.

Não nos debruçaremos sobre trotinetes, até porque o problema não é o seu número mas sim onde podem circular e ser arrumadas, nem sobre o notório estado deplorável das ruas, nem sobre a JMJ, já que os diversos relatórios são suficientemente esclarecedores. Nem sobre as Praças de São Sebastião e Sete Rios, ou a Casa Jardim da Estrela, obras lançadas e adjudicadas pelo anterior Executivo, ao contrário do que ali se diz.

É tão confusa a explicação sobre cruzeiros e taxas turísticas que não justifica resposta. Já o regozijo de se ter aumentado a devolução de IRS merece o seguinte comentário: os mais desfavorecidos já não o pagavam e para a classe média a devolução é inócua, além de representar uma reversão da progressividade do imposto e uma quebra de €44M na receita municipal, que deveriam ser investidos na melhoria da qualidade de vida dos lisboetas.

Quanto a esquecimentos:

O “Plano de Saúde 65+, que assegura o acesso a um médico aos nossos idosos”, apenas gerou, em 2023, 600 consultas e 2000 teleconsultas e, dos €1,6M orçamentados, só 111 mil foram executados, dos quais 40 mil foram gastos em publicidade. Em 2024, até ao momento, dos €3,1M previstos, foram executados 70 mil. As “clínicas de proximidade” (2 gabinetes) e a sala de mamografia (1 manhã/semana) são irrelevantes para o SNS.

Já o anterior Executivo apostou em ações estruturais, investindo na construção de Centros de Saúde. No final do mandato estavam concluídos Alta de Lisboa e Alto dos Moinhos, em obra Ajuda, Restelo, Beato, Marvila, Alcântara, Fonte Nova e Graça, pronto para iniciar Campo de Ourique e em fase de projeto P. das Nações, Telheiras e Ribeira.

Dizer que “Lisboa é Capital Europeia da Inovação, graças à sua Fábrica de Unicórnios”, omitindo que em 2015 já fora premiada pela UE como Cidade Empreendedora do Ano e em 2016 vencera o Startup Europe Awards, tendo-se realizado nesse ano a primeira Web Summit, é parcial. De qualquer modo, damos os parabéns a Lisboa e aos serviços municipais, que na última década desenvolveram um trabalho notável, atraindo dezenas de empresas. Desconhecem-se as 50 que se diz terem sido agora captadas, nem quantos dos postos de trabalho anunciados ficaram em Lisboa, nem sequer o conteúdo da candidatura apresentada. Certo é que a dita “Fábrica de Unicórnios” não ajudou a transformar uma única *startup* num famoso “Unicórnio”.

O que realmente dói no mandato atual é a falta de continuidade na programação legada para a construção de mais habitações de renda acessível. Não há justificação

Quanto ao mais:

Afirma-se que “os transportes públicos hoje são gratuitos para quase 100 mil jovens e idosos graças ao nosso Executivo”. Lembre-se que foi Medina quem conseguiu o passe único em toda a AML, o que logo baixou o seu preço. Hoje, o Município não paga o passe aos jovens, pois, graças ao Governo de Costa, é o Estado que assume essa despesa, quanto ao dos idosos, apenas custeia uma parte.

Saliente-se, ainda, que as reclamações sobre a Carris aumentaram quase 5 vezes e o incumprimento da sua prestação de serviço piorou 11 vezes durante o mandato de Moedas.

Dizer que “só em 2023 plantámos 14.390 árvores (...) e criámos 30 hectares de cidade verde. (...) Sim (...) o Parque Tejo estava abandonado quando cheguei. Não é difícil de ver — é apenas preciso olhar para a direita ou para a esquerda (...) na Ponte Vasco da Gama”, e comparar isto com o passado, é inimaginável.

É que Lisboa foi Capital Verde Europeia 2020, pela implementação dos corredores verdes sonhados por Ribeiro Telles, pelo melhoramento de todos os parâmetros ambientais e pela qualificação do espaço público, criação de área verde e instalação de quiosques e esplanadas.

A plantação de árvores no atual mandato resulta basicamente da execução de um programa internacional a quatro anos iniciado pelo anterior Executivo.

Escandalosa é também a referência ao Parque Tejo, um aterro sanitário selado e vedado aquando da Expo. Em 2018 foram encomendados os estudos de adaptação do terreno para acolher a JMJ e depois lançado o concurso para a obra. Seguir-se-ia a elaboração do projeto paisagístico do parque, em articulação com Loures, já integrando a ponte sobre o rio Trancão, cuja obra se iniciou antes de Moedas. O atual Executivo limitou-se a adjudicar a empreitada do aterro. Lamentavelmente, não apresentou ainda qualquer desenho para o seu futuro.

Quando se passa na Vasco da Gama veem-se zonas verdes de um lado, concretizadas para a Expo 98, e do outro apenas um descampado (sem uma árvore, um abrigo ou um banco) onde se eleva uma milionária pala que, ao contrário do que foi garantido, nem sequer serve para palco de eventos.

Sobre a expressão “as mais de 1800 casas que já entregámos às famílias e que estavam fechadas e abandonadas pelo Executivo socialista”, diga-se: destas, 1050 foram deixadas em obra ou prontas (588 novas, mais 186 em reabilitação e 276 em curso). As restantes resultam da gestão corrente de substituição de inquilinos da Gebalis, o que sempre se fez.

Admitindo que a política de habitação de uma cidade deve ser sempre passível de discussão, inclusive as políticas do passado, o que realmente dói no mandato atual é a falta de continuidade na programação legada para a construção de mais habitações de renda acessível. Não há justificação.

Em conclusão, a propaganda ofusca a realidade. Lisboa está parada.

LEIA TAMBÉM EM *EXPRESSO.PT*

O PS não deve aprovar o Orçamento — ASCENSO SIMÕES

Mira Amaral — LOUCURA RENOVÁVEL

Rescaldo das europeias — LEONOR CANADAS

A Europa de Costa a contra-Costa

Rui Tavares
politica@expresso.impresa.pt

Outro António de Lisboa, neste caso Guterres, foi eleito secretário-geral das Nações Unidas pela Assembleia-Geral, a 13 de outubro de 2016. O ambiente na sala foi magnífico. A embaixadora dos EUA, Samantha Power, proferiu um discurso que tinha escrevinhado minutos antes, ali mesmo numa cadeira à vista de todos, e no qual elevava aos píncaros o humanismo do ex-primeiro-ministro português e lembrava episódios do papel que ele desempenhara (e ela conhecera bem) durante a crise de Timor-Leste. As delegações da Federação Russa e da República Popular da China estavam ambas bem predispostas com a escolha: apesar do apoio dos americanos, Guterres não era visto como sendo um homem de Washington; e, apesar de vir da União Europeia, tampouco era de Bruxelas. A sua independência foi salientada por toda a gente.

Dali a um mês, Hillary Clinton seria naturalmente eleita, mais um ou dois juízes progressistas seriam nomeados para o Supremo dos EUA e Guterres poderia começar a planear o futuro do internacionalismo, a começar por uma reforma da ONU — só que não. Passado um mês, foi Trump inesperadamente eleito, o sistema internacional entrou em crise e várias guerras depois Guterres continua a correr atrás do prejuízo.

Por estes dias, correndo tudo como esperado, outro António de Lisboa, desta vez Costa, será eleito para a presidência do Conselho Europeu. O ambiente é quase diametralmente oposto ao de 2016. Por agora, toda a gente antevê a possibilidade de — num ritmo louco que começa já este fim de semana — a extrema-direita ganhar eleições legislativas em França e de Trump voltar à Casa Branca, dificultando em muito a defesa da Ucrânia e abrindo uma brecha para uma vitória de Putin. Como a política é um jogo de expectativas, o que é esperado de Costa é que aguente o barco em mares revoltos com aquele ar impávido que lhe conhecemos tão bem. A única coisa de que ele precisa, supõe-se, é aprender a dizer “vamos lá ver” em outras línguas.

Mas precisamente porque a política é um jogo de expectativas, vale a pena olhar para a Europa e o seu futuro próximo mais profundamente, para que se perceba que o maior problema de nós todos está ali bem perto, dentro da sala do Conselho Europeu, e foi por Costa desvalorizado desde o início.

Para a visão superficial, o maior problema da Europa é geopolítico. Mas a UE atravessou o ‘Brexit’, uma pandemia e uma guerra no continente com mais resiliência do que os seus críticos profetizaram desde o início. E agora, aliás, é o momento em que o ciclo começa discretamente a virar. No Reino Unido, as eleições vão varrer do poder um Partido Conservador obcecado em conseguir o ‘Brexit’ mais puro possível. A partir de agora, primeiro discretamente, em pautas técnicas, vai começar uma reaproximação com a UE, que na prática se assemelhará ao modelo da Noruega. Boas negociações com a Islândia poderiam facilitar a projeção da UE em direção ao Ártico. No outro extremo, o alargamento à Ucrânia (com as fronteiras que entretanto resultarem da relação de forças e de negociações) fará da UE ainda mais uma potência agrícola do que já é. Se isto é uma UE em crise geopolítica, qual é o cenário de não crise que imaginam? A estagnação?

O que é esperado de Costa é que aguente o barco em mares revoltos com aquele ar impávido que lhe conhecemos tão bem. A única coisa de que ele precisa, supõe-se, é aprender a dizer “vamos lá ver” em outras línguas

O problema da UE não está fora, mas dentro — como sempre esteve. Desde 2010 que a União tem uma crise de estado de direito, emblematizada por um Governo, o húngaro, de Viktor Orbán, que não só esvaziou a democracia em casa como dentro do Conselho Europeu faz o papel de submarino de Vladimir Putin. E esse seu exemplo que foi depois seguido por todos os aprendizes de autoritários no resto do continente. Se a União tivesse levado tão a sério os seus valores fundacionais, expressos logo no artigo 2 do seu Tratado, como levou há uma década umas décimas de défice, estaríamos agora em muito melhor posição. António Costa, como membro do Conselho, escolheu ignorar e adiar o problema. Agora, como seu presidente, veremos se finalmente muda de posição. Porque é aí que está a chave do seu mandato — e do lugar com que ficará na história.

Miguel Poiares Maduro
politica@expresso.impresa.pt

O SEGREDO SECRETO

Para que serve o segredo de justiça? Por um lado, para proteger a eficácia da investigação criminal (pensem, por exemplo, em como escutas de pouco servem se alguém souber que é suspeito e pode estar a ser escutado). Por outro lado, o segredo de justiça também serve para proteger interesses daqueles que são objeto dessas investigações, como a proteção da vida privada ou a presunção de inocência.

Mas nem sempre o segredo e os interesses que protege devem prevalecer. Desde logo, é um princípio da justiça que esta deve ser feita em público (na famosa formulação de um juiz britânico, "não basta fazer justiça, é necessário que se veja que se faz justiça"). Em muitas dimensões a justiça impõe a publicidade da fundamentação que tem de suportar as decisões judiciais ao caráter público das audiências. Mas, para além da justiça exigir que o segredo seja a exceção, e não a regra, outros valores, como a liberdade de informação (e o direito a ser informado), podem impor que o segredo ceda perante a publicidade. É o que nos diz a jurisprudência do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos e de outros tribunais. O TEDH entende que, na medida em que contribua para o debate público, a divulgação de informação confidencial ou sujeita a segredo (incluindo segredos de Estado) pode ser justificada, exceto se o dano causado nos outros valores for superior. Isto exige ponderar caso a caso o interesse público que essa informação pode ter por comparação com os interesses protegidos pela sua não divulgação, como a privacidade, segurança nacional ou presunção de inocência.

Esta ponderação está ausente do nosso debate nacional, produzindo enormes incoerências. Num dia criticam a violação do segredo de justiça num processo. No dia seguinte discutem livremente, e com entusiasmo, informação que resulta da violação do segredo de justiça num processo diferente ou de áudios ou documentos obtidos ilegalmente. Fazem-no consoante a maior ou menor simpatia que lhe merece quem é o autor e a vítima dessas violações. Só isso explica que pessoas que se indignaram com a divulgação das escutas na Operação Influencer não o tenham feito noutros casos ou, de forma ainda mais inconsistente, celebraram a libertação de Assange, ou não tenham tido reservas em comentar os áudios de Trump, ilegalmente obtidos.

Só faz sentido ter posições diferentes consoante a relevância pública da informação divulgada e a tutela que mereçam, nesse caso concreto, os outros interesses afetados por essa divulgação.

Só caso a caso, perante a ponderação desses diferentes valores, é possível dizer qual deve prevalecer. A decisão não é se o segredo deve ser sempre respeitado ou não. A decisão é quando deve ele prevalecer face ao interesse público na divulgação de certa informação, ainda que confidencial. É isso que impõe a jurisprudência do TEDH, que já condenou, aliás, Portugal pelo processo criminal contra uma jornalista pela divulgação não autorizada do áudio de uma audiência judicial (Processo Pinto Coelho).

A ponderação entre os diferentes valores em causa deveria ser o foco do nosso debate público nesta matéria (incluindo das decisões jornalísticas sobre o que divulgar ou não). Mas seria também um bom ponto de partida para um novo regime do segredo de justiça. Um, como em alguns Estados, em que compete ao juiz que controla ou conduz cada fase do processo fazer essa ponderação de valores e determinar o que e quem estaria sujeito ao segredo em cada momento. Para além de permitir a ponderação caso a caso dos valores em conflito, este seria um regime verdadeiramente eficaz e que contribuiria para um novo paradigma de comunicação na justiça (incluindo do Ministério Público).

A foto da semana

Por **Pedro Cordeiro**
pcordeiro@expresso.impresa.pt

HAIA O homem que posa descontraído com transeuntes na capital dos Países Baixos é seu primeiro-ministro há 14 anos e está prestes a deixar o cargo. Ruma à Aliança Atlântica, cujos 32 Estados-membros o nomearam secretário-geral, quarta-feira, com posse marcada para 1 de outubro, sucedendo ao norueguês Jens Stoltenberg. Quarto neerlandês a chefiar a organização, terá na agenda a guerra na Ucrânia e a dúvida sobre quem vencerá as presidenciais americanas FOTO ROBIN UTRECHT/ANP/AFP/GETTY IMAGES

Está na altura de darmos às suspeitas do Ministério Público o mesmo tratamento que na Europa estão a dar

Levar a presunção de inocência a sério

Luís Aguiar-Conraria
Professor de Economia da Univ. do Minho
lfaguiar@eeg.uminho.pt

António Costa foi escolhido pelas famílias políticas do PPE, socialistas e liberais para ser o próximo presidente do Conselho Europeu, ao mesmo tempo que sabemos que está a ser investigado por um potencial crime de corrupção. A conclusão é que já nem na Europa se leva o Ministério Público a sério. Andou meio mundo político em Portugal a exigir que se esclarecesse quais as suspeitas que recaíam sobre António Costa, dizendo que tinha o direito de continuar com a sua vida política, mas não foi necessário: as suspeitas do Ministério Público não causam mossa. Quando muito, esse assunto terá sido explorado pela fação não socialista da Europa para vender o seu apoio um pouco mais caro.

O que conhecemos sobre a Operação Influencer é muito pouco. Tão pouco que temos de inferir a partir do que não sabemos. As fugas de informação a que vamos tendo acesso, como a escuta sobre o despedimento de Christine Jeanne Ourmières-Widener, têm, ou parecem ter, o objetivo de denegrir a imagem de alguns ex-governantes socialistas, incluindo o, mas não se limitando ao, ex-primeiro-ministro.

Peguemos no caso do despedimento de Christine O.-W. A fuga de informação aconteceu no preciso momento em que se discutia o seu nome para presidente do Conselho Europeu e revelou alguém que não tinha pudor em despedir um administrador de uma empresa pública por motivos puramente políticos. Logo na altura me pareceu que o impacto seria menor: quantos chefes de Estado europeus não terão já dito a um dos seus ministros para se ver livre de um determinado gestor público que estava a causar problemas?

(A revelação em si não me causou estranheza. Considero até legítimo que, por razões políticas, se decida que um determinado administrador tem de abandonar o cargo. E é possível que fosse esse o caso e que a posição de Christine O.-W. à frente da TAP se tivesse tornado impossível. O que me incomoda é que, a seguir a essa decisão, não se negociasse uma rescisão amigável. Ao invés, alegou-se justa causa para despedir alguém, arrastando para a lama o nome de uma prestigiada gestora europeia e, ainda mais grave, mobilizando e instrumentalizando um organismo do Estado, a Inspeção-Geral de Finanças, para concretizar um saneamento político.)

É impossível saber, com certeza, se de facto o objetivo destas fugas de informação é o de denegrir a imagem dos visados, mas no resto do artigo escrevo nesse pressuposto. E a principal consequência desse pressuposto é que o que há de pior para revelar já foi revelado. Tudo o resto são corolários.

Se não há qualquer fuga criminalmente relevante sobre António Costa, é porque não têm nada para revelar

O primeiro corolário é o de que, se não há qualquer fuga criminalmente relevante sobre António Costa, é porque não têm nada para revelar. Em 24 de novembro de 2024 escrevi neste jornal que, até prova em contrário, estava convencido da inocência quer de António Costa quer de João Galamba quanto aos crimes de que se falava (o que não quer dizer que não os condenasse no plano político, sublinhe-se). Hoje estou ainda mais convencido de que não há mesmo provas em contrário. Lá está, se houvesse, as seletivas fugas de informação já as teriam revelado.

Chegados ao ponto em que o Ministério Público perdeu grande parte da credibilidade que tinha — tendo já um longo historial de montanhas de suspeitas que não parem mais do que um rato —, está na altura de darmos às suas suspeitas o mesmo tratamento que na Europa estão a dar. A não ser quando as fugas de informação revelem indícios fortes da prática de crimes, temos mesmo de levar a sério o princípio da presunção de inocência.

(Diga-se que a condenação de Manuel Pinho não é suficiente para reverter esta sensação: mau era que não conseguissem condenar alguém que, confessadamente, recebeu 15 mil euros mensais enquanto era ministro.)

A esquerda política de Lisboa vê com muito bons olhos a candidatura à Câmara Municipal do ex-ministro Duarte Cordeiro, que, por sua vez, se recusa a ser candidato ao que quer que seja enquanto não for ilibado de quaisquer suspeitas na Operação Influencer. A posição de Duarte Cordeiro é muito digna, mas, face à informação que temos hoje, é difícil de compreender. Tudo leva a crer que o que de embaraçoso existe contra si já foi revelado. Se se sente de consciência limpa, deve avançar.

Vivendo em Braga, ocasionalmente cruzo-me com o ex-ministro Miguel Macedo. De cada vez que o vejo lembro-me de como um dos ministros mais populares da época (num Governo em que a impopularidade era a regra) viu a carreira política destruída por causa de uma acusação criminal. De pouco lhe valeu que, uns anos depois, um tribunal o considerasse inocente.

O princípio de que alguém que seja arguido, ou que seja alvo de investigação pelo Ministério Público, se deve automaticamente abster de qualquer participação política é um ótimo princípio quando a justiça funciona. Fui seu fervoroso defensor. Mas quando o Ministério Público perde a credibilidade, deixa de ser um bom princípio ético.

Henrique Raposo
henrique.raposo79@gmail.com

MEMÓRIAS DE UM COXO: A TRIANGULAÇÃO

O futebol é um eco que a infância vai atirando para a banda sonora da vida adulta; é um sinal que vem de outro planeta, o som chega com cortes ou com a chuva da estática, mas as emoções estão lá completas e cintilantes, quer as emoções do jogo, aquele passe lendário ou aquela defesa de feiticeiro, quer as emoções que partilhámos com as outras pessoas, o choro coletivo ou aquele abraço que foi além da rotina social e que por isso não se esquece. Querem saber quão íntimas são duas pessoas? Vejam a forma como comemoram um golo da seleção num Euro ou Mundial. Neste dialeto familiar cerzido pelo abecedário da bola, eu preciso do meu velho, porque ele é o centro emissor do eco que me chega do passado e, mesmo hoje em dia, comunicamos através da comemoração do golo, falamos em silêncio através de abraços e apertos de mão que estalam no ar.

O futebol são os caminhos da infância dentro da vida adulta, túneis nostálgicos que se escondem dentro das paredes das casas e dos escritórios. Sim, andamos por aí na nossa vidinha adulta, percorrendo corredores e salas, mas as paredes são ocas e lá dentro circulam as memórias infantis que, durante estas semanas de Euro e Mundial, irrompem como *gremlins*, partindo tijolo, cimento e estuque para a seguir se sentarem no sofá: o bairro inteiro na minha sala para ver o Euro 84, porque tínhamos a primeira televisão a cores, eu escondido debaixo da mesinha de centro da sala; a alegria galáctica e a desilusão do México 86 por causa do Futre, o meu primeiro herói futebolístico e razão do meu fascínio pelos rebeldes canhotos, Hagi, Stoichkov, Maradona, Rivelino, Chilavert, Redondo; no dia do Portugal-Marrocos, a suprema humilhação, fomos para a beira da A1 ver os carros do Rally de Portugal a chegar a Lisboa, o Lancia Delta e o Toyota Celica; a alegria à janela durante o Euro 2000, eu e o meu pai com o orgulho de finalmente vermos uma seleção como a das calendas de 66.

O futebol de seleção é o diálogo entre gerações que nos resta

Até agora este mundo dos afetos comunicados através da linguagem não verbal da bola era uma linha reta entre mim e o meu pai. Agora há uma nova camada que faz uma triangulação: eu, pai, filhas. O que antes era um passe de baliza, a baliza é agora um jogo de tabelinhas, um perpétuo *tika-tika* entre décadas, entre séculos, na verdade: estou a ver um jogo com a Sofia lado a lado no sofá e, ao mesmo tempo, estou a lembrar-me do tempo em que via jogos com o meu pai no mesmíssimo sofá. Mas agora é ela quem está a construir as memórias fundadoras, que têm uns pilares mais fortes do que as minhas: ela lembra-se da vitória de 2016, lembra-se de ver o pai a chorar de alegria no ombro ossudo de um amigo, lembra-se de ir para a varanda com amigas gritar uma vitória total, e não apenas um bom jogo. Ele tem uma mansão, eu tinha uma barraca. Para terminar, é ainda engraçado ver como as comemorações dos golos ilustram as diferentes regras dos afetos das diferentes gerações. Eu e a Sofia comemoramos com gestos e danças que seriam consideradas impróprias em 1990 entre pai e filho. O futebol de seleção é o diálogo entre gerações que nos resta.

Opinião

Ângela Silva
avsilva@expresso.impresa.pt

Foge, Pedro Nuno

António Costa safou-se na hora certa e o PS que deixa é um animal ferido. A vitória do partido por poucochinho nas europeias de junho ficará para a sua grande vitória em Bruxelas como uma taça de champanhe, mas para Pedro Nuno Santos o pódio de junho é apenas a casa de partida de um jogo sem rumo certo.

Sabemos que Pedro Nuno adoraria ter sido o líder de esquerda que Costa foi em 2015, sabemos que os muros que Costa derrubou acabaram em tragédias eleitorais para as esquerdas mais radicais e também sabemos que cá dentro e lá fora a conjuntura é hoje de viragem à direita. Na vida, como na política, é assim: há quem tenha oportunidades na hora certa e quem pareça desencontrado do momento e não é certo que o sucessor de António Costa tenha a 'estrelinha'. "Ele precisa de tempo" é o novo mantra no PS e ninguém disfarça como a míngua da família política que Pedro Nuno Santos mais sente como sua, lhe gera angústia estratégica e conflito interior.

Viu-se quando Mariana Mortágua quis ser recebida no Largo do Rato no âmbito dos encontros que promoveu com PS, PCP, Livre e PAN com vista a uma alternativa de esquerda e Pedro Nuno não quis registo de imagens e ficou mudo (deixou Mortágua a falar sozinha), limitando-se o PS a dizer que correu bem. E volta a ver-se agora, quando Livre e BE pressionam os socialistas a avançarem já com compromissos para as autárquicas de 2025 e ele cala-se e ganha tempo. É que mesmo sendo encarniçadamente de esquerda, era preciso o sucessor de António Costa não ter aprendido nada com ele para cair na esparrela de precipitar anúncios públicos de uniões de facto com os velhos aliados.

Alexandra Leitão diz ter condições para ser primeira-ministra. Seria burlesco Pedro Nuno Santos responder que ainda não meteu os papéis para a reforma

Basta fazer contas. Se a esquerda à sua esquerda saiu das legislativas com 700 mil votos e quase desapareceu nas europeias, somar à esquerda não rende o que rendia e negócios autárquicos à esquerda não devem tramar o objetivo vital que é crescer ao centro. Coisa que, com uma direita moderada que acabou de chegar e que resiste à direita radical, nem é projeto certo para amanhã (Marcelo terá defeitos mas é bom radiologista e percebeu como Luís Montenegro vai ser duro de roer), nem se compadece com nostalgias de reviver 2015 às portas de 2025. Pedro Nuno parece ter percebido isso e já aceita pactos com Montenegro em áreas-chave — a dianteira no da Justiça foi bem jogada — a tatear caminhos para poder viabilizar o Orçamento de Estado. Com uma certeza: estando sob vigilância apertada, não pode nem deve dar muito nas vistas.

Alexandra Leitão, uma das dirigentes mais próximas do líder socialista e uma das vozes mais radicais na ala esquerda do PS, veio esta semana dizer que é uma das mulheres no partido "com condições" para chegar a primeira-ministra (já houve quem pensasse em Marta Temido). É cedo para ser uma ameaça e seria burlesco Pedro Nuno responder que ainda não meteu os papéis para a reforma, mas é este o apertado beco do líder socialista. Há uma esquerda aflita que não o vai largar e lhe pedirá contas e há um centro que nunca o engoliu Costa na sua versão mais *gauche*. Vamos ver se ele descobre do que mais tem de fugir.

Dois criminosos, duas medidas

Daniel Oliveira
danieloliveira.lx@gmail.com

Para além das 14 mil crianças mortas em Gaza, há quatro mil desaparecidas e 17 mil não acompanhadas. Todos os dias 10 crianças perdem uma perna. A ONU relata utilização contra bairros e casas, sem aviso prévio, de bombas capazes de destruir infraestruturas sólidas. Mas a arma israelita mais eficaz é a fome. Quase toda a população de Gaza enfrenta níveis elevados de insegurança alimentar aguda, o que a coloca na fase de "emergência", a segunda mais grave. E meio milhão vive o último patamar da fome coletiva. Em abril, havia 300 mil retidos no Norte de Gaza a sobreviver com uma média de 245 calorias diárias, 12% do recomendado. A situação terá melhorado no Norte, mas piorou muito no Sul.

Chegam-nos cada vez menos imagens, porque Israel impôs o bloqueio através de ataques a jornalistas. A última a tornar-se viral foi facilmente recolhida por ter acontecido na Cisjordânia: um palestiniano ferido foi amarrado ao topo de um veículo militar durante uma operação. O que se passa naquele território atira por terra a ideia de que esta é uma guerra conta o Hamas. O genocídio em Gaza até funciona como manobra de diversão para esconder o que está a acontecer na Cisjordânia. A 9 de junho, em declarações gravadas e confirmadas, o ministro das Finanças, Bezalel Smotrich, disse aos colonos na Cisjordânia que o Executivo está empenhado em alterar irreversivelmente o governo do território, cimentando o controlo israelita sem ser acusado de anexação formal, o que passará pela criação de um sistema civil israelita separado ao lado das forças militares ocupantes. "Será mais fácil de engolir no contexto internacional e legal", disse Smotrich. É o "Haaretz" que escreve o que se tem medo de escrever na Europa: "Netanyahu, Smotrich e os seus colegas estão a anexar a Cisjordânia. Estão a instituir o *apartheid* e a destruir a solução dos dois Estados." E é por isto que o reconhecimento do Estado da Palestina, que o Governo português se recusa a acompanhar, é tão urgente.

Netanyahu não tem medo da justiça internacional, da ONU ou mesmo da Casa Branca. Sabe que são tudo palavras. As armas, o dinheiro e os apoios que interessam continuam a chegar. Nem sanções simbólicas, como barrar a participação no Festival da Canção ou nos Jogos Olímpicos, se veem. Até a oposição interna é mais resoluta do que os falsos amigos de Israel, que, com o apoio cego, o encaminham para o precipício. Esta guerra nunca pretendeu salvar os reféns sequestrados pelo Hamas. Uns e outro até são úteis para os dois propósitos deste Governo: acelerar a destruição da solução dos dois Estados e adiar a prisão do corrupto Netanyahu. Por isso o gabinete de guerra foi dissolvido, afastando do comando "moderados" e generais próximos da oposição.

Há proximidade entre os crimes em Gaza e na Ucrânia; entre a anexação do Donbass e o que está a acontecer na Cisjordânia, e na violação do direito internacional e desprezo pelas organizações internacionais. Até na esperança de Putin e Netanyahu na vitória de Trump. Deviam ser tratados de igual modo: dois candidatos a partilharem a mesma cela

Se houver uma diferença entre os crimes cometidos pelos soldados israelitas em Gaza e pelos soldados russos em Bucha, será a frieza tecnológica. Se houver diferença entre o que Israel está a fazer em Gaza e o que a Rússia fez em Mariupol, será a destruição na cidade ucraniana ter sido um pouco maior, mas o número de mortos civis no território mais densamente povoado do mundo ter sido superior. Se houver diferenças entre a anexação do Donbass e a que se está a fazer na Cisjordânia, enquanto Gaza concentra as nossas atenções, será a falta de clareza. Da violação do direito internacional ao desprezo pelas organizações que o administram, da amoralidade expressa pelos círculos próximos de Netanyahu e de Putin à desumanização de outro povo, nada os distingue. Até a esperança na vitória de Donald Trump, para que nada os trave, os aproxima. A ilegalidade e a amoralidade de ambos resultam da ideia de predestinação nacional, étnica ou religiosa a que todos os outros se devem submeter. O sionismo, projeto emancipatório que levou à extraordinária fundação de Israel, transformou-se, nas mãos da extrema-direita, num projeto de limpeza étnica. E o responsável por esta sinistra transfiguração foi o apoio incondicional dos EUA e da Europa. Sem limites, humanos e Estados fazem o mesmo: oprimem, roubam e matam.

Há, no entanto, uma grande diferença: quem, no Ocidente, demonstre menor vigor na condenação da Rússia é tratado como pária político. Já quem manifesta solidariedade com Israel, quando assistimos ao genocídio de um povo, entra em todos os salões políticos. Mesmo que não hesite em pôr em causa a ONU ou os tribunais internacionais, exatamente como fazem os putinistas. Pelo contrário, os que se batem pela dignidade humana e pelo direito internacional em Gaza arriscam-se a levar com o asqueroso ferrete de antissemita. Apoiantes da agressão russa e da agressão israelita têm uma coisa em comum: escolheram o seu criminoso. Seria menos indigesto se pusessem as coisas com a frieza com que se diz que Roosevelt pôs, falando de Anastasio Somoza García, ditador e pai de ditador da Nicarágua: "Pode ser um filho da puta, mas é o nosso filho da puta." Seria tudo claro e não nos vinham com discursos morais sobre direitos humanos e direito internacional. A moralidade ficaria para quem tem a coerência de tratar Putin e Netanyahu de igual modo: dois candidatos a partilharem a mesma cela.

FOTO MIKHAIL SVETLOV/GETTY IMAGES

Além de etnonacionalistas e cosmopolitas

Teresa Violante
politica@expresso.impresa.pt

Em entrevista ao "El País", Steven Levitsky, politólogo e um dos autores do livro "Como Morrem as Democracias", identificou umas das linhas fraturantes das nossas sociedades. Segundo ele, nas grandes democracias ocidentais o eixo principal já não se estabelece entre esquerda e direita, mas entre etnonacionalistas e cosmopolitas. A coligação cosmopolita integra tanto patrões como sindicatos, é urbana, secular, mais tolerante com a diversidade. A frente nacionalista apregoa os valores da soberania, do localismo, da pureza das nações e das economias.

Embora a dicotomia possa ser útil nalguns contextos, noutros não apreende várias das fraturas que atravessam as nossas comunidades políticas. Por detrás das classificações mencionadas, escondem-se realidades multifacetadas, e normativamente distintas.

O etnonacionalismo remete-nos para ideias de relativa uniformidade de comunidades políticas, por referência a fatores étnicoculturais. A homogeneidade étnica está associada a tempos sombrios da história da Europa, em que a ideia de supremacia racial nazi serviu de alicerce ao assassinato de milhões de seres humanos às mãos do Estado. Conceções políticas que entendem que uma comunidade política se deve definir pela afinidade étnica dos seus membros, excluindo ou degradando os restantes a um tratamento inferior, expressam visões discriminatórias. É por isso que o Tribunal Constitucional Federal alemão repudiou recentemente, de modo tão claro, a conceção do povo em termos étnicos, classificando-a como uma "ideologia racista profundamente enraizada". Mas a ideia de soberania nacional pode também ser enfatizada por quem partilha conceções políticas igualitárias e propugna a diversidade. Talvez isso seja mais visível na Europa do que nos EUA, mas nem todos os soberanistas serão, na dicotomia de Levitsky, etnonacionalistas e menos tolerantes com a diversidade.

Se passarmos para o plano das políticas migratórias, o cenário é também complexo. Políticas migratórias restritivas são adotadas ou preconizadas por diferentes sujeitos políticos. Em primeiro lugar, pelos típicos etnonacionalistas, que olham para a comunidade e para o território em termos meramente raciais e étnicos, e defendem políticas inadmissíveis como a reimigração de imigrantes (legais e ilegais) e a pureza étnica da nação. Outras posições, qualitativamente distintas, pretendem restringir a entrada de imigrantes e facilitar a deportação de imigrantes ilegais, associando estas questões quer a dificuldades de integração de certas comunidades imigrantes no Estado de acolhimento, quer a questões de insuficiências do Estado social. Vejam-se movimentos como o de Sahra Wagenknecht, a nova estrela da esquerda alemã, que associa valores económicos socialistas com conservadorismo. Num contexto de escassez de recursos, Wagenknecht explora problemas como a falta de habitação a custos acessíveis, a falta de professores ou o esgotamento dos serviços de saúde para defender que a generosidade das políticas de imigração alemãs é prejudicial, em primeira linha, para as classes trabalhadoras. Aqui, entram em jogo não apenas argumentos étnicos ou raciais, mas outro tipo de reivindicações de defesa da comunidade política e da democracia, designadamente questões de distribuição de recursos. O governo do liberal Trudeau, que na dicotomia de Levitsky não se qualifica como intolerante com a diversidade, e é decididamente cosmopolita, não hesitou, recentemente, em adotar políticas de contenção de imigrantes, nomeadamente no âmbito dos vistos para estudantes, para lidar com a crise na habitação, num país que é tradicionalmente de imigração. Também os governos liberais de Scholz e Macron têm endurecido consideravelmente as políticas migratórias, para combater o crescimento da extrema-direita. Nas próximas eleições francesas, o eixo que divide as propostas políticas em matéria de imigração não é traçado entre etnonacionalistas e cosmopolitas, mas sim entre a esquerda, por um lado, e o centro e a direita, por outro: Macron acusou as propostas da Nouveau front populaire de serem "totalmente imigratórias", linguagem que era tipicamente utilizada pela extrema-direita para desacreditar os seus adversários políticos.

A dicotomia entre soluções democráticas e derivas autoritárias serão determinantes para apreendermos as diferenças entre as propostas políticas que o cardápio das democracias liberais nos apresenta

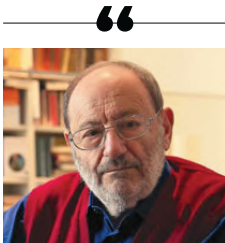
A distinção entre etnonacionalistas e cosmopolitas é uma categoria analítica relevante, mas em muitos casos insuficiente para capturar posições políticas mais densas, designadamente em questões de migrações e justiça social. O binómio esquerda/direita, as categorias da solidariedade e justiça social e, sobretudo, a dicotomia entre soluções democráticas e derivas autoritárias serão determinantes para apreendermos as diferenças entre as propostas políticas que o cardápio das democracias liberais nos apresenta.

Henrique Monteiro

FOTO TIM ROBBERTS/GETTY IMAGES

Uma desistência ou uma derrota — as redes sociais

Há mais de 15 anos abri uma conta no Twitter, rede que, entretanto, se passou a chamar X. Já tinha há alguns anos conta no Facebook e também tenho no LinkedIn, mas essa é outra conversa. Jamais quis ter no Instagram, no Telegram, no TikTok e noutras que por aí abundam. No início, o Facebook e o Twitter eram instrumentos úteis de troca de ideias e de experiências; hoje todas elas (exceciono o LinkedIn, por ser uma rede profissional, mais do que social) são viveiros de estupidez, cobardia, intolerância e populismo desenfreado.

Não quero que me interpretem mal. Nem toda a gente que tem conta naquelas redes sofre dos males apontados. Eu continuo a ter contas (não as tenho usado, mas estão lá) e continuo a ver assuntos interessantes e informações com interesse e humor. Porém, a maioria faz parte dos viveiros mencionados. Qual é o mal (esta pergunta é sacramental numa rede, como se desde que não houvesse mal, estivesse tudo bem)? Um deles, é justamente este: a perceção da linguagem utilizada. Demasiada gente não entende perfeitamente o que está escrito, talvez leia depressa de mais, ou talvez tenha estudado pouca gramática, não faço ideia. Mas não entende, ou não quer entender o que está escrito. Sobretudo, tratando-se de dinheiro, a maioria não distingue quatro milhões de euros de três mil milhões; o que é normal, porque jamais lidou com quantias dessa natureza, nem tem qualificações em matemática ou economia para as entender em todo o seu significado.

> “O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade”
>
> **Umberto Eco (1932-2016),** escritor, filósofo, linguista e académico italiano, um dos grandes pensadores europeus. O romance “O Nome da Rosa” tornou-o globalmente conhecido

Os casos do dia dominam as redes. Já ninguém quer saber do que se passou há dois dias, ou menos ainda há uma semana, ou no mês passado. O que marca as intervenções de uma enorme maioria é o efeito de manada, ou de rebanho. A ideia preponderante é a mais repetida. Qualquer divergência ou oposição a ideias fabricadas nessa máquina de tração é ceifada, destruída e, muitas vezes, apontada como resultado de interesses inconfessáveis de quem as defende.

No Instagram, como em parte no Facebook, além da vaidade que consiste em mostrar que se está em locais paradisíacos a comer e beber manjares tão divinos como a ambrósia no Olimpo dos deuses gregos, também se encontram curiosidades antigas e reflexões pertinentes, ou informações pessoais com relevância para quem for amigo de quem as faz. No entanto, os gatinhos, os corações, as máximas de autoajuda e os desejos do tipo miss Universo, ainda imperam.

Se isto é bastante deprimente, o pior é a Comunicação Social dar uma importância enorme a tudo o que se faz nas redes. Recordo-me de ser considerado vagamente lunático quando nelas entrei, na primeira década deste século. Vejo agora muitos dos que me consideravam como tal, utilizá-las com voracidade e considerá-las como barómetros da opinião pública.

Confesso que me sinto derrotado. As agendas deixaram de ser prioritariamente dos próprios órgãos de Comunicação Social ou das instituições, para serem, em grande medida, do que é escrito por pessoas, tantas vezes abrigadas, ocultas, por nomes que nada dizem; noutros casos, nem pessoas são, mas *bots* programados para reagir a quem sai da linha. Não posso dizer que tenha descoberto agora esta tendência, mas chegou a altura de dizer que desisto. Já passei por muito pior do que passo; por exemplo, em 2018, após ter contribuído para a expulsão de Bruno de Carvalho do Sporting, que ele quase destruiu, recebia mais uma dezena de ameaças por dia — falo de ameaças físicas, como calculam, porque naquelas redes e no tipo de utilizadores a que me refiro, não há argumentação.

O argumento é, aliás, outro atributo que se perdeu. Nas redes quase toda a gente tem certezas absolutas. Por exemplo — e é mesmo ao acaso — o célebre parágrafo do comunicado da procuradora-geral da República foi um golpe de Estado; ou fica provado que Costa maquinou tudo para chegar à Europa; ou, no caso das gémeas está em causa tráfico de influências e favorecimento ilícito; se a mãe das gémeas deixar de mentir ficará em paz; a Rússia proibiu jornais portugueses porque a Europa proibiu canais russos; Moedas deixou os lisboetas às escuras.

Progressivamente, as opiniões tornam-se factos; os factos têm todos o mesmo valor e tudo se equivale, numa massa que apenas favorece os extremos políticos e dificulta quem pretenda debater. A complexidade não existe, nem a dúvida, nem a coincidência, nada. Imagino o Rossio no séc. XVII, em Lisboa, cheio de gente para ver hereges numa fogueira da Inquisição. Não devia ser assim tão diferente.

hmonteiroexpresso@gmail.com

Os dias que me ocorrem

COSTA
Parece que vai ser mesmo designado presidente do Conselho Europeu. Na semana passada, fiz aqui a analogia com a seleção portuguesa, que era fantástica e tinha tudo ganho, até às dificuldades mostradas com a Chéquia; desta vez, que até perdemos com a Geórgia, desejo que a sorte do ex-primeiro-ministro seja diferente e que ele alcance o consenso necessário. E claro que Luís Montenegro faz muito bem em apoiá-lo. Só em mentes duras e corações endurecidos, como o de André Ventura, as pessoas são totalmente más ou boas. O facto de o PSD o considerar um mau primeiro-ministro fazia parte das tarefas da oposição. Apoiá-lo na UE faz parte das tarefas do Governo. Contradição? Nenhuma! Casos diferentes implicam soluções diferentes.

REFORMA
As mudanças na Administração Pública anunciadas pelo Governo parecem ir no bom sentido. O problema é que todos nós — contribuintes e utilizadores dos serviços do Estado — estamos tão desconfiados que somos piores do que São Tomé: não nos basta ver para crer, temos também de experimentar... e durante algum tempo.

MADEIRA
Se houvesse sentido de Estado, Miguel Albuquerque afastava-se, porque está a impedir que haja governo na Madeira. Se houvesse sentido de Estado, a oposição não punha como condição afastar Miguel Albuquerque, que ganhou as eleições. Bastava alguém perceber uma destas coisas para não haver o imbróglio.

ASSANGE
Compreendo que quem está sem liberdade há tantos anos, faça os possíveis pela sua libertação. Mas a confissão que o fundador da WikiLeaks foi ‘obrigado’ a fazer é uma facada nos direitos da Imprensa livre. Ninguém o condena, apenas se pode lamentar que se tenha chegado a este ponto.

RUSSOS
Vejo muita gente a dizer que a decisão russa de banir mais de 80 meios de comunicação social é uma retaliação por a Europa ter calado os órgãos do Kremlin. São os que não percebem a diferença entre a liberdade de Imprensa e a censura que Putin impôs na Rússia. Mas há cabeças duras, como se vê todos os dias...

FRANÇA E EUA
O partido de Le Pen, através do jovem Bardella, pode ganhar as eleições em França, cuja primeira volta é este domingo; é o que indicam as sondagens. Porém, pior do que essa notícia é a que sondagens do “NYT”, antes do debate da madrugada de hoje, dizem que é muito possível que Trump vença, em novembro. Que mais nos poderá acontecer?

ISRAEL
O Supremo israelita disse que não havia razão alguma para os judeus ultraortodoxos não cumprirem serviço militar. Estes pilares do Governo de Netanyahu perderam numa Justiça que é independente, mesmo em guerra.

Antes que me esqueça

SEGUIDORES
Hoje fala-se de seguidores, como no tempo dos profetas. Só que os seguidores são virtuais, de redes sociais controladas por pessoas que, provavelmente, nem gostaríamos que nos governassem: Zuckerberg, Musk, a empresa chinesa ByteDance. De qualquer modo, na rede X (Musk) o candidato de Marine Le Pen tem meio milhão de seguidores; muito longe de Macron (apenas 10 mil) e de Mélenchon (só três mil) ou mesmo do primeiro-ministro, o também jovem Gabriel Attal, primeiro-ministro, com 270 mil. Por cá, António Costa tem 314 mil seguidores (salvo seja) e André Ventura 180 mil (salvíssimo seja). Depois, Bugalho tem 62 mil, Mariana Mortágua 87 mil e Montenegro 32 mil. Mas no TikTok (chinesa) Macron é o rei com 4,5 milhões; Mélenchon 2,4 milhões, Bardella ‘só’ 1,7 milhões e Attal não mais de 313 mil. Em Portugal o único que tem ‘seguidores’ no TikTok que se vejam, é Ventura — 306 mil. Costa, Marta Temido, Bugalho e Luís Montenegro não têm números significativos. Preocupantes são duas coisas: as escolhas serem cada vez mais baseados nesta ‘popularidade’ e os chineses terem, provavelmente, mais dados sobre nós e os nossos líderes do que pensamos.

ÀS CLARAS
Uma das coisas que serviam para elogiar as redes sociais era a transparência com que os assuntos chegavam ao conhecimento público. Porém, ainda esta semana se soube que o PS ficara incomodado pelo facto de o Livre e do BE quererem discutir uma frente de esquerda para as autárquicas e, mais do que isso, terem-no anunciado publicamente. (publicamente pode ser no X, no TikTok ou em qualquer lugar; até os presidentes e primeiros-ministros o fazem). Parece-me que o PS tem razão: há coisas que não se podem fazer em público. Recordem a ‘geringonça’, foi Jerónimo de Sousa que entreabriu uma porta, mas discretamente. Depois disso, o PS, o PCP e o BE debaterem longe do olhar do Rossio e da Inquisição e apresentaram uma solução. Saber fazer as coisas é metade do sucesso que se pode ter. Às escâncaras cada um puxa para o seu lado e o acordo fica mais longe. Mas com redes sociais, que se pode fazer?

ANÚNCIOS
Isto nada tem a ver com política, mas irrita-me profundamente. As pessoas que nos programas da manhã, nas redes, onde puderem ser vistas, anunciam casamentos, divórcios, traições, batizados, nascimentos e falecimentos. Faz lembrar os tempos em que a privacidade não era um valor (senão, talvez, dos privilegiados) e os pregões andavam pelas ruas a devassar as vidas. Ou o ABC, rimas de pé-quebrado que os cegos cantavam para ganhar a vida. Enfim, tudo muito medieval.

Ricardo Costa

O HOMEM QUE FALA MAIS DO QUE MARCELO

Houve ali um curto período em que o Chega esteve quase a deixar de ser um partido unipessoal. Com uma enorme bancada parlamentar, uma jovem dirigente com alta tração nas redes sociais e uma clara ação de pesca à linha nos desserdados do PSD, CDS e IL, bastava ao Chega ter um bom cabeça de lista às europeias para manter a pressão sobre Luís Montenegro e, depois, consolidar estruturas para mostrar força nas autárquicas.

Esse curto período esfumou-se oficialmente na noite das europeias. André Ventura passou a falar sobre tudo e a todas as horas. Mal acontece alguma coisa, quem é o primeiro a falar? Sempre que há uma conferência de imprensa ao início da tarde nos Passos Perdidos, de quem é? Faça chuva ou faça sol, lá está André Ventura.

É curioso que o homem que mais detesta Marcelo Rebelo de Sousa tenha acabado a usar mais o verbo do que o próprio Presidente. Ainda por cima com a enorme diferença de Marcelo o fazer no meio do povo, onde quer que esteja e ao lado de quem calhar. Já Ventura só fala em ambiente controlado, na sede do partido, no Parlamento ou rodeado por um séquito de seguranças.

Tanto Ventura para quê? Sem eleições à vista, com um Governo minimamente consolidado e o maior partido da oposição a precisar de tempo para encontrar espaço, Ventura arrisca

Depois das europeias, Ventura passou ao bombardeamento de tapete. Fala sobre tudo o que mexe

acabar a falar para o vazio ou, pior, de ser aquele vizinho que continua a falar à janela quando já todos se foram deitar, incluindo os que o queriam ouvir.

Marcelo Rebelo de Sousa acaba a carreira em março de 2026. A pouco tempo de sair do cargo, o Presidente já não tem muito a mudar na sua forma de estar: escolheu falar muito e muito falará até sair do cargo. Quando chegou a Presidente era a pessoa mais popular do país, quando foi reeleito idem. Quando sair do cargo provavelmente já não o será, mas isso é indiferente para a sua carreira política.

Ventura está numa posição radicalmente diferente. Fez crescer o Chega exponencialmente em cinco anos. Quer entrar num Governo e, no limite, substituir o PSD como maior partido do hemisfério direito do sistema partidário.

As ambições de André Ventura e do Chega são absolutamente legítimas. Mas não são compagináveis com o estilo fala-barato que emergiu depois das europeias. O absurdo processo que tentou intentar contra o Presidente por traição à Pátria encheu-o de ridículo. As 200 conferências de imprensa que, entretanto, deu só reduzem o valor do que diz.

O Chega é um partido que veio para ficar. Mas desde 9 de junho que os seus dirigentes não sabem lidar com isso.

rcosta@expresso.impresa.pt

VERÃO 2024

Ricardo Dias Felner volta com as dicas de culinária P26

Manuel Cardoso escreve sobre a toxicidade do futebol P27

"Boa Cama Boa Mesa" propõe um roteiro à volta de Saramago P27

TC emperra reeleição de Montenegro no PSD

Juízes do Palácio Ratton têm de validar alteração de estatutos do partido, aprovada em novembro do ano passado

As eleições diretas que deverão reeleger Luís Montenegro como presidente do PSD estão sem data marcada e 'presas' no Tribunal Constitucional (TC). A ideia dos sociais-democratas é convocá-las para setembro, mas sempre tendo em conta os novos estatutos do partido, que foram aprovados pelos militantes em novembro de 2023.

Problema: os estatutos só foram homologados pelo Conselho Nacional do PSD em abril e estão desde essa altura em análise no TC. E o PSD não quer avançar sem a luz verde dos juízes do Palácio Ratton.

Se fossem agora, as eleições teriam de ter em conta os estatutos em vigor nesta altura (os que o PSD quis alterar) e não as regras aprovadas no Congresso de novembro, em Almada, que se transformou num comício de pré-campanha depois da inesperada queda de António Costa duas semanas antes. Entre as alterações mais relevantes feitas pela direção de Montenegro (que foi a única a apresentar propostas de alteração) estão as quotas de género nos órgãos do partido, a criação do cargo de provedor para a Igualdade e ainda um regulamento ético que evite casos como os das Operações Tutti Frutti ou Vórtex.

Eleições europeias já fariam derrapar prazo, mas agora nem tudo está nas mãos do partido

Um desses casos foi o de Pinto Moreira, deputado de Espinho que se manteve no Parlamento (entretanto já saiu) depois de ter sido acusado num caso de corrupção — a direção retirou-lhe a confiança política, mas não o podia impedir de continuar. Agora a ideia é que todos os candidatos a deputados, autarcas e outros cargos públicos passem pelo código de ética, solução que foi já ensaiada nas últimas legislativas, em que os candidatos tiveram de assumir um "compromisso de honra" de que suspenderiam o mandato em casos de condenação em primeira instância ou de pronúncia pela prática de crimes contra o Estado.

Outra alteração de relevo para o funcionamento do partido que aguarda a pronúncia do TC é a prerrogativa dada à direção de escolher os cabeças de lista a deputados em todos os círculos até dois terços dos candidatos "nos círculos com mais de dois deputados". Até aqui não havia regra escrita, o que abriu várias disputas internas no PSD.

Luís Montenegro foi eleito presidente em maio de 2022, contra Jorge Moreira da Silva, e era já sabido que as diretas para o reeleger, que em condições normais seriam dois anos depois, teriam de derrapar à conta das eleições europeias. Com a entrada em funções do Governo PSD e a chegada do verão, setembro era dada como a data mais provável. Mas agora a decisão e o processo interno de marcação de eleições (que demora cerca de dois meses) não estão só nas mãos do partido.

Intentona de golpe fracassou na Bolívia

LA PAZ A tentativa de golpe de Estado da passada quarta-feira na Bolívia foi derrotada pela resistência do povo nas ruas e pela firmeza do Presidente Luis Arce no seu palácio (que, já agora, se chama Palácio Queimado na sequência de uma de muitas outras intentonas das últimas décadas no país andino), cujas portas um tanque arrombara. O mentor da intentona, general Juan José Zúñiga, chefe do Exército, acabou exonerado e detido. A comunidade internacional condenou os acontecimentos e exigiu respeito pela democracia e a Constituição FOTO MATEO ROMAY SALINAS/ANADOLU/GETTY IMAGES

Alunos portugueses na média da OCDE

Nos testes de literacia financeira, Portugal ficou em 9º lugar em 20 países. Desempenho piorou

Os alunos de 15 anos conseguem analisar um extrato bancário, calcular pagamentos em função das taxas de juro, explicar diferentes instrumentos financeiros ou fazer operações matemáticas simples em situações do dia a dia que envolvem pagamento? São estes alguns tipos de tarefas que o PISA — a maior avaliação internacional na área da educação, conduzida pela OCDE — permite perceber se são ou não dominadas pelos jovens destas idades. Portugal foi um dos 20 países que realizaram a parte do questionário dedicada à literacia financeira e, apesar de uma descida nos resultados face ao último ano de aplicação (2022 face a 2018), o desempenho manteve-se na média da OCDE, com o país a ocupar a 9ª posição. Os rapazes pontuaram, em média, mais 8 pontos do que as raparigas (na OCDE a diferença é de 5 pontos), sendo que o estatuto socioeconómico também influencia o desempenho. Em média, os alunos de 15 anos sabem o significado de 6 em 16 termos financeiros apresentados. Salário, empréstimo bancário e orçamento são alguns dos mais familiares.

Novo Banco premeia fotógrafo

Miguel Alves Marquês é o vencedor do 16º Prémio de Fotografia Contemporânea

O vencedor do Prémio de Fotografia Contemporânea Novo Banco Revelação, que regressa após suspensão devido à pandemia, irá apresentar um projeto inédito na Fundação de Serralves, a inaugurar a 18 de julho. Miguel Alves Marquês nasceu em 1996 e é mestrando em Fotografia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Frequentou também a licenciatura de Arquitetura na Copenhagen School of Design and Technology.

Expresso

Sexta-feira 28 de junho de 2024

28 06

#2696
expresso.pt

Últimas

Rússia proíbe *media* portugueses A proibição de acesso a quatro órgãos de comunicação social portugueses, decidida pelo Governo da Rússia, é uma decisão atentatória da liberdade de informação. Quaisquer que sejam as suas motivações, não podemos deixar de lamentar e condenar esta atitude que constitui uma limitação grave à liberdade de informar e de ser informado, pressuposto básico do estado de direito e das democracias. A RTP, o Expresso, o "Público" e o Observador repudiam esta atitude e apelam ao levantamento destas restrições.

Os diretores de informação do Expresso, Observador, "Público" e RTP.

ADSE protesta Os prestadores privados do regime convencionado da ADSE estão "muito preocupados pelo facto de não haver interlocutor ao nível da tutela" daquele subsistema de saúde, avançou fonte oficial da APHP. "Há questões pendentes que não têm resposta desde a demissão do anterior Governo."

Maçonaria abre portas Numa iniciativa integrada nas celebrações do seu 33º aniversário em Portugal, as portas da sede da Maçonaria Regular em Telheiras estarão abertas no sábado 6 de julho. Os visitantes terão assim oportunidade de conhecer por dentro os templos onde se realizam as sessões habitualmente reservadas apenas a maçons.

Expresso ganha Prémio Sapo O Expresso foi escolhido como órgão de comunicação social digital do ano, na 22ª edição dos Prémios Sapo. IKEA, Licor Beirão, Continente, McDonald's, Meo, Penguin Random House e WYcreative foram as outras marcas que levaram galardões para casa nas nove categorias premiadas.

Relvas quer serviço público concessionado O antigo ministro Miguel Relvas, que teve a tutela da RTP no Governo de Passos, defendeu, em artigo no *site* do Expresso, que é desejável alterar o caminho de "concessão do serviço público cometido à RTP", passando, por exemplo, por "um quadro de abertura à sociedade, através da concessão da gestão do serviço público a privados".

Parceria público-privada na Educação Dez escolas públicas e o município de Pampilhosa da Serra são os vencedores do prémio Quem Brinca É Quem É, que contou com 425 candidaturas. Promovido pela Fundação Santander Portugal com a Direção-Geral da Educação, distingue projetos com o método "Aprender Através do Brincar" para alunos do 1º e 2º ciclos.

Zelensky assina acordo O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, recebeu, esta quinta-feira, em Bruxelas, o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, para a assinatura de um acordo de segurança entre a União Europeia (UE) e a Ucrânia.

Cultura compra fotografias de Aurélia de Souza A Comissão para a Aquisição de Bens Culturais para os Museus e Palácios Nacionais adquiriu 200 chapas fotográficas da pintora Aurélia de Souza por cerca de 50 mil euros. A coleção ficará depositada no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto.